

LACAN

*O desconhecido sabe
apenas do*

erro único

asa para a morte

1976-77

Este documento de trabalho tem como principais fontes:

- *L'Insu que sait*, arquivos "mp3" das sessões 1 a 12, disponíveis no [site de Patrick VALAS](#).
- *L'Insu que sait*, versão publicada no N° 21 da revista L'UNEBÉVUE.
- *L'Insu que sais*, versão CHOLLET no site da ELP

O texto deste seminário requer a *instalação da fonte específica*, chamada "Lacan", disponível aqui: <http://fr.ffonts.net/LACAN.font.download> (*coloque o arquivo Lacan.ttf no diretório c:\windows\fonts*)

As referências bibliográficas privilegiam as edições mais recentes. Os diagramas são refeitos.

NB O que aparece entre colchetes [] não é de Jacques LACAN.

(Contato)

Tabela de sessões

Lição 1	16 de novembro de 1976	1976
Lição 2	14 de dezembro de 1976	
Lição 3	21 de dezembro de 1976	
Lição 4	11 de janeiro de 1977	
Lição 5	18 de janeiro de 1977	
Lição 6	08 de fevereiro	1977
Lição 7	15 de fevereiro	1977
Lição 8	08 de março	1977
Lição 9	15 de março	1977
Lição 10	19 de abril	1977
Lição 11	10 de maio	1977
Lição 12	17 de maio	1977

16 de novembro de 1976

[Tabela de sessões](#)

Então ! Tem um cartaz desses que professa... Você sabia ler? O que significa para você?

O desconhecido que sabe, mesmo assim faz blá-blá, é equívoco. *O desconhecido que sabe*, e depois traduzi o *Unbewußt*.

Eu disse que havia – no sentido do uso do partitivo em francês – que havia “ *de l'une-bévue* ”.

É uma maneira tão boa de traduzir o *Unbewußt* como qualquer outra, como o inconsciente em particular, que em francês, e também em alemão, inconscientemente equívocos.

O inconsciente não tem nada a ver com o inconsciente. Então, por que não traduzir tudo silenciosamente pelo *une-bévue*.

Especialmente porque tem imediatamente a vantagem de destacar certas coisas: por que nos forçamos a analisar os *sonhos*, que constituem um *erro* como qualquer outra coisa, como um *ato fracassado*, exceto que há algo em que nos reconhecemos. Nos reconhecemos no *chiste*, porque o *chiste* vem do que chamei de *lalíngua*, nos reconhecemos no *chiste*, escorregamos nele... e sobre isso FREUD fez algumas considerações que não são desprezíveis. Quero dizer que o interesse do *chiste* pelo inconsciente está mesmo assim ligado a essa coisa específica que envolve a aquisição de *lalíngua*.

De resto, devemos dizer que para a análise de um *sonho* devemos nos ater ao que aconteceu no dia anterior? Não vai por si só. FREUD fez disso uma regra, mas ainda seria apropriado perceber que há muitas coisas que não apenas podem voltar mais alto, mas que estão ligadas ao que pode ser chamado de “ *próprio tecido* ” do 'inconsciente'.

O *ato perdido* também é um assunto que deve ser analisado de perto de acordo com o que aconteceu, não no dia anterior, mas desta vez durante o dia, é realmente algo que levanta questões.

Este ano, digamos que, com esse *desconhecimento que o une-bévue sabe*, estou tentando introduzir algo que vai além, que vai além do inconsciente:

que relação há entre isso que devemos admitir que temos um *interior* que chamamos como podemos...

psiquismo, por exemplo, vemos até Freud escrever “ *endo* ”, *endo-psíquico*.

Não é evidente que o *ÿÿÿÿ* [psuké] seja *endo*, não é evidente que este *endo* deva ser *endossado*

...que relação existe entre esse *endo*, esse interior, e o que comumente chamamos de *identificação* ?

Em suma, é isso que, sob este título que é como aquele fabricado para a ocasião, é isso que *eu gostaria de colocar sob este título*.

Porque... é claro que a identificação é o que se cristaliza em uma identidade.

Além disso, essa “ ...ficação ” em francês está em alemão dita diferente, *Identifizierung*, diz FREUD, em um lugar onde fui buscá-la, porque não me lembrava de ter feito um seminário sobre a *Identificação*...

"Não me lembrava": ainda me lembrava do que estava no capítulo, não sabia que tinha dedicado um ano a ele

...mas lembrei que existem para FREUD, pelo menos três modos de *identificação*, a saber:

– a *identificação* à qual ele reserva – não sei bem por que – a qualificação *do amor*.

O *amor* é a qualificação que ele dá à *identificação com o pai*.

– O que é, por outro lado, que ele propõe de uma *identificação* feita de *participação* ?

Ele chama isso, ele atribui isso à *identificação histérica*.

– E depois tem uma terceira *identificação* que é aquela que ele faz com uma linha, uma linha que eu já tive...

Ainda tinha a memória disso sem saber que tinha feito um *seminário* inteiro sobre a *identificação* ... de um *traço* que chamei de “ *unário* ”.

Esse *traço unário* nos interessa porque - como aponta Freud - não é algo que tenha a ver especificamente com um *ente querido*. Uma pessoa pode ser indiferente e um *traço unário* escolhido como base de uma *identificação*. Isso não é insignificante, pois é assim que FREUD acredita que pode dar conta da *identificação* ao pequeno bigode do Führer, que todos sabem que teve um grande papel.

Esta é uma questão de grande interesse porque resultaria de certas declarações que foram feitas, que o *fim da análise seria identificar-se com o analista*. Para mim, acho que não, mas de qualquer forma é o que suporta de qualquer forma BALINT, e é muito surpreendente. Com o que, então, nos identificamos ao final da análise? Será que nos identificaríamos com nosso inconsciente? Isso é o que eu não acredito.

Não acredito, porque o inconsciente fica...

Eu digo "fica", não digo "fica para sempre", porque não existe eternidade
... permanece o *Outro*. É o *Outro com O maiúsculo* que está em jogo no *inconsciente*.

Não vejo que se possa dar um sentido ao *inconsciente*, senão situá-lo neste Outro, portador de significantes, que puxa as cordas *do* que se chama imprudentemente... *sujeito* é a partir do momento em que depende tão inteiramente *do Outro*.

Então, em que consiste a análise? Se *identificaria* ou não ...

se *identificam* tomando suas garantias, uma espécie de distanciamento
...identificar-se com o seu *sintoma* ?

Eu afirmo que o *sintoma*, pode ser - é lucrativo, é comum - pode ser o *parceiro sexual*.

Isso está de acordo com o que eu disse...

proferida sem fazer você chorar em voz alta

é fato, eu disse que o *sintoma* tomado nesse sentido é - para usar o termo saber -

é o que sabemos, é até o que sabemos melhor, sem ir muito longe.

Saber tem estritamente apenas este significado. É a única forma de *conhecimento* tomada no sentido de que se argumentou que bastaria a um homem dormir com uma mulher para poder dizer que a conhece, ou mesmo vice-versa. Como - embora eu tente - é um fato que eu não sou uma mulher, eu não sei o *que uma mulher sabe sobre um homem*.

É muito possível que vá muito longe. Mas mesmo assim não pode continuar até que a mulher *crie* o homem.

Mesmo quando se trata de seus filhos, é algo que se apresenta como parasitismo.

No útero da mulher, o filho é um parasita, e tudo indica isso, até mesmo o fato de que as coisas podem dar muito errado entre esse parasita e essa barriga. Então, o que significa saber?

Conhecer significa:

- *saber lidar com esse sintoma*,

- *saber administrá-lo*, - *saber*

lidar com ele.

Saber tem a ver com o que o homem faz com sua imagem, é imaginar como se lida com esse *sintoma*. Estamos lidando aqui, é claro, com o narcisismo secundário, o narcisismo radical, o chamado narcisismo primário sendo excluído nesta ocasião.

Saber lidar com o próprio sintoma é o fim da análise. É certo que é curto. Realmente não vai longe.

Como é praticado é claro que estou tentando transmitir nesta multidão, *não sei com que resultado*.

Eu embarquei nessa navegação, assim, porque basicamente fui provocado a isso. É o que resulta do que foi publicado por não sei que série especial da *Ornicar* sobre *a cisão de 53*. Com certeza teria sido muito mais discreto se *a cisão de 53* não tivesse ocorrido.

A metáfora em uso para o que se chama de acesso ao *real* é o que se chama "o modelo".

Há um homem chamado KELVIN que se interessou muito por isso - Lord até o nome dele era: Lord KELVIN - ele considerava que a ciência era algo em que um modelo funcionava, e que permitia a ajuda desse modelo, *fornecer* quais seriam os resultados do funcionamento do *real*.

Recorremos, portanto, ao *imaginário* para ter uma ideia da *realidade*. Então escreva "para pegar" - "para ter uma ideia" eu disse - escreva a "esfera" para saber o que significa o *imaginário*.

O que avancei no meu *nó borromeano* do *Imaginário*, do *Simbólico* e do *Real*, levou-me a distinguir essas três esferas e, em seguida, para *reconnectá-los*. Então eu tive que partir dessas três bolas... aí estão as datas:

Afirmo "O *Simbólico*, o *Imaginário* e o *Real*" em 541, intitulei uma palestra inaugural com esses três nomes, em suma, por mim o que FREGE chama de *nomes próprios*.

Fundar um nome próprio é algo que eleva um pouco o *próprio nome*: *o único nome próprio em tudo isso é o meu*.

A extensão do LACAN ao *Simbólico*, ao *Imaginário* e ao *Real* é o que permite que esses três termos *consistam*, não me orgulho especialmente disso.

1 Conferência "O *simbólico*, o *imaginário* e o *real*" de 8 de julho de 1953, na abertura das atividades da recente "Sociedade Francesa de Psicanálise", nascido da "separação de 1953".

Mas percebi afinal que *consistir* significava alguma coisa, a saber, *que era preciso falar do corpo*, que há:

- um *corpo da Imaginação*,
- um *corpo do Simbólico*, que é *lalíngua*,
- e um *corpo do Real do* qual não sabemos como sai.

Não é simples, não que a *complicação* venha de mim, mas está no que se trata. É porque eu estive - como diz o outro - confrontado com a ideia que o *inconsciente* de Freud sustenta, que eu tentei, não responder, mas responder de forma sensata, ou seja, não imaginando que essa "visão"...

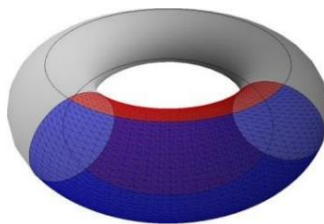
o que FREUD *percebeu*, é isso que quero dizer
...que esta "visão" diz respeito a algo que estaria *dentro* de cada um, de cada um daqueles que fazem multidão e que acreditam ser, portanto, uma *unidade*.

Traduzimos essa noção de multidão que *Massenpsychologie* realmente significa, traduzimos *Psychologie coletivo et analyse du moi*. Nada funciona. FREUD pode muito bem se afastar expressamente do que Gustave LEBON chamou especificamente de *psicologia das multidões*, traduzimos por *psicologia coletiva*... uma coleção... uma coleção de pérolas, sem dúvida, cada uma sendo uma.

Ao passo que o que está em jogo é dar conta da existência – a existência nesta multidão – de algo que qualifica como "eu". O que pode ser esse "eu"? Isso é o que tentar explicar para você, tentei imaginar este ano o uso do que é chamado de *topologia*.

Uma *topologia*...

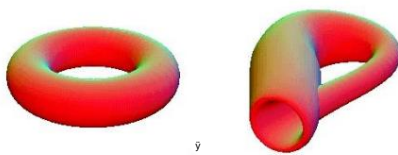
como você poderá digitar apenas abrindo qualquer coisa chamada *Topologia Geral*
...uma topologia é sempre baseada em um *toro* :



Mesmo que este toro seja ocasionalmente uma *garrafa de Klein* :



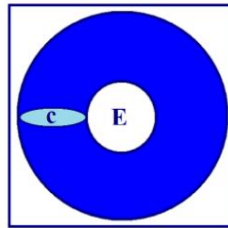
porque uma garrafa de Klein é um toro, um toro que se cruza



Já falei sobre isso há muito tempo.

Então. Aqui, você vê que neste toro há algo que representa um interior absoluto, quando se está no vazio, na cavidade que um *toro* pode *constituir*. Este toro pode ser uma corda, sem dúvida, mas a própria corda torce, e há algo que pode ser desenhado como estando dentro da corda. Nesse sentido, você só precisa implantar o que é expresso como um nó em uma literatura especial.

Então, obviamente, existem duas coisas, existem dois tipos de buracos [c e E] :

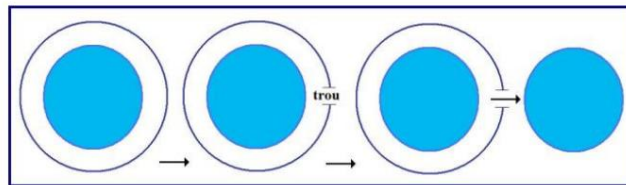


o buraco que se abre para o que se chama exterior [E], que põe em questão o que está envolvido em termos de espaço. O espaço passa por *extensão* quando se trata de DESCARTES.

Mas o corpo nos dá a ideia de *outro tipo de espaço*. Não parece ser imediatamente o que se chama *corpo*, esse *toro* em questão. Mas você vai ver que você só tem que virar...

não como uma esfera virando de cabeça para baixo, porque um toro é virado de cabeça para baixo de uma maneira completamente diferente.

Se aqui, por exemplo, começo a imaginar que é uma esfera que está dentro de outra esfera:



Não tenho nada parecido com o que vou tentar fazer você sentir agora.

Se eu fizer um buraco na outra esfera, essa esfera sairá como um *sino*

...mas é um *toro*, é um *toro*, ou seja, vai se comportar de forma diferente.

Bastaria você pegar uma câmara de ar simples, uma câmara de ar de um pneu pequeno, que você tentaria colocar à prova, então você verá que o pneu está pronto *assim*...

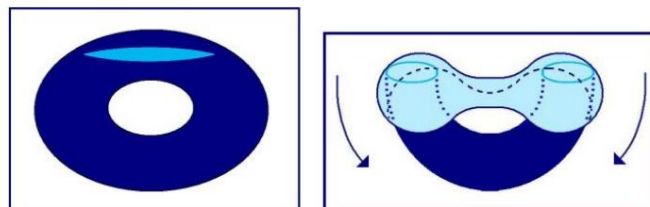
você vê como é difícil para mim lidar com eles

... pronto para *esta maneira de escorregar*, se assim posso dizer, *de qualquer maneira que o corte lhe ofereça*, o corte que praticamos aqui, e se eu continuasse:

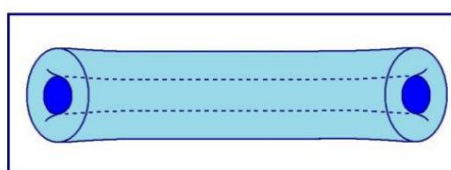
supondo que o corte vem aqui para retroceder, para se inverter, por assim dizer

... o que você vai conseguir é isso que é diferente – diferente na aparência – do *toro*.

Porque é bem e verdadeiramente um *toro* mesmo assim, embora, visto desta vez em seção, seja bem e verdadeiramente um *toro* exatamente como se cortamos aqui o *toro* em questão. Acho que não lhe escapa dobrar isso até fecharmos o buraco que fizemos no *toro* :

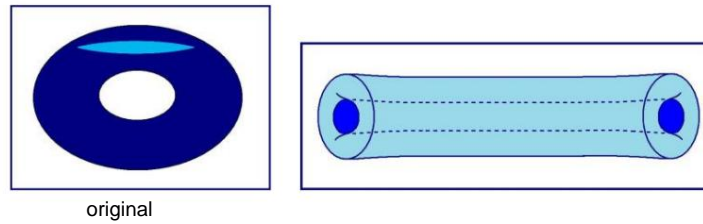


é de fato a seguinte *figura* que obtemos:

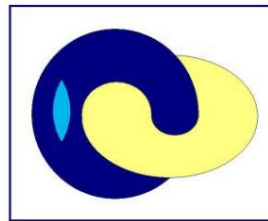


Não parece *encantar*, se assim posso dizer, com o seu consentimento. Porém, é bastante sensível. Basta experimentá-lo.

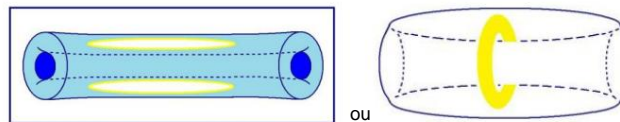
Aqui você tem 2 *tori*, um dos quais representa o que aconteceu, enquanto o outro é o original:



Se você, em um desses *tori* acoplados de forma semelhante - isso nos levará a outra coisa - em um desses *tori* acoplados você pratica a manipulação que eu te expliquei aqui, ou seja, você faz um corte ali:



você obterá isso algo que se traduz assim:



Ou seja, os toróides sendo acoplados, você tem que 'dentro de um desses toros outro toro, um toro que é da mesma espécie do que a que desenhei aqui [em amarelo]. O que isso designa é que aqui você pode ver claramente que o que é do primeiro toro [em azul] tem aqui o que eu chamo de *seu interior*, algo no toro virou, que está exatamente em continuidade com o que resta do interior neste primeiro toro, *este toro voltou no sentido de que doravante o seu interior é o que passa para o exterior*.

Ao passo que para designar este [em amarelo] como sendo aquele *em torno do qual* gira aquele que está aqui [em azul], percebemos que aquele que designei *aqui* [em amarelo] tem - ele - permaneceu inalterado, c isto é dizer, ele tem *seu primeiro exterior*...

seu exterior à medida que surge no loop
...tem o seu exterior sempre no mesmo lugar. Então houve – de um deles – reversão.

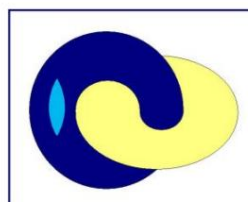
Eu penso isso...

embora essas coisas sejam muito inconvenientes, são muito inibidas para imaginar
...Ainda acho que transmiti a você sobre o que se trata na ocasião. Quero dizer, eu me fiz - espero - ouvir para o que é tudo isso. É bastante notável que o que está aqui não tenha - *embora seja literalmente um toro* - não tem a mesma forma, ou seja, que se apresenta como *um porrete*.

É *um porrete* que não deixa de ser um *toro*. Quero dizer que como você já viu aqui:



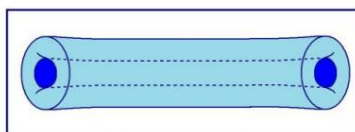
o que vem a se formar é algo que já não tem nada a ver com a *primeira apresentação*, *aquela que une os dois tori* :



Não é o mesmo tipo de *cadeia* por causa da *inversão* do que chamo nesta ocasião, o *primeiro toro* [em azul]. Mas em relação a esse *primeiro toro*, em relação ao mesmo, o que você tem é algo que eu desenho assim:



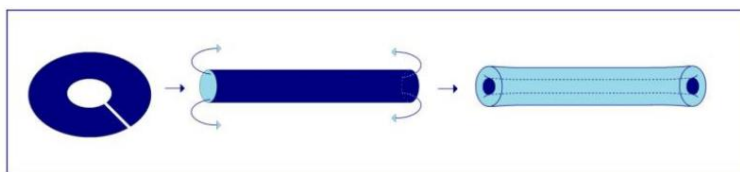
em relação ao mesmo, o *toro*, se nos lembrarmos do mesmo:



vem aqui o *toro-tricus*, ou seja, para sustentar as coisas, o furo que se deve fazer no toro, aquele que designei aqui, pode ser feito em qualquer lugar do toro, até e inclusive cortar o toro aqui:



Porque então é bastante óbvio que este toro de corte pode ser virado da mesma maneira e que será juntando dois cortes que obteremos esse aspecto:



Em outras palavras, cortando *este toro* aqui, obtemos o que chamei de apresentação *em porrete* da mesma forma. Ou seja, algo que se *manifestará* no *toro* por *dois cortes* permitirá um rebaixamento exatamente como é unindo *dois cortes*...

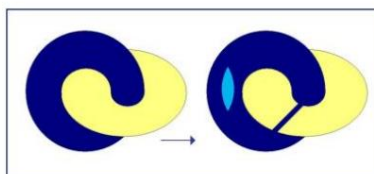
e não fechando o corte único, esse que fiz aqui

...é juntando *dois cortes* que obteremos esta *vara* que chamei por este termo, ainda *que seja um toro*.

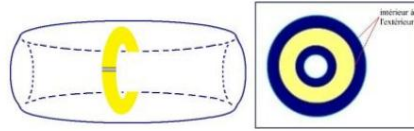
Isso é o que hoje... e eu concordo que não é comida fácil, mas o que eu gostaria da próxima vez...

ou seja, na segunda terça-feira de dezembro,

...o que eu gostaria de ouvir da próxima vez, de qualquer um de vocês, é a maneira como desses dois modos de dobra do toro sendo adicionado um terceiro, que - ele - é este:



suponha que temos *um toro em outro toro*, a mesma operação é concebível para os *2 toros*, ou seja, a partir de um *corte* feito neste e de outro, *corte* distinto, pois não é o mesmo *toro*, feito naquele. É neste caso, bem claro - deixo-vos imaginar - que a dobragem destes dois tori nos dará o *mesmo porrete* :



Mais :

– exceto que no *porrete* haverá um conteúdo análogo, – exceto que para os 2 casos, desta vez, o interior será o exterior e o mesmo para este, quero dizer, para o toro que está dentro.

Como - pergunto-lhe - como identificar, porque é distinto, como identificar:

– a identificação *histórica*, –
a identificação amorosa chamada “com o pai”, – e a identificação que chamarei *neutra*, aquela que não é nem uma nem outra, que é a identificação com um traço particular, com um traço que eu chamado - foi assim que traduzi o *Einzigster Zug* - que chamei de “ *qualquer traço* ”?

Como distribuir essas *três inversões de toros homogêneos*, portanto, em sua prática e, além disso, que mantêm a simetria, se assim posso dizer, entre um toro e outro, como distribuí-los, como designar de maneira homóloga:

– a identificação “ *paternal* ” – a ,
identificação “ *histórica* ”, – a
identificação “ *com um traço* ”, que é apenas a mesma?

Esta é a questão sobre a qual eu gostaria que você, da próxima vez, fosse bom o suficiente para tomar partido.

14 de dezembro de 1976

[Tabela de sessões](#)

Então ! Eu não vou comentar. Bom, como da última vez que te falei de algo assim, que não é *uma esfera em outra*, que é o que se chama de *toro*, resulta...

era isso que eu queria te indicar com isso, mas era alusivo

...que nenhum resultado da ciência é progresso. Ao contrário do que se imagina, a ciência gira em círculos, e não temos motivos para pensar que o povo da *pederneira lasca* tinha menos ciência do que nós.

A psicanálise em particular não é progresso, pois o que eu quero te dizer...

porque apesar de tudo eu fico perto desse assunto

... a psicanálise em particular não é progresso, é uma forma prática de se sentir melhor.

Esse " *sentir-se melhor* " - é preciso dizer - não exclui o estupefação.

Tudo indica...

com o índice de suspeita que tenho pesado no " *tudo* "

na verdade não há " *tudo* " exceto peneirado, e *pedaço por pedaço*. A única coisa que importa é se uma moeda tem ou não *valor de troca*, é a única definição de " *tudo* ". Uma moeda vale em todas as circunstâncias, ou seja, isso significa apenas *circunstância* qualificada como " *tudo* " para valer, homogeneidade de valor... O " *tudo* " é apenas uma noção de valor.

O " *todo* " é o que *vale em sua espécie*, o que vale em sua espécie outro da mesma espécie de unidade.

Aqui estamos avançando muito lentamente em direção à contradição do que chamei de " *o une-bévue* ".

O une-bévue é o que se troca, apesar de não valer a unidade em questão.

O une-bévue é um *falso ' todo '*.

Seu tipo, se assim posso dizer, é o *significante*, o *significante típico*, ou seja, exemplo:

não há nada mais típico do que " *o mesmo e o outro* ". Quero dizer que não há *significante mais típico* do que esses dois enunciados.

Outra unidade é semelhante a outra. Tudo o que sustenta a diferença do *mesmo* e *do outro* é que o *mesmo* ser o *mesmo materialmente*. A noção de *matéria* é fundamental na medida em que funda a *mesma*.

Qualquer coisa que não esteja fundamentada na matéria é uma farsa: " *material-ne-ment* ".

O material se apresenta a nós como " *corpo-resistência* ", quero dizer sob a " *subsistência* " do corpo, ou seja, do que é " *consistente* ": o que se mantém coeso no caminho do que pode ser chamado um " *con* ", em outras palavras, uma unidade.

Nada é mais único que um *significante*, mas no sentido limitado de que é apenas semelhante a outra emissão de *significante*.

Retorna ao valor, à troca. Significa o " *todo* ", o que significa: é o " *sinalelo do todo* ".

O *signo do todo* " é o *significado*, que abre a possibilidade de troca.

Destaco nesta ocasião o que disse do *possível* : *sempre haverá um tempo* - é isso que *significa* - *em que ele deixará de ser escrito*, em que o *significado* não terá mais como fundamento o *mesmo valor* : a troca material.

Porque o *mesmo valor* é a introdução da mentira: há troca, mas não a própria materialidade.

O que é o outro como tal? É essa materialidade que eu estava dizendo " *mesmo* " há pouco, ou seja, identifiquei o *signo* imitando o outro. Há apenas uma série de outras - todas iguais a uma unidade - entre as quais *um erro* é sempre *possível*, ou seja, não se perpetuará, deixará de ser um erro.

Então ! Tudo isso são verdades básicas, mas acho que devo lembrá-lo.

O homem pensa. Isso não significa que é feito apenas para isso. Mas o que é óbvio é que só isso é válido, porque válido significa...

e nada mais, não é uma *escala de valores*, a *escala de valores*, como eu te lembro, *anda em círculos*

...válido não significa nada além disso: que implica a *submissão do valor de uso ao valor de troca*.

O que é patente é que a noção de *valor* é inerente a este sistema do *toro* e que a noção *de um erro* no meu título este ano apenas significa que - também se poderia dizer o contrário - o homem sabe mais do que pensa saber.

Mas a *substância desse saber*, a materialidade que está por baixo, *nada mais é do que o significante enquanto tem efeitos de significação*.

O homem *fala-ser* como eu disse, o que não significa outra coisa senão *ele fala significando*, com o qual a noção *de ser* se funde.

Isso é real... *Real* ou *Verdadeiro* ?

Tudo surge, nesse nível provisório, *como se as duas palavras fossem sinônimos*. O terrível é que eles não estão em todos os lugares. O *Verdadeiro* é o que se acredita ser assim: fé e até fé religiosa, aqui está o *Verdadeiro* que nada tem a ver com o *Real*. A psicanálise, é preciso dizer, *gira no mesmo círculo*. É a forma moderna de fé, de fé religiosa. À deriva, é aí que está a *Verdade* quando se trata de *Real*.

Tudo isso porque obviamente – desde tempos sabíamos, se não fosse tão óbvio – obviamente não há conhecimento. Só há conhecimento no sentido que eu disse no início, ou seja, que estamos enganados:

Um erro é o que se trata, *girando em círculos de filosofia*.

Trata-se de substituir o termo "*sistema do mundo*" por outro significado que deve ser preservado, embora deste mundo nada possa ser dito do homem, exceto que ele caiu dele, vamos ver como, e que tem muito a ver com o orifício central do *toro*.

Não há progresso porque não pode haver: o homem anda em círculos...

se o que eu digo sobre sua estrutura é verdade

...porque a estrutura, a estrutura do homem é tórica. Não *que eu afirme* que é tal.

Digo que podemos tentar ver onde está o problema, tanto mais que a *topologia* geral nos encoraja a fazê-lo.

O "*sistema do mundo*" até agora sempre foi *esferoidal*. Bah! Talvez pudéssemos mudar!

O mundo sempre foi pintado...

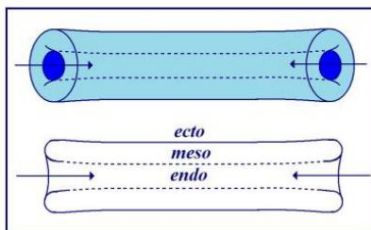
até agora, assim, pelo que os homens afirmaram

...é pintado dentro de uma bolha. O vivo se vê como uma bola, mas com o tempo ainda percebeu que não era uma bola, uma bolha.

Por que não perceber que é organizado...

quero dizer o que vemos do corpo vivo

...que está configurado como o que eu chamei de *porrete* no outro dia.



Bem, estou tentando desenhar assim. É óbvio que isso é realmente o que leva, o que sabemos do corpo como consistente. Nós o chamamos de *ecto*, é *endo* e então ao redor há o *meso*. Assim que se faz:

aqui é a boca, e aqui... *[Risos]* o oposto, a boca posterior. Só que este porrete nada mais é do que um *toro*.

O fato de sermos *tóricos* na verdade combina muito bem com o que chamei outro dia: *porrete*.

É uma elisão do "o" [*t*()*ric*].

Então isso nos leva a considerar que o *histórico* que todo mundo conhece é homem e mulher ao mesmo tempo, o histórico ... se eu me permito essa mudança, deve-se considerar que não é...

Estou feminizando-o para a ocasião, mas como você verá que vou colocar meu peso no outro lado, isso será mais do que suficiente para mostrar a você que não acho que existam apenas *históricas* femininas

... o *histórico* tem em suma - para fazê-lo consistir - apenas um inconsciente, é o *radicalmente Outro*.

Ela é mesmo apenas como *Outro*.

Bem, esse é o meu caso. Eu também, só tenho um inconsciente. É por isso que penso nisso o tempo todo.

Chegou ao ponto que - finalmente, posso testemunhar isso - chegou ao ponto que eu acho que o *universo* "*tórico*",

e isso não significa mais nada, é que sou apenas um inconsciente *sobre* o qual, claro, penso noite e dia, o que significa que o *une-bévue* se torna inexistente.

Faço tão poucos *erros* que é a única coisa...

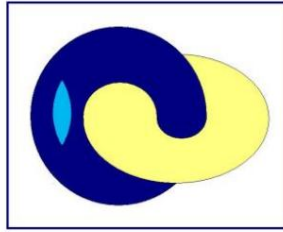
claro, eu faço de vez em quando, isso realmente não importa. Acontece que eu digo em um restaurante:

"*Mademoiselle se reduz a comer apenas lagostins nadando*", enquanto estivermos lá, cometer um *erro* de gênero, não vai longe_____

... enfim, sou uma *histórica* perfeita, ou seja, sem *sintomas*, exceto de vez em quando, esse erro de gênero em questão.

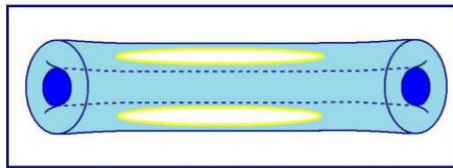
Há tudo o mesmo que distingue o *histórico*, direi: de mim de vez em quando.

Mas vou tentar apresentá-lo a você. Você vê como somos desajeitados. Então !

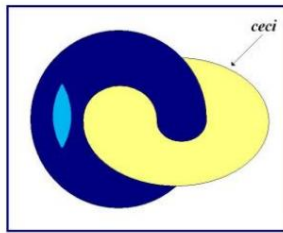


São dois... Estou colorindo este para dar a vocês o significado - isso significa que: um *toro* que forma uma *cadeia* com outro.

Todo mundo sabe, porque eu já indiquei da última vez, que se você fizer um corte aqui e se você dobrar o *toro* você recebe isso, algo que se parece com isso:



ou seja, que reproduz o que chamei antes de " *o porrete* ", só que o que eu desenhei antes assim está lá dentro, dentro *do bastão*.



A diferença entre *o histérico* e eu...

e eu que sou de fato por ter um inconsciente o unifica com minha consciência

...a diferença é esta: é que em suma *o histérico* é sustentado - em sua forma de *porrete* - é sustentado por uma *armadura*.

Essa *armadura* é, em suma, distinta de sua consciência. Essa *estrutura* é seu amor por seu pai.

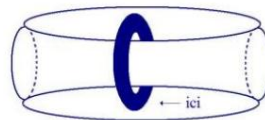
Tudo o que sabemos de casos relatados por FREUD sobre *o histérico*, sejam eles:

– de " *Anna O.* ", –

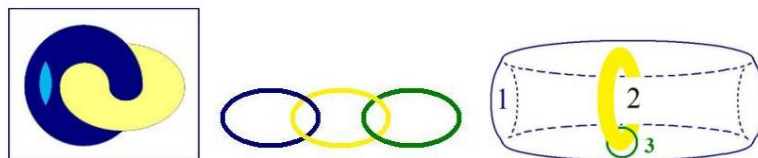
de " *Emmy von N.* ", ou qualquer outro, – o outro " *von R.* "

...o *monte* é aquela *coisa* que eu designei antes como *uma corrente*, *uma corrente de gerações*.

É bastante claro que a partir do momento em que iniciamos este caminho, não há *razão* para que pare, nomeadamente *aqui* :

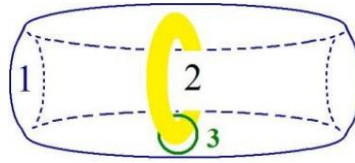


pode haver *outra coisa* que faz *uma cadeia*, e que é uma questão de ver – não pode ir muito longe – como *isso* de vez em quando *atingirá* o ponto do amor, do amor do pai em questão.



Isso não quer dizer que está resolvido e que podemos esquematizar a *reversão* desse *toro* [3] em torno do *toro* 2... vamos chamá-lo assim

...que podemos esquematizá-lo *com um porrete*.

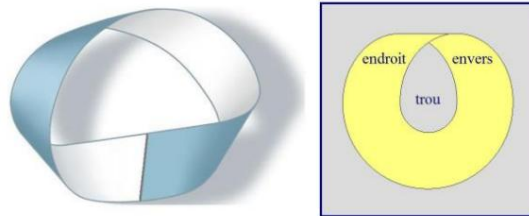


Talvez haja algo que é um obstáculo, e precisamente tudo está aí: o fato de que a cadeia, a cadeia inconsciente, se detém na relação dos pais ou é fundada ou não – relação da criança com os pais.

Se eu fizer a pergunta o *que é um buraco* - você tem que confiar em mim: ele tem uma certa relação com a pergunta. Um buraco, assim, " *de sentimento* ", que significa isso: quando eu rachar a superfície. Quero dizer com isso que, " *da intuição* ", nosso buraco é um buraco na superfície.

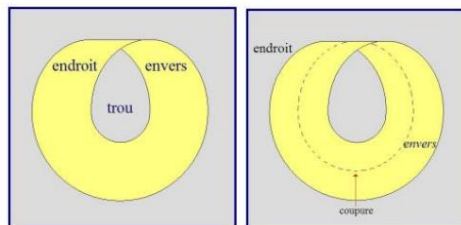
Mas uma superfície tem uma frente e um verso, é bem conhecido, e isso significa que um buraco é o buraco da frente mais o buraco de trás.

Mas como existe *uma faixa de Möbius* que tem a propriedade de conjugar *o lugar* que está aqui com *o reverso* que está ali.



Uma *tira de Möbius* é um *buraco* ? Obviamente ela parece bem. Aqui há um *buraco*, mas é um *buraco* real ? Não está nada claro, por uma razão simples, como já indiquei: *que uma faixa de Möbius* não passa de um *corte*, e é fácil ver que se *isso é definido como um lugar*, é um corte entre *um lugar* e *um reverso*.

Porque basta que você considere este número:



é bem fácil ver que se aqui é *o lugar*, aqui está o *inverso* - já que é *o inverso* deste *lugar* - e que aqui o corte é entre uma *frente* e um *verso*, graças ao qual, na *faixa de Möbius*, se a cortarmos em duas:

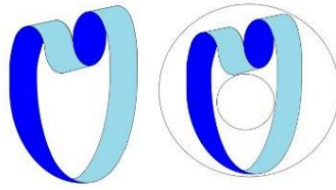


frente e *o verso voltam ao normal* novamente, se assim posso dizer, *passando o corte da Möbius* a partir da qual *duas* *ou seja*, que a partir do momento em que houver duas torres, haverá um *lugar* distinto do *inverso*.

É assim que *uma tira de Möbius* é essencialmente capaz de se duplicar. E o que você deve observar é o seguinte: é que ele se divide da seguinte maneira que permite a passagem...

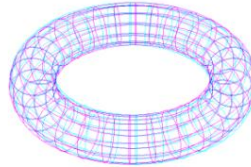
É uma pena que eu não tenha tomado minhas precauções.

...aqui está a *tira de Möbius* como duplica, como duplica e mostra-se compatível com um *toro* :



Por isso mesmo *fiz questão de considerar o [toro](#) como passível de ser cortado segundo uma *tira de Moebius*.*

Isso é o suficiente - aqui está o [toro](#) :



...tudo o que é necessário é cortar não uma *tira de Moebius*, mas uma *tira dupla de Moebius*.

É exatamente isso que nos dará a *imagem* do que está envolvido na *ligação* entre o consciente e o inconsciente.

O consciente e o inconsciente se comunicam e são ambos sustentados por um [mundo tórico](#).

Está no que... está no que é a descoberta - descoberta que aconteceu por acaso - não que FREUD não tenha persistido nela, mas não disse a última palavra sobre isso. Ele nunca afirmou especificamente isso: que o mundo é tórico.

Ele acreditava - como qualquer noção de "[psique](#)" implica - que havia esse algo ...

que eu descartei anteriormente dizendo: *uma bola e outra bola ao redor da primeira*, esta no meio

...ele acreditava que havia uma *vigilância* - uma *vigilância* que ele chamava de "[a psique](#)" - uma *vigilância* que espelhava o cosmos ponto a ponto.

Ele estava ciente do que é considerado a verdade comum, que "[a psique](#)" é o *reflexo* de um determinado mundo.

Que afirmo isso sob o título - repito-o - de algo provisório, porque não vejo por que deveria ter mais certeza do que estou avançando, embora haja muitos elementos que dão a sensação, e especificamente em primeiro lugar o que eu dei da estrutura do corpo, do corpo considerado como o que chamei de [porrete](#).

Que o ser vivo - qualquer ser vivo - seja denominado como [bastão](#), é o que um certo número de estudos - inclusive os anatômicos grosseiros - sempre confirmaram. Que o [toro](#) seja algo que se apresenta como tendo dois buracos em torno dos quais algo [consiste](#) é o que é simplesmente óbvio.

Repito-vos, não foi necessário construir muitos aparelhos, nomeadamente *microscópicos*, é algo que sempre soubemos, *desde que começamos simplesmente a dissecar, que fizemos a maior parte da anatomia macroscópica*.

Que se pode - o [toro](#) - cortá-lo de tal maneira que faça uma *tira de Moebius* de duas voltas , certamente deve ser notado. De certa forma, este [toro](#) em questão é ele próprio um buraco, e de certa forma representa o corpo.

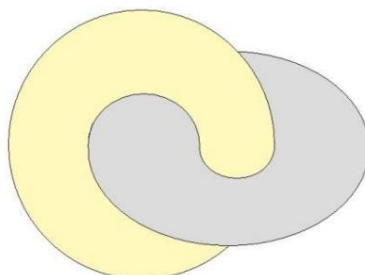
Mas que isso seja confirmado pelo fato de que esta *faixa de Moebius* que eu já escolhi para expressar o fato de que a conjunção de uma frente e um verso é algo que simboliza muito bem a união do inconsciente e do consciente, é algo que vale a pena lembrar .

Uma esfera, podemos considerá-la como um buraco no espaço? Isso é obviamente muito suspeito.

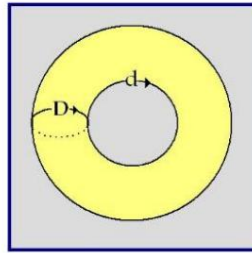
É muito suspeito porque supõe - o que não é evidente - imersão no espaço.

É também verdade para o [toro](#), e é mesmo no que é dividir o toro em [duas folhas](#), se assim posso exprimir-me, em [duas folhas](#) capazes de dar uma volta dupla, que reencontremos a superfície, isto é, algo que aos nossos olhos é mais seguro, é mais seguro em todo caso para estabelecer o que está envolvido no [buraco](#).

É claro que não foi ontem que fiz uso dessas *sequências* :



Já para simbolizar o circuito - o corte do *desejo* [d] e da *demanda* [D] - eu havia usado isso, ou seja, o *toro* :



Eu tinha distinguido dois modos, a saber:

- o que contornava o toro e por outro lado... – o
- que contornava o furo central.

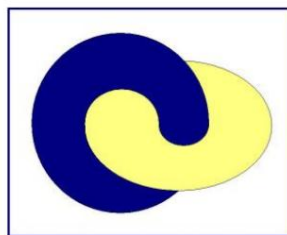
A este respeito, a identificação do *aplicativo* para o que se parece com isso:



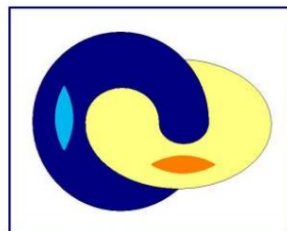
e *desejo* para o que se parece com isso, foi bastante significativo:



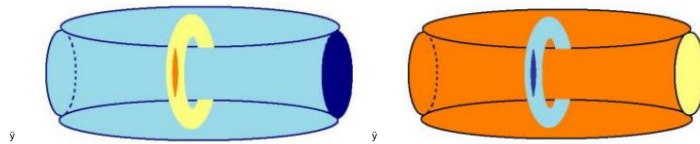
Há *algo* que mencionei da última vez, isto é, que consiste em um *toro* dentro de um *toro* :



Se esses dois *tori*, você os marca - *ambos* ! - de um corte:



dobrando-os para trás... dobrando para trás os dois cortes, se posso me expressar assim, concentricamente, você trará o que está dentro para fora, e inversamente é o que está fora que virá para dentro:



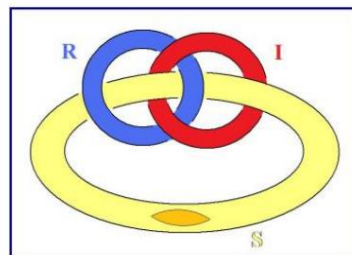
É justamente no que me impressiona isso: que a valorização - como envoltório - do que está dentro é algo que não é sem ter algo a ver com a psicanálise. Que a psicanálise atribui...

o que está dentro, ou seja, o inconsciente

...colocá-lo fora, é *algo* que obviamente tem seu preço, mas que não deixa de suscitar uma questão.

Porque se supusermos que existem três tori, para chamar as coisas pelos seus nomes: que existem três tori que são, a saber, o *Real*, o *Imaginário* e o *Simbólico*, o que veremos para *retornar* - se assim posso dizer - o *Simbólico* ?

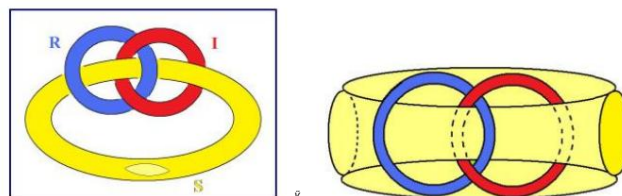
Todo mundo sabe que é assim que as coisas vão acabar:



e que o *Simbólico*, visto de fora como um *toro*, se encontrará - em relação ao *Imaginário* e ao *Real* - terá de passar por cima do que está em cima e por baixo do que está em baixo.

Mas o que vemos procedendo como de costume por um corte, por uma fenda para devolver o *Simbólico* ?

O *Simbólico* assim revirado - é o que o *Simbólico* dará - revirado assim dará uma disposição completamente diferente do que chamei *de nó borromeano*, ou seja, que o *Simbólico* envolverá totalmente - virando o *toro simbólico* - envolverá totalmente o *Imaginário* e o *Real* :

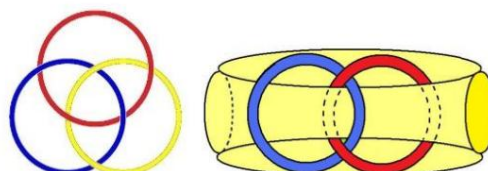


É assim que o uso do corte, em relação ao que está envolvido no *Simbólico*, apresenta algo que, em suma, arrisca, no final de uma psicanálise, provocar algo que se especificaria como uma preferência dada sobretudo ao inconsciente. Quero dizer, se as coisas são do jeito que funciona um pouco melhor assim para o que é a vida de cada um, ou seja, enfatizar essa função do conhecimento do *une-bévue* pelo qual traduzo o inconsciente, que pode, de fato, ser melhor arranjado.

Mas é *uma estrutura de natureza essencialmente diferente* daquela que qualifiquei como *nó borromeano*.

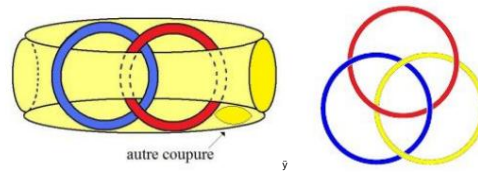
O fato de o *Imaginário* e o *Real* estarem todos, em suma, incluídos em algo que vem da própria prática da psicanálise, é algo que levanta questões. Ainda há um problema aí.

Repito-vos, isto está ligado ao facto de não ser, afinal, a mesma coisa, a estrutura do *nó borromeano*, e aquele que aí se vê:



Alguém que vivenciou a psicanálise é algo que marca uma passagem. É claro que isso supõe que minha análise do inconsciente como fundador da função do *Simbólico* é totalmente admissível.

É porém um fato, é que aparentemente - e posso confirmá-lo, realmente - *o fato de ter atravessado uma psicanálise*, é algo que não poderia de modo algum ser trazido de volta ao estado anterior, exceto, é claro, praticar outro corte, que seria equivalente a uma “*contra-psicanálise*”.



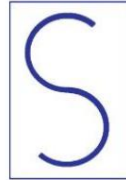
É justamente por isso que FREUD insistiu que pelo menos os psicanalistas refaçam o que se costuma chamar de duas *fatias*, ou seja, façam uma segunda vez o corte que aqui designo como sendo o que restitui o *nó borromeano* em sua forma original.

Então !

Não sei se você vê isso claramente, mas é certo que a *tira de Moebius* dobra da maneira que você vê aqui. É aqui que não estou realmente muito satisfeito com o que estou mostrando a vocês.

Quero dizer que, como passei a noite pensando nessa questão do toro, não posso dizer que o que estou lhe dando aqui é muito satisfatório.

O que aparece como resultado do que eu chamei esta *dupla tira de Moebius* que eu imploro que você *teste*, a prova que *se* _____ experimenta de maneira simples, com a única condição de pegar duas folhas de papel, para nelas desenhar um S maiúsculo, algo da seguinte espécie:



Cuidado porque este S maiúsculo comanda a ser desenhado primeiro com uma *pequena curva* e depois com uma *curva grande*. Aqui também a pequena curva e depois uma grande curva. Se você cortar dois deles de uma folha dupla de papel, verá que dobrando as duas coisas que você cortou em uma única folha de papel, você obterá naturalmente uma junção da folha de papel nº 1 com a folha de papel nº 2, e folha de papel nº 2 com folha de papel nº 1, ou seja, você terá o que designei há pouco por uma *dupla tira de Moebius*.

Você pode ver facilmente que essa *dupla faixa de Moebius* se cruza, se posso colocar dessa maneira, indiferentemente.

Quero dizer que o que aqui está em cima, passa por baixo, depois, tendo passado por baixo, passa de novo por cima.

É indiferente fazer passar o que primeiro passa por cima, pode-se fazê-lo passar por baixo.

Você verá facilmente que essa *faixa dupla de Moebius* funciona de maneira indiferente.

Isso quer dizer que aqui é a mesma coisa, quero dizer que do mesmo ponto de vista se pode colocar o que está embaixo em cima ou vice-versa? Isso é realmente o que a *tira dupla de Moebius* faz.

Peço desculpas por me aventurar em algo que não foi sem me causar dor, mas é certo que é assim. Se você funciona produzindo da mesma forma que eu a apresentei a você, esta *dupla tira de Moebius*, ou seja, dobrando duas páginas - duas páginas recortadas dessa maneira - de tal forma que o 1 vá juntar a segunda página e que, inversamente, a segunda página vem juntar a página 1, você terá exatamente esse resultado, esse resultado sobre o qual você poderá notar que se pode passar indiferentemente uma se posso dizer na frente da outra, página 1 na frente da página 2, e inversamente a página 2 na frente da página 1.

Qual é a *suspensão* que resulta deste *destaque*? Este *destaque* disse: que na *dupla faixa de Moebius*

o que é "para a *frente*" do mesmo ponto de vista pode passar "para *trás*" do ponto de vista que permanece o mesmo.

Isso nos leva a algo que – *exorto-o a fazê-lo* – é da ordem de um *saber-fazer*, um *saber-fazer* demonstrativo no sentido de que não prescinde da possibilidade do *une-bévue*.

Para que essa possibilidade se extinga, ela deve *deixar de ser escrita*, ou seja, devemos encontrar um caminho - e um caminho, neste caso, óbvio - uma maneira de distinguir esses dois casos. Qual é a maneira de distinguir esses dois casos?

Isso nos interessa porque o *une-bévue* é algo que substitui:

– ao que se funda como " *saber que se sabe* ", – o princípio do " *saber que se sabe sem saber* ".

O "o" ali se refere a algo. O "o" é um pronome na ocasião que se refere ao próprio conhecimento, não como saber, mas como fato de saber. De fato, é assim que o inconsciente se presta ao que eu achava que deveria suspender sob o título de *une-bévue*.

O *interior* e o *exterior* na ocasião - a saber: em relação ao toro - são noções de " *estrutura* " ou de " *forma* "?

Tudo depende da concepção que temos do espaço, e direi até certo ponto o que apontamos como *verdade do espaço*. Há certamente uma *verdade do espaço que é a do corpo*. O corpo de vez em quando é algo que se baseia apenas na *verdade do espaço*. É assim que o tipo de " *assimetria* " que destaco,

tem sua base. Essa " *assimetria* " deve-se ao fato de que designei do mesmo ponto de vista.

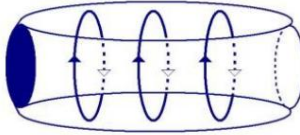
E é por isso que o que eu queria apresentar este ano é algo que importa para mim.

Há a mesma assimetria não só em relação ao *corpo*, mas em relação ao que denominei de *Simbólico*.

Há uma assimetria *entre o significante e o significado* que permanece enigmática.

A questão que gostaria de levantar este ano é exatamente esta: *a dissimetria do significante e do significado é da mesma natureza que a do recipiente e o conteúdo* que é tudo a mesma coisa que tem sua função para o corpo?

Aqui importa a distinção entre " *forma* " e " *estrutura* ". Não é à toa que marquei aqui este que é um toro, embora sua forma não o deixe aparecer:

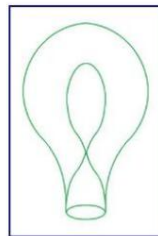


A " *forma* " é algo que se presta à sugestão?

Esta é a questão que coloco, e que coloco ao promover a primazia da estrutura.

Aqui é difícil eu não adiantar isso: que a *garrafa de Klein*, essa velha *garrafa de Klein*...

que mencionei, se bem me lembro, em *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* ...esta velha *garrafa de Klein* *na verdade* tem esta forma:



É estritamente nada mais do que isso, exceto que para que se torne uma *garrafa* nós a corrigimos desta forma, ou seja, que a façamos caber da seguinte forma, que a façamos caber aqui de tal maneira que não compreender qualquer coisa de sua natureza essencial:



De fato, ao chamá-la de *garrafa*, não há uma *falsificação* em relação a isso: que apenas sua apresentação - aqui em verde - é o *que* precisamente permite apreender imediatamente qual é a junção da *frente* com a *para trás*, ou seja, tudo o que é recortado nesta superfície, com a condição de a completar, e esta é novamente uma questão: " *O que é que significa fazer um recorte que envolva toda a superfície?* »

Essas são as perguntas que faço e que espero poder resolver este ano, quero dizer que isso nos leva a algo fundamental no que diz respeito à estrutura do corpo, ou mais exatamente do corpo considerado como estrutura.

Que o corpo possa apresentar todos os tipos de aspectos que são de *forma pura*, que antes tornei dependentes da sugestão, isso é o que importa para mim.

A diferença na forma...

da forma como é sempre mais ou menos sugerido

...com estrutura, é isso que eu gostaria de destacar para vocês este ano.

Peço desculpas. Isto, devo dizer, certamente não é o melhor que eu gostaria de lhe trazer esta manhã.

Eu tive - você vê - eu tive a grande preocupação, eu me envolvo...

é o caso de dizê-lo, não é a *primeira vez*

...Estou ficando confuso com o que tenho a dizer na sua frente, e é por isso que vou lhe dar a oportunidade de ter alguém que será um orador melhor do que eu esta manhã, quero dizer, Alain DIDIER, que é aqui presente, e a quem convido a vir contar-vos o que extraiu de certos dados que são meus, que são desenhos de escrita, e que ele vai querer compartilhar com você.

Intervention d'Alain DIDIER-WEILL

Bom ! Devo dizer, antes de mais nada, que o Dr. LACAN me pega totalmente de surpresa, que não fui avisado de que ele proporia passar a palavra a mim para tentar retomar um ponto sobre o qual lhe falei nestes dias, do qual devo digo logo que, pessoalmente, não faço a articulação de forma alguma com o que estamos falando no momento.

Posso sentir confuso, mas não é... Então não espere que eu tente articular o que vou tentar dizer com os problemas de topologia que o Dr. LACAN está falando no momento.

O problema que tentei articular é tentar articular de uma forma um tanto consistente com o que o Dr. LACAN trouxe à *montagem da pulsão*, para articular a partir do problema do *circuito da pulsão*, para tentar articular diferentes *torções* que me parecem identificáveis entre *o sujeito* e *o Outro*, tempos diferentes em que 2 ou 3 *torções*. Permanece bastante hipotético para mim, mas de qualquer forma vou tentar traçar para você como as coisas podem, assim, ser colocadas em prática.

Então a *pulsão*, o *circuito pulsional* do qual partirei, para tentar avançar, seria algo bastante enigmático, seria algo da ordem da “*pulsão invocativa*” e sua inversão em *pulsão de escuta*. Quero dizer que a palavra *impulso para ouvir* não existe – acho que não existe em nenhum lugar como tal, permanece bastante problemática.

E mais precisamente quando falei sobre essas idéias com o Dr. LACAN, devo dizer que é mais precisamente sobre o problema da música, e tentar identificar...

identificar para um ouvinte que ouve uma música que o tocara, digamos que teria um efeito sobre ele ...para apontar os diferentes tempos através dos quais se produzem efeitos no ouvinte e em diferentes percursos que, por isso, vou tentar apresentar-vos agora de forma bastante sucinta porque não preparei nenhum texto, nem notas. Então me desculpe se é um pouco improvisado.

Eu imagino, se você quiser, que se você ouvir música...

Estou falando de música que fala com você ou essa “*música*” com você ...parto da ideia de que se você ouvir, do jeito que você toma, vou partir da ideia de que é como ouvinte antes de tudo que você funciona. Parece *óbvio*, mas afinal não é tão *simples*.

Ou seja, eu diria que se a música, antes de tudo...

os tempos que vou tentar dissecar para a conveniência da exposição não devem ser tomados como *tempos cronológicos*, mas como *tempos* que seriam *lógicos*, e que necessariamente desarticularei para a conveniência da exposição.

...então se a música tem um efeito sobre você como ouvinte, acho que podemos dizer que é porque em algum lugar, como ouvinte, tudo acontece como se trouxesse uma resposta.

Ora, o problema começa com o fato de que esta *resposta*, portanto, traz em você a antecedência de uma *pergunta* que o habitava como *Outro* - como *Outro* como ouvinte - que o habitava sem que você o soubesse.

Você descobre, portanto, que há um sujeito em algum lugar que teria ouvido uma pergunta que está em você, e que não apenas a teria ouvido, mas que teria se inspirado por ela, já que a música, a produção do “*sujeito musical*”, se você quiser, seria a resposta a essa pergunta que o habitaria.

Então você já vê que se quiséssemos articular isso com o desejo do Outro: se há em mim, como Outro, um desejo, uma falta inconsciente, tenho o testemunho de que o sujeito que recebe essa falta não fica paralisado por ela, não se *desvanece dele*, por baixo, como o sujeito que está sob a injunção do “*che vuoi*”, mas ao contrário se inspira nele e sua inspiração, a música o testemunha. Bem, este é o ponto de partida desta observação.

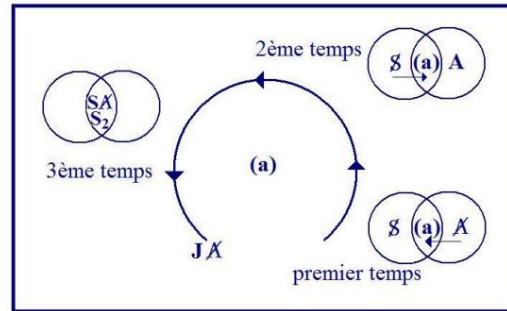
O outro ponto é considerar que, como Outro, não sei que falta é essa que me habita, mas que o próprio sujeito não me diz nada sobre essa falta, pois diz diretamente essa falta. O próprio sujeito dessa falta nada sabe,

e não diz nada sobre isso porque se diz por essa falta, mas como Outro eu diria que estou numa perspectiva topológica onde me aparece o ponto em que o sujeito se divide porque se diz por essa falta, ou seja, que essa falta que me habita, descubro que é sua, ele mesmo nada sabe do que diz, mas eu sei que ele *sabe sem saber*.

Então eu vou...

você vê que o que eu te disse lá poderia ser escrito um pouco como o que LACAN articula sobre o processo de separação

...e, portanto, vou articular os diferentes *tempos da pulsão* com diferentes *articulações de separação*. Bom!



No canto inferior direito, coloco o processo de separação com uma seta que vai do grande A riscado [A] até essa falta compartilhada entre o A e o sujeito: o *pequeno objeto (a)*, e essa seta gostaria de significar que como Outro, não sei nada dessa falta como Outro, mas algo me volta do sujeito que - ele - diz algo sobre isso. É por isso que eu articulo com a pulsão, porque tudo acontece como se eu quisesse conseguir articular essa falta, esse nada, pendurar algo dele, *saber algo sobre isso*.

Eu confio no sujeito, digamos que me deixo ser *empurrado* por ele - este é, aliás, o " *impulso* " - eu me deixo ser empurrado por ele e espero que ele me dê esse *pequeno objeto (a)*. Mas à medida que avanço, o que " *espero* " do sujeito, se assim posso dizer, o que descubro é que seguindo o sujeito, o *pequeno (a)*, nós dois não o *contornamos*. Na verdade, está dentro do loop e eu realmente me certifico de que esse *pequeno (a)* está *inacessível*.

Eu poderia dizer aí que é um primeiro curso, e que, quando me assegurei como Outro que tem esse caráter efetivamente de objeto perdido, a ideia que proponho é que se possa compreender nesse momento a *inversão pulsional* de que fala FREUD e que LACAN retoma...

a *reversão da unidade* que vou colocar no topo do gráfico

...como a passagem para um segundo modo de separação, e essa inversão pulsional, por assim dizer, como uma segunda tentativa de aproximação do *objeto perdido*, mas desta vez de outra perspectiva: a perspectiva do sujeito. Deixe-me explicar.

Se você quiser, na primeira fase eu postei que eu era ouvinte: eu ouço a música, nessa segunda fase que eu postulo, eu diria que enquanto eu me reconhecia como ouvinte, o ponto de inflexão que chega, o que significa que agora vou para o outro lado, podemos articular assim, ou seja, enquanto me reconheci como ouvinte, poderíamos dizer que desta vez sou eu:

Sou reconhecido como ouvinte pela música que me acontece, ou seja, a música...

que foi uma resposta e que levantou uma questão em mim, as coisas são invertidas

quer dizer que a música se torna uma pergunta que me incumbe, como sujeito, de responder eu mesmo a essa pergunta, quer dizer que você vê que a música se constitui como me ouvindo, como sujeito enfim - chamemo-lo pelo nome - como *sujeito suposto ouvir* e a música, a produção, que foi a resposta inaugural torna-se a questão, a produção, portanto, do sujeito musical constituindo-se como sujeito suposto ouvir, eu me atribuo nessa posição de sujeito e eu responderei a ela com um *amor de transferência*.

Desta forma, não podemos deixar de articular o fato de que a música realmente produz efeitos de amor o tempo todo, por assim dizer.

Volto a essa noção de *objeto perdido* da seguinte maneira: é que você não é sem ter notado que a característica do efeito da música sobre você é que ela tem esse poder, se podemos dizer de metamorfose, de transmutação, que poderíamos resumir rapidamente assim, digamos, por exemplo, que transmuta a *tristeza* que há em você, na *saudade*.

Com isso quero dizer que se você está triste, é que você pode designar...

se você está triste ou deprimido

...você pode designar o objeto que lhe falta, cuja falta te faz carente, te faz sofrer, e estar triste é triste, quer dizer, não é fonte de nenhum gozo.

O paradoxo da nostalgia...

como disse Victor HUGO: " *nostalgia é a felicidade de estar triste* "

...o paradoxo da nostalgia é que precisamente na nostalgia o que acontece é que o que lhe falta é de uma natureza que você não pode designar e que você ama essa falta.

Você vê que nesta transmutação, tudo acontece como se o objeto perdido realmente evaporou, evaporou.

E que o que estou propondo a você é compreender efetivamente o gozo, uma das articulações do gozo musical, como tendo o poder de evaporar o objeto.

Vejo que a palavra "evaporar", podemos tomá-la quase no sentido físico do termo, cuja física localizou a sublimação...

sublimação, trata-se efetivamente de mudar um sólido para o estado de vapor, gás
...e a sublimação é essa forma paradoxal pela qual FREUD nos ensina...
e LACAN articulou de forma muito mais sustentada
...é justamente o caminho pelo qual podemos acessar, justamente por meio da dessexualização, o gozo.

Então você vê, nesta segunda vez...

o que eu marco no topo do circuito: inversão do drive
...uma primeira reviravolta...
talvez seja a partir dessa noção de *torção* que o Dr. LACAN pensou em inserir esse pequeno topo no ponto
em que ele está em seu progresso
...segunda vez, portanto, uma primeira torção aparece onde há o aparecimento de um *novo sujeito* e um *novo objeto*.

O novo sujeito precisamente, sou eu que me torno ouvinte, eu diria - não posso dizer um falante - falante, musical, seria preciso dizer que este é o ponto da música onde, as notas que passam por você, tudo acontece como se...

paradoxalmente, não é tanto que você os ouça
...tudo acontece como se - insisto no "se" - tudo acontece como se você mesmo as tivesse produzido.

Insisto no "se" e no condicional que está ligado a esse "se" - você não está delirando - mas tudo acontece como se - você não os produz - ... mas como se você mesmo os produzisse - mesmo você é o autor desta música.

Coloco uma seta que vai do sujeito até o *pequeno (a) separador*, querendo indicar com isso que nessa segunda perspectiva de separação, dessa vez é do ponto de vista do sujeito que tenho uma perspectiva sobre o falta no Outro.

Então, o que é essa falta?

E como identificá-lo em relação ao *amor de transferência* ?

Bem, quando ouvimos uma música que nos emociona, a primeira impressão é sempre ouvir que essa música sempre tem a ver com amor, parece que o músico está cantando sobre o amor.

Mas se levarmos a sério esse pequeno padrão e se tentarmos entender como funciona o amor, esse movimento de torção na música, você sentirá que não é tanto o assunto...

digamos que o sujeito que fala de seu amor ao Outro
mas antes que ele responda ao Outro, que sua mensagem seja essa resposta que lhe é atribuída por esse *sujeito suposto ouvir*.
e que sua música de *amor impossível*
é de fato uma resposta que ele dá ao *Outro*, e é ao *Outro* que ele supõe o fato de amá-lo e de amá-lo com um *amor impossível*.

O problema, se preferir, poderíamos traçar sumariamente um paralelo com certas *posições místicas*, onde a *mística* é aquele que não lhe diz que ama o *Outro*, mas que só *responde* ao *Outro* que o ama, que é colocado nessa posição, que não tem escolha, que está apenas *respondendo a ele*.

Nessa segunda fase da música, podemos fazer esse paralelo na medida em que o sujeito postula efetivamente o amor do Outro por ele, mas o amor do Outro como radicalmente impossível. É nisso que coloco essa seta: é que o sujeito tem, por esse segundo ponto de vista, uma perspectiva sobre a falta que habita o Outro.

Ou seja, veja você, depois desses dois tempos, pode-se dizer que é confirmado por esse segundo tempo que o objeto evaporado, na segunda posição ele permanece tão evaporado quanto na primeira posição.

Estamos chegando mais perto, como vocês podem ver, estamos chegando mais perto do final do ciclo.

A transferência, percebe-se, corresponde muito precisamente ao modo como LACAN introduz o *amor da transferência* no seminário da *Transferência*, ou seja, que existe: o sujeito postula que é o Outro que o ama, ele portanto, postula um amado e um ímã. Há, portanto, uma passagem - nesse *amor de transferência* - do amado ao ímã.

O que eu te disse lá, em todo caso, não é exato, porque esse segundo tempo não pode ser articulado como tal, ele se articula sincronicamente com um terceiro tempo, que existe eu diria sincronicamente com ele da seguinte maneira: o sujeito, esse tempo se quiser, sendo ele mesmo um músico, portanto um produtor de música, dirige-se a um novo Outro, a quem chamei de *sujeito suposto ouvir* que já não está mais lá: "Outro desde o ponto de partida é um novo Outro.

Esse novo Outro, justamente que não é mais o “vel”, não é mais “um ou outro”. Com esse novo Outro, ele também se identificará, ou seja, há do alto do laço, um duplo arranjo onde o sujeito é tanto aquele que fala quanto aquele que ouve.

Algo talvez possa ilustrar essa divisão para você, é o que destaca, na minha opinião, o mito de ULISSES e as SEREIAS. Você sabe que ULISSES, para ouvir o canto das sereias, tapou os ouvidos de seus marinheiros com cera. Como devemos entender isso?

Ulisses se expõe para ouvir, para ouvir o *impulso invocativo* - enfim - para ouvir o canto das SEREIAS. Mas ao que ele se expõe, pois quando vai ouvir o canto das SEREIAS, sabe-se que a história nos conta que grita com os marinheiros, que lhes diz: "Mas parem, vamos ficar". Mas ele tomou suas precauções: ele sabe que não será ouvido.

Ou seja, o que esse mito na minha opinião ilustra é minha segunda vez:

- quer dizer que Ulisses se colocou em posição de poder ouvir, na medida em que se certificava de que não não podia falar,
- isto é, onde ele se certificou de que não haveria essa inversão da pulsão, - ou seja, a segunda e a terceira vez,
- isto é, onde ele se certificou de que não haveria *um sujeito que deveria ouvir*, por causa dos tampões de cera.

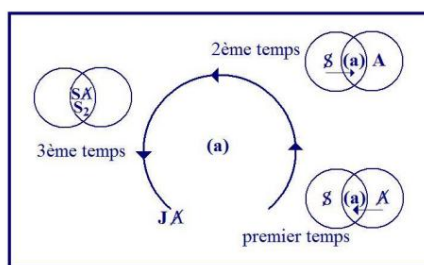
Você vê que na primeira vez, “*ouvir*” é uma coisa, mas isso até nos coloca o *problema da ética do analista*.

É precisamente um analista, que é alguém de quem se pode esperar que ouça certas coisas, ele não está, em dado momento, *necessariamente*, pela própria estrutura do circuito pulsional, em posição de ter que se fazer falar? Para não fazer como ULYSSE, digamos que já tinha arriscado primeiro ouvir certas coisas.

Imagino que após esse *segundo e terceiro momento* em que o sujeito e o Outro continuam seus caminhos lado a lado sempre separados pelo *pequeno (a) separador*, qual é a posição em relação ao nosso ponto de partida, onde estamos-nós?

Bem, o ponto, pode-se dizer ao qual o assunto conduz, é que depois desta *segunda e terceira vez*, ele encontrou a certeza de que este *pequeno (a) separador*, ele encontrou a certeza de que era mesmo impossível encontrá-lo, pois ele só conseguiu *contornar*.

Mas ele precisou de vários movimentos dialéticos para ter alguns, eu diria, como - não sei se a palavra está certa - para ter alguns como *uma forma de certeza* que talvez lhe permita dar um novo salto ali, que seja minha *4ª vez*, um novo salto que lhe permita ele momento passar para uma nova forma de gozo, arriscar. Eu disse “*arriscar*”, porque não é certo chegar ao que chamo essa *4ª vez* que ainda vou pontuar.



Digo-vos que se pode imaginar um tempo final que seria o ponto terminal, o ponto não de retorno, pois a pulsão não volta ao ponto de partida, mas ao ponto possível, último da pulsão:

Marquei o *gozo do Outro*, e o pequeno esquema, o novo esquema de separação, o terceiro que inscrevo, representa o esquema de separação, não mais com o *objeto petit(a)* na lúnula, mas com o significante S do grande A riscado *S(A)*, e o significante *S2*, significando que LACAN nos ensina a localizar como sendo o da *Urverdrängung*.

Por que estou marcando isso? Diria que todo o percurso feito, seja do ponto de vista do sujeito, do Outro e do segundo outro, confirma-se que o objeto é verdadeiramente volatilizado. Pode-se imaginar que neste momento o sujeito dará um salto, não mais se contentará em estar separado do Outro pelo *objeto pequeno(a)*, mas prosseguirá verdadeiramente com uma tentativa de *atravessar a fantasia*.

Há uma passagem no seminário 11 - muito antes de LACAN falar do problema do gozo do Outro - onde LACAN sobre o tema da pulsão e da sublimação, levanta a questão e se pergunta como a pulsão pode ser vivida após o que seria a *travessia da fantasia*. E LACAN acrescenta: “*Isso não está mais no domínio da análise, mas está além da análise*”.

Assim, se nos lembrarmos que *o objeto pequeno(a)* não é apenas, como tantas vezes ouvimos dizer, essencialmente caracterizado pelo fato de ser o objeto ausente, é certamente o objeto ausente. ...

...mas, para além desta função, poder-se-ia dizer que *a sua função fundamental é antes colmatar esta lacuna radical que torna tão imperativa a necessidade de procura.*

Se realmente *falta alguma coisa no ser falante*, não é *o objeto pequeno(a)*, é essa lacuna no Outro que se articula com o S maiúsculo de A maiúsculo (HER). É por isso que no final deste circuito pulsional, para dar conta da experiência do ouvinte, apresento esta ideia de que a natureza do gozo que pode ser acedido no final da viagem não está de modo algum do lado de um “*mais*”. *-de-jouir*”, mas justamente do lado dessa experiência desse gozo, talvez se possa dizer “*extático*”, gozo da própria existência.

Além disso, a propósito do termo " *gozo extático* ", fiquei chocado ao localizar sob a pena de LÉVI-STRAUSS, por um lado, em um número de " *Musique en jeu* ", onde LÉVI-STRAUSS põe em perspectiva com muita precisão a natureza , não o *gozo*, enfim a experiência da música e aquilo que lhe parece ser *a experiência mística*.

O próprio FREUD, em carta a Romain ROLLAND, se vê respondendo, articulando espontaneamente que recusava o *gozo musical* e que esse *gozo musical* lhe parecia tão estranho quanto o que Romain ROLLAND lhe dizia sobre *gozo de ordem mística*. Por fim, foi ele mesmo quem articulou os dois, que teve a ideia de introduzir música nele.

Da última vez, portanto, onde o sujeito dará o salto, não sei se se pode dizer "além" ou "atrás" *do objeto petit(a)*, mas conseguirá atravessar e chegar a esse lugar, poder-se-ia dizer de comemoração do ser inconsciente como tal. Ou seja, o agrupamento das carências mais radicais, que são aquelas que criam a lacuna entre o sujeito do inconsciente e o do inconsciente.

Ou seja, para colocar a experiência disso... pode-se dizer que no último momento, se quiser, pode-se dizer que o *Real* como *impossível* é incandescente, é levado à incandescência. Nesse ponto, quero dizer que a música nos move, nos dá prazer, mas que em certos momentos de agitação pela música, como dizemos, o tempo pára.

Na verdade, há uma suspensão de tempo a este nível. E nessa suspensão do tempo, podemos hipotetizar que o que está acontecendo é uma espécie de comemoração do ato fundador do inconsciente na separação mais primordial, a *lacuna mais primordial* que foi arrancada do *Real* e que foi introduzida no sujeito, que é o *S* de *A* maiúsculo riscado pelo significante *S2*.

Acredito que o último ponto que pode ser colocado é apontar que *esse ponto de gozo* que me parece ser o que LACAN articula ser o *gozo do Outro*, é justamente o ponto de dessexualização máxima...

Eu diria total, superior, sublime, sublime no sentido de sublimação
...e é justamente por esse ponto que a sublimação tem a ver com dessexualização e gozo.

Então, então as duas ou três voltas, de que falei no início, são, portanto, aquelas que podem ser identificadas entre a passagem do primeiro para o segundo tempo, do segundo para o terceiro, e não saber se podemos falar de uma reviravolta para dizer a verdade para a topologia do que eu chamaria de quarta vez. Resta pensar.

LACAN

Muito obrigado.

11 de janeiro de 1977

[Tabela de sessões](#)

O que regula o *contágio* de certas fórmulas? Não creio que seja essa a convicção com que se pronunciavam, porque não se pode dizer que este seja o meio pelo qual propaguei meus ensinamentos.

Finalmente, é Jacques-Alain MILLER quem pode testemunhar sobre isso: ele considera que o que eu falei durante meus vinte e cinco anos de seminário teve essa marca?

Bom. Isto, sobretudo porque o que tentei fazer foi *dizer a verdade*, mas não o disse com tanta convicção, parece-me. Eu ainda estava à margem o suficiente para ser decente.

Falar a verdade sobre o quê? Sobre conhecimento. Foi nisso que eu pensei que poderia fundamentar a psicanálise, pois no final tudo o que eu disse se mantém. *Para falar a verdade* sobre o conhecimento, isso não era necessariamente supor o conhecimento para o psicanalista, sabe: eu defini a transferência nesses termos, mas isso não quer dizer que ela não seja uma ilusão.

O fato é que, como disse algures nesta coisa que me reli com um pouco de espanto, ainda me impressiona o que disse antigamente, nunca imagino que pudesse ter dito isso.

Resta, portanto, isto: que *Conhecimento* e *Verdade* não têm entre si...

como eu digo nesta *Radiofonia* lá, do N°2 - 3 de *Scilicet*

...que o *Conhecimento* e a *Verdade* não têm relação entre si. Devo agora datilografar um prefácio para a tradução italiana desses quatro primeiros números de *Scilicet*.

Naturalmente, não é muito conveniente para mim, dada a idade desses textos. Certamente sou bastante fraco na maneira de receber a carga do que escrevi. Não é que sempre me pareça a coisa mais desaconselhável, mas é sempre um pouco atrás do volante e é isso que me surpreende.

O *Conhecimento* em questão, portanto, é o *inconsciente*. Há algum tempo, convocado a algo que nada mais era do que o que estamos tentando fazer em Vincennes sob o nome de " *Clínica Psicanalítica* ", salientei que o *saber* em questão não era nem mais nem menos que o *inconsciente* e que, em suma, era muito difícil saber realmente a ideia que FREUD tinha disso.

Tudo o que ele diz - parece-me... parecia-me - impõe que seja *Conhecimento*.

Vamos *tentar definir* o que isso pode nos dizer, um *Conhecimento*.

Trata-se, em *Conhecimento*, do que podemos chamar de *efeitos de significante*.

Tenho aqui algo que - devo dizer - me aterrorizou. É uma coleção que apareceu sob o título de *La Philosophie en effet*.

De fato, Filosofia - em efeito de significantes - é justamente o que me esforço para fazer bem, quero dizer que não acredito em fazer filosofia...

sempre fazemos mais do que pensamos

...não há nada mais escorregadio do que esta área. Você também o faz à vontade, e certamente não é o que mais lhe dá prazer.

FREUD, portanto, tinha muito poucas idéias do que era o inconsciente.

Mas parece-me - lendo-o - que se pode deduzir que ele pensava que eram efeitos significantes.

O homem...

temos que chamar assim uma certa generalidade, uma generalidade da qual não podemos dizer que surjam algumas: FREUD não tinha nada de transcendente nele, era um médicozinho que fazia - meu Deus - o que podia para o que se chama de cura, que não vai longe

...o homem portanto - já que falei do homem - dificilmente o homem sai deste negócio do *Conhecimento*.

Ela lhe é imposta pelo que chamei de *efeitos do significante*, e ele não se sente à vontade: não sabe " *fazer com* " o *Conhecimento*.

Isso é chamado de debilidade mental, da qual - devo dizer - não me excludo. Não me excludo disso simplesmente porque tenho que lidar com o mesmo material que todo mundo e esse material é o que nos habita.

Com esse material, ele não sabe " *fazer* ". É a mesma coisa que esse " *fazer com* " que eu estava falando antes, mas essas nuances assim, de linguagem, são muito importantes. Não se pode dizer isso " *fazendo* ", em todas as línguas.

Saber fazer é outra coisa do que saber fazer. Significa gerenciar.

Mas esse " *fazer* " indica que não se toma realmente a coisa, em suma, em conceito.

Isso nos leva a empurrar a porta de certas filosofias. Não devemos empurrar esta porta muito rapidamente, porque devemos permanecer no nível em que coloquei o que chamei resumidamente *de discursos: os ditos são o "dizer que ajuda"*. Mesmo assim, devemos aproveitar o equívoco oferecido pela língua em que falamos.

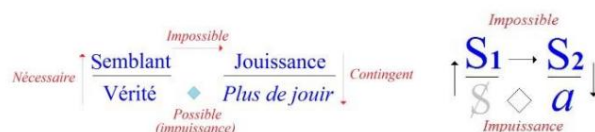
O que ajuda? Está *dizendo* ou está *dizendo* ?

Na hipótese analítica, é o *dizer*, ou seja, *a enunciação, a enunciação* do que chamei anteriormente de *verdade*.

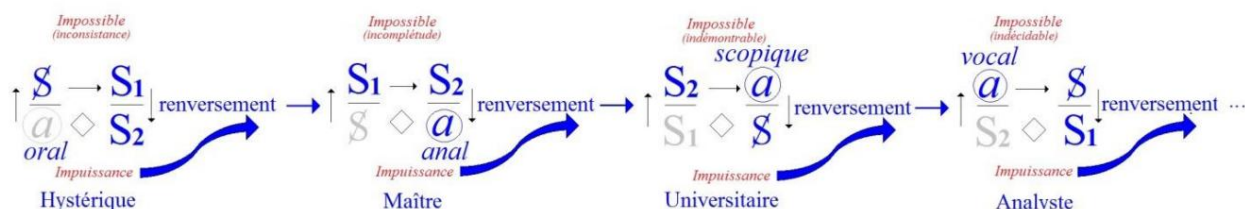
E nestes *"diga ajuda"* eu tenho...

o ano em que eu estava falando sobre *O Outro Lado da Psicanálise*² você provavelmente não se lembra

Eu tinha gostado que distinguísse mais ou menos quatro, porque eu me divertia girando *uma série de quatro* precisamente e que, nessa *série de quatro*, a *Verdade* - a verdade de *dizer* - a *Verdade* não estava resumida, apenas implícita, pois como você pode se lembrar - sim, como você pode se lembrar - ficou assim:



Quero dizer, foi o *discurso do mestre* que foi o discurso menos *verdadeiro*. O menos *verdadeiro* significa o mais *impossível*.



De fato, marquei esse discurso com a impossibilidade, é pelo menos assim que o reproduzi no que foi impresso pela *Radiophonie*. Esse discurso é mentiroso e é justamente nisso que atinge o *Real*: *Verdrängung* FREUD chamou isso, e, no entanto, é de fato um ditado que o ajuda.

Tudo o que é dito é uma farsa. Não é apenas o que é dito do inconsciente.

O que se diz a partir do inconsciente participa do equívoco, o equívoco que é o princípio do *chiste*: equivalência de som e sentido, eis em nome do qual pensei poder adiantar que *o inconsciente se estruturava como uma linguagem*. _____

Percebi, assim, um pouco tarde e sobre algo que apareceu em *Lexique et grammaire*

ou *a língua francesa* de ³, revisão trimestral, é um pequeno artigo que eu aconselho você a olhar com atenção porque é alguém por quem tenho muita estima, é Jean-Claude MILNER. É o número 30, publicado em maio de 1976. Chama-se *Reflexões sobre a referência*.

O que, depois de ler este artigo, é para mim objeto de interrogação, é isto: é o papel que ele dá à *anáfora*.

Ele percebe que a gramática desempenha um certo papel e que, em particular, a frase que não é tão simples:

" *Eu vi 10 leões e você - ele disse - você viu 15.* "

A *anáfora* inclui o uso deste " *en* ". Ele coloca as coisas com muita precisão ao dizer que este " *in* " não é apontar para os leões, é apontar para os 10. Prefiro que ele não diga: " *você viu 15* ", prefiro que ele diga: " *você tem visto mais* ". Porque, na verdade, ele não contou esses 15, o " *você* " em questão.

Mas é certo que na frase separada: " *Eu capturei 10 dos leões e você capturou 15.* " a referência não é mais a 10, mas aos leões.

É - creio eu - bastante surpreendente que, no que chamo de estrutura do inconsciente, a gramática deva ser eliminada.

Não devemos eliminar a lógica, mas devemos eliminar a gramática.

Em francês há muita gramática. Em alemão há ainda mais.

Em inglês há outro, mas de alguma forma implícito.

² Ver seminário 1969-70: " *O outro lado da psicanálise* ", Seuil, 1991.

³ Jean-Claude Milner: " *Reflexões sobre a referência* ", em língua francesa: *Léxico e gramática*. ed. Larousse, número 30, maio de 1976, pp.63-73.

A gramática deve ser implícita para ter seu peso justo.

Gostaria de lhe dizer uma coisa, que é de uma época em que o francês não tinha tanta gramática, Eu gostaria de falar sobre isso algo chamado *Les variegations du seigneur des Accords* ⁴. Ele viveu no final do século 16.

E é impressionante porque parece sempre jogar com o inconsciente, o que é curioso, já que ele não tinha ideia disso, muito menos que FREUD, mas que é tudo a mesma coisa que ele joga.

Como conseguir apreender, *dizer* esse tipo de imprecisão que é, em suma, "uso"?

E como especificar a maneira como, nesse borrão, se especifica o inconsciente que é sempre individual?

Há uma coisa que chama a atenção, é que não há três dimensões na linguagem. A linguagem é sempre *achatada*.

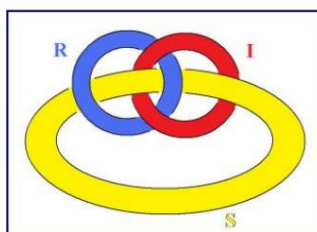
E é por isso mesmo que minha história distorcida aí, do *Imaginário*, do *Simbólico* e do *Real*, com o fato de que o *Simbólico* é o que *passa por cima do que está em cima e o que passa por baixo do que está em baixo*, é isso que o torna valioso.

O valor é que é *achatado*.

Ele é *plano*, e de uma forma que você sabe - porque eu o repeti para você, reelaborei - cuja função, valor, você sabe que tem o efeito de que, qualquer um dos três sendo dissolvido, o outros 2 são liberados.

Isso é o que eu chamei em seu tempo, do termo *nó* para o que não é um *nó*, mas na verdade uma *corrente*.

Esta *corrente* da mesma forma, é impressionante que ela possa ser *achatada*.



E eu vou dizer que...

é uma reflexão como essa que me inspirou o fato de que, no que diz respeito ao *Real*, queremos identificá-lo com a matéria... Prefiro escrever assim: "a alma de um terceiro". Seria assim uma forma mais séria de se referir a esse algo com o qual estamos lidando, que não é à toa que é homogêneo com os outros dois.

Que um homem chamado Charles-Sanders PEIRCE como era chamado...

Você sabe que eu escrevi esse nome antes, de novo e de novo

...que esse PEIRCE ficou bastante impressionado com o fato de que a linguagem não expressa, a rigor, a *relação*, isso é algo que chama a atenção.

Que a linguagem não permite uma notação como *X* tendo um certo tipo - e não outro - de relação com *Y*,

é isso que me autoriza - já que o próprio PEIRCE articula que para isso seria necessária uma lógica ternária, e não, como se costuma usar, uma lógica binária - é isso que me autoriza a falar da "alma a terceiro", como de algo que requer um certo tipo de relação lógica.

Pois é... Bem, de qualquer forma, irei de fato a esta *Filosofia mesmo*, coleção que aparece na AUBIER-FLAMMARION, para dizer o que me assustou um pouco no que anda em suma de algo que inaugurei com meu discurso.

Há um livro que apareceu lá, de um tal Nicolas ABRAHAM e de uma chamada Maria TOROK. Sim...

Chama-se *Cryptonymie*, o que indica bastante ambiguidade, nomeadamente que o nome está escondido lá, e chama-se *Le Verbier de l'Homme aux loups* ⁵.

Não sei, pode haver alguns que estão lá e que assistiram aos meus discursos sobre *O Lobisomem*.

É neste contexto que falei da *exclusão do Nome do Pai*.

O *Verbier do Lobisomem* é algo em que, se as palavras têm um sentido, acho que reconheço o impulso do que sempre articulei. A saber, que o *significante* é o que está envolvido no inconsciente, e que o fato de o *inconsciente* resumindo, estamos falando...

se de fato houver um alto- *falante*

...que falemos sozinhos, porque só dizemos uma e a mesma coisa, a menos que nos abrimos ao diálogo com um psicanalista. Não há como não receber de um psicanalista esse algo que em suma é inquietante, daí sua defesa e tudo o que elucubremos sobre as supostas resistências.

⁴ Étienne Tabourot: "A variedade de Lord Des Accords. Quarto livro. Com os Apophthegmes de Lord Gaulard", ed. B. Rigaud, 1584; ou ed. Campeão Honoré, 2004.

⁵ Nicolas Abraham (1919-1975) e Maria Torok (1925-1998) *The Verbier of the Wolf Man*, ed. Flammarion, 1999.

É impressionante que a resistência - como disse - seja algo que parte do próprio analista e que a boa vontade do analisando nunca encontre nada pior do que a resistência do analista.

A psicanálise - eu disse, repeti muito recentemente - não é uma ciência. Ela não tem seu status de ciência e só pode esperar por ela, torcer por ela. Mas é *um delírio* que se espera que *carregue uma ciência*. É *um delírio* que se espera tornar-se *científico*. Podemos esperar muito tempo.

Podemos esperar muito tempo, disse porquê, simplesmente porque não há progresso e o que esperamos não é necessariamente o que recolhemos. É, portanto, um delírio científico, e esperamos que ele contenha uma ciência, mas isso não significa que a prática analítica jamais suportará essa ciência. É uma ciência que tem tanto menos chance de amadurecer quanto é antitética, que mesmo assim, pelo uso que dela fazemos, sabemos que há relações entre ciência e lógica.

Há uma coisa que - devo dizer - me surpreende ainda mais do que a transmissão... a divulgação que a gente sabe que está acontecendo, a divulgação do que se chama meu ensino, minhas ideias, pois isso significaria *que eu tenho ideias*... a difusão do meu ensino para esse algo que é o outro extremo dos agrupamentos analíticos... quem é essa coisa que anda sob o nome de *Instituto de Psicanálise*... uma coisa que me surpreende ainda mais, não é que *Le Verbier de l'Homme aux loups*, não apenas navega, mas também faz descendência, é aquele alguém que eu não conhecia - para dizer a verdade, eu acredito *nele* análise - que eu não sabia que estava em análise - mas é uma hipótese simples - é um homem chamado Jacques DERRIDA que faz *um prefácio a este Verbier*.

Ele faz um prefácio absolutamente fervoroso, entusiasmado, no qual acredito perceber um tremor que está ligado... Não sei com qual dos dois analistas ele está lidando, o certo é que ele os acopla. E não consigo encontrar - devo dizer...

embora eu tenha começado as coisas assim... Não acho este livro, nem este prefácio, muito bons. No gênero *delirante*, eu estou falando assim, não posso dizer que é na esperança de que você vá ver - eu até preferiria que você desistisse - mas de qualquer forma eu sei muito bem que em no final você vai correr para AUBIER-FLAMMARION, mesmo que apenas para ver o que eu chamo de extremo.

É certo que combina com o desejo - cada vez mais medíocre que tenho de lhe falar. O que está combinado é que tenho medo do que, em suma, me sinto mais ou menos responsável, ou seja, ter aberto as comportas de algo sobre o qual eu poderia muito bem tê-lo fechado.

Eu poderia muito bem ter reservado para mim mesmo a satisfação de jogar com o inconsciente sem explicar a farsa, sem dizer que é por essa coisa dos efeitos de significante que se opera. Eu poderia muito bem ter guardado para mim mesmo, pois, em suma, se eu não tivesse realmente sido forçado a fazê-lo, eu nunca teria dado aulas.

Não se pode dizer que o que Jacques-Alain MILLER publicou sobre a " *cisão de 53* ", é com entusiasmo que assumi o assunto desse inconsciente. Diria ainda mais, não gosto muito do segundo tópico, quero dizer aquele em que FREUD se deixou levar pelo GRODDECK. Claro que não podemos fazer o contrário: esses *achatamentos*, o *Id* com o olho grande que é o *Me*. O *Isso* é... tudo é achatado.

Mas, finalmente, este *Eu* ...

que por sinal em alemão não se chama *Me*, se chama *Ich* - *Wo es war*... onde estava: não sabemos nada o que estava na bola deste GRODDECK para apoiar este *Id*, este " *É* ". Ele pensou que o *Id* em questão era o que você viveu. É o que ele diz quando escreve seu *Buch*, seu " *Livro disso* ", seu livro de *Es*, ele diz que é isso que você vive.

Essa ideia de uma unidade global que vive você, quando é bastante óbvio que o *Id* dialoga, e é isso mesmo que eu tenho designado pelo nome de *grande A*, é que há outra coisa, o que chamei há pouco " *a alma de um terceiro* ", " *a alma de um terceiro* " que não é apenas o *Real*, que é algo com o qual expressamente - digo-o - não temos qualquer relação. Com a linguagem nós latimos para essa coisa, e o que *S(A)* significa é o que significa, *é que ela não responde*. Isso é o que falamos para nós mesmos, que falamos para nós mesmos *até*

o que se chama um *ego*, isto é, *algo* do qual nada garante que não possa propriamente delirar.

Exatamente por isso eu assinaei que, como Freud aliás, não havia necessidade de olhar tão de perto no que diz respeito à psicanálise, e que entre a loucura e a debilidade mental, nós só temos uma escolha. Isso é o suficiente por hoje.

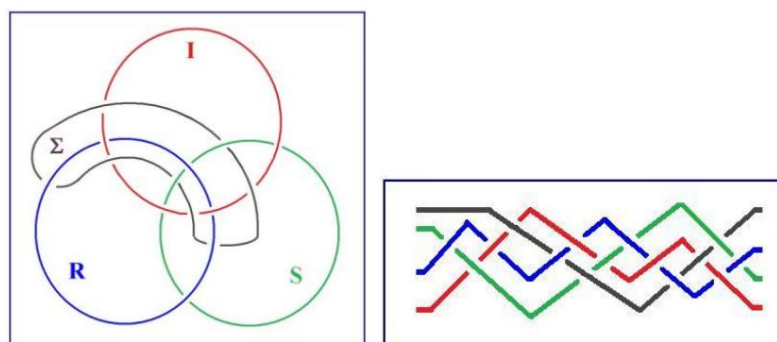
18 de janeiro de 1977

[Tabela de sessões](#)

É bastante doloroso, então aqui está: na verdade, isso é mais o testemunho de um fracasso, ou seja, que eu me esgotei por *quarenta e oito* horas, fazendo o que eu chamaria...

ao contrário da *trança*

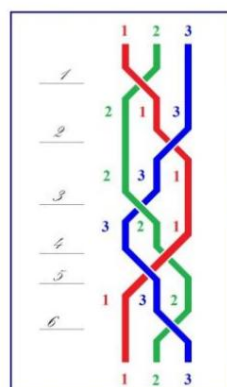
...Eu me esgotei por *quarenta e oito* horas fazendo o que eu chamaria de "*foursse*". Então :



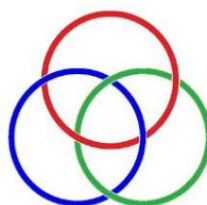
A *trança* é o princípio do *nó borromeano*, ou seja, depois de seis vezes, encontramos...

contanto que cruzemos esses três da maneira certa...

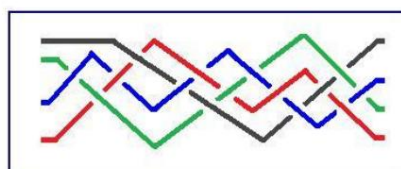
...isso significa *que após seis manobras da trança, você encontra em ordem - na sexta manobra - 1, 2 e 3:*



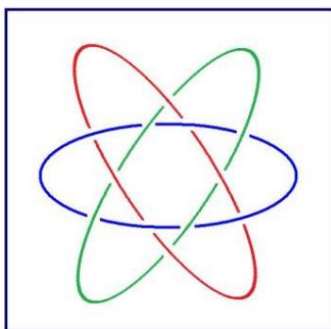
Isto é o que constitui o *nó borromeano*. Se você tiver... se você proceder doze vezes, você também terá outro *nó borromeano*. Curiosamente, este outro *nó borromeano* não se visualiza imediatamente, mas tem esse caráter que, ao contrário do primeiro *nó borromeano* que, como você viu antes, vai acima do de cima - pois - você o vê: o vermelho está acima do verde - abaixo do que está abaixo: eis o princípio do qual deriva o *nó borromeano*, é de acordo com essa operação que o *nó borromeano* se sustenta.



Da mesma forma, em uma operação de quarteto, você colocaria um acima, o outro abaixo:



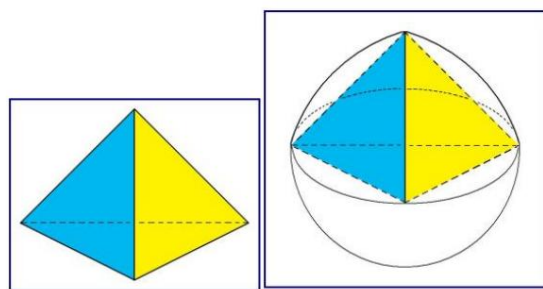
E da mesma forma que você vai operar, com abaixo do que está abaixo, você terá assim um novo *nó borromeano* que representa aquele com doze cruzamentos:



E essa trança? Essa trança pode estar no espaço, não há razão - *pelo menos no nível dos quatros* - que não podemos supor que esteja totalmente *suspensa*. A trança, no entanto, é visível na medida em que é colocada plana.

Passei outra época, aquela que *supostamente* estava reservada para as férias, me exaurindo tentando colocar *em operação outro tipo de nó borromeano*, a saber, aquele que teria sido feito obrigatoriamente no espaço . você vê lá, quer dizer, de algo que se costuma colocar plano, mas do que é chamado de *tetraedro*.

Um tetraedro é desenhado assim:



Graças a isso, existem 1, 2, 3, 4, 5, 6 *arestas*. Devo dizer que os preconceitos que tive - porque não é nada menos - me empurrou para operar com as *quatro faces* e não com as *seis bordas*, e que com as *quatro faces* é bem difícil, é impossível trançar. Leva as *seis pontas* para fazer uma trança correta e eu gostaria dessas bolas, eu as vejo voltando. *[bolas lançadas para a sala marcada com o diagrama]*

O fato é que você descobrirá que a trança, não às *seis* , mas às *doze*, é bastante fundamental. Quero dizer que o que acontece é que não se pode praticar essa trança de tetraedros sem começar - desde os tetraedros, existem apenas três - sem começar pela *trança*.

Este é um fato que me foi descoberto tarde na vida, e que você verá aqui, desde que eu lhe passe essas bolas das quais - repito - gostaria de vê-los voltar porque não os esclareci - longe disso - completamente. Vou, portanto, como de costume, enviá-los a você para seu exame. Eu gostaria de ver todos os quatro de volta. Na verdade, eles não são iguais.

Há quatro deles, não é sem razão. É uma razão que eu ainda não dominei. É preferível...
embora, é claro, levaria muito tempo
... seria preferível que, de uma destas bolas para a outra, se as comparasse, porque são realmente diferentes.

Eu gostaria que, desta trança de três vias...

que é fundamental no funcionamento desses *nós tetraédricos borromeanos* aos quais, repito, me apeguei sem conseguir

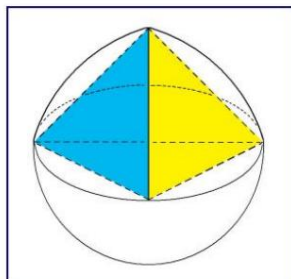
... Eu gostaria que você tirasse uma conclusão. É que, mesmo para os tetraedros em questão, também se procede ao que eu chamaria de *achatamento*, para que isso fique claro.

É necessário achatá-lo - às vezes esférico - para que possamos apontar, se assim posso dizer, que os *cruzamentos* em questão, os cruzamentos tetraédricos, são de fato da mesma ordem, ou seja, que o tetraedro que está *abaixo*, o terceiro tetraedro, passa *abaixo*, e o tetraedro que está *acima*, o terceiro tetraedro passa *acima*.

De fato, é por isso que estamos, aqui novamente, no *nó borromeano*. O que é lamentável, porém, é que mesmo no espaço, mesmo a partir de um pressuposto espacial, também somos obrigados neste caso a apoiar...

pois no final somos nós que apoiamos

...para apoiar o achatamento. Mesmo a partir de um pressuposto espacial, somos obrigados a sustentar esse achatamento, muito precisamente na forma de algo que se apresenta como uma esfera:



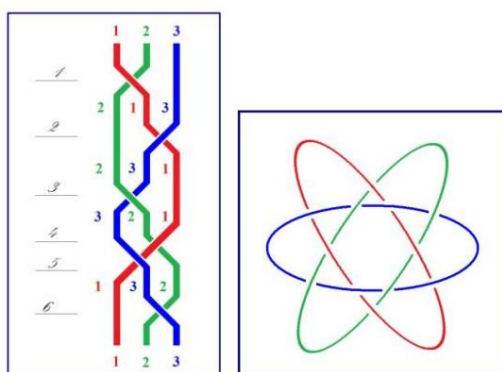
Mas, o que isso significa, senão que, mesmo manipulando o espaço, só vimos em superfícies, superfícies sem dúvida que não são superfícies banais já que articulamos como achatadas.

A partir deste momento, ele está, nas bolas...

que acabei de distribuir para vocês e que gostaria de ver voltar

...é, nas bolas, manifesto que a trança fundamental - aquela que se cruza doze vezes - é manifesto que esta trança fundamental faz parte de um *toro*.

Exatamente este *toro* que podemos materializar ao nível disto, ou seja, a trança aos doze, e que também poderíamos materializar ao nível disto, que é a trança aos 6:



Na verdade, esta função do *toro* é bastante manifesta ao nível das bolas que acabo de lhe dar, porque não é menos verdade que entre os dois pequenos triângulos, se o fizermos - peço-lhe que considere estas bolas - se passarmos um fio polar, teremos exatamente da mesma forma um *toro*.

Porque basta fazer um furo ao nível destes dois pequenos triângulos para constituir ao mesmo tempo um *toro*.

É assim que a situação é homogênea, no caso do *nó borromeano*, como acabei de desenhá-lo aqui, é homogênea entre esse *nó borromeano* e o *tetraedro*.

Há, portanto, algo que não torna menos verdadeiro para um tetraedro que a função do toro ali regula o que é "nodal" no *nó borromeano*. É um fato, é um fato que nunca foi visto, a saber, que tudo o que diz respeito ao *nó borromeano* só se articula por ser *tórico*.

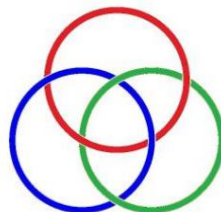
Um toro é caracterizado especificamente por ser um buraco. O que é lamentável é que o buraco é muito difícil de definir. É que o nó do buraco com seu achatamento é essencial: é o único princípio de sua contagem, e que só há uma maneira, até agora, em matemática, de contar os buracos por onde *passam*, ou seja, fazer uma viagem tal que os buracos sejam contados.

Isso é chamado de "o grupo fundamental".

É por isso que a matemática não domina totalmente o que está envolvido.

Quantos buracos existem em um *nó borromeano* ?

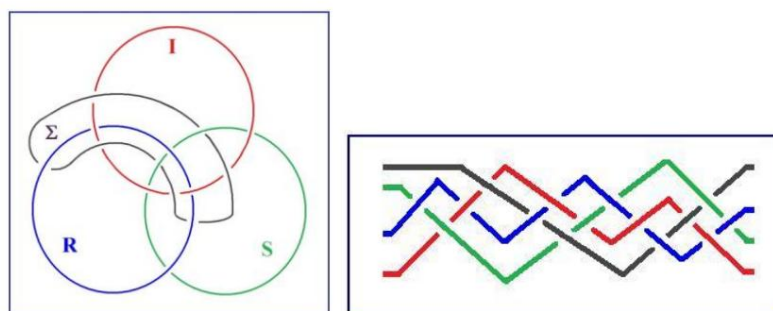
Isso é o que é problemático, já que você vê, plano, são quatro:



São quatro, ou seja, não há menos do que no tetraedro que tem quatro faces, em que, cada uma, podemos fazer um buraco. Só que podemos fazer dois buracos, até três, até quatro, fazendo um buraco em cada uma das faces e que, neste caso, cada face combinando com todas as outras e mesmo podendo passar por si mesma, é difícil para ver como contar esses *caminhos* que seriam constituintes do que se chama de *grupo fundamental*.

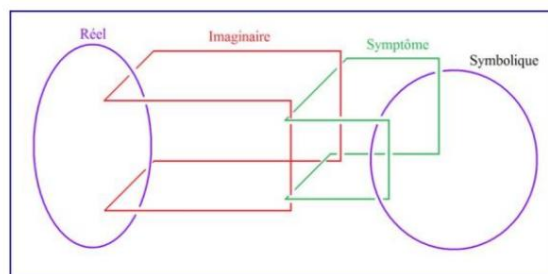
Estamos, portanto, reduzidos à constância de cada um desses buracos, que assim desaparece de maneira bastante perceptível, já que um buraco não é muito. Como então distinguir o que faz um buraco e o que não faz um buraco?

Talvez o *fourss* possa nos ajudar a compreendê-lo. É de fato nos *quatro* algo que une o que eu chamei de três círculos, ou seja, como você vê aqui neste primeiro desenho, esses três círculos formam *um nó borromeano*.



Eles formam um *nó borromeano*, não que os três primeiros formem um *nó borromeano*, pois, como está implícito no fato de que o quarto, *liberado* se assim posso dizer, o quarto elemento *liberado* deve deixar cada um dos três livre.

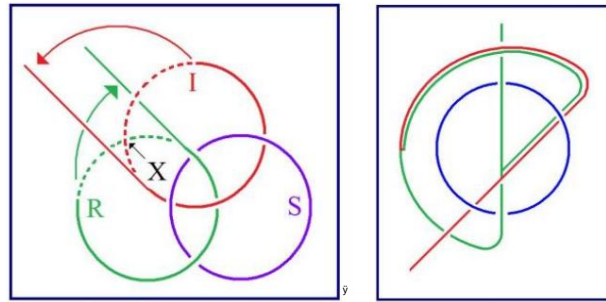
A *quatresse* liga, porém, a partir da que está mais acima [em preto], na condição de passar sobre a que está mais acima, ela passará - sobre aquela que no cenário em plano é intermediária [em verde] - para passar por baixo, ele se encontrará ligando os três. Isso é realmente o que vemos acontecendo, que é isso, desde que você veja como equivalente a isso:



Acho que você vê aqui que é uma representação do *Real* na medida em que é aqui que você tem a apreensão dele, do *Imaginário*, do *Sintoma* e do *Simbólico*, sendo o *Simbólico* de vez em quando muito precisamente o que devemos pensar, como sendo o significante. O que isso significa?

É que o significado na ocasião é um *sintoma*, sendo o corpo, ou seja, o *Imaginário* distinto do significado. Essa maneira de fazer a *cadeia* nos questiona sobre isso: é que o *Real*...
ou seja, isso na ocasião que está marcada lá
...é que o *Real* estaria suspenso especialmente no *Corpo*.

Sim, vamos tentar aqui ver o que resultaria disso, ou seja, esse "X" que está ali, esse lugar...

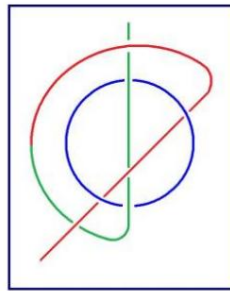


abriria e que *o Imaginário* continuaria no *Real*. De fato, é o que acontece, pois os corpos são produzidos – da maneira mais fútil – apenas como apêndices da vida, ou seja, daquilo que FREUD especula quando fala do *germe*.

Encontramos aí, em torno da função falante, algo que, se pode-se dizer, *isola* o homem, do qual seria necessário naquele momento assinalar que é somente em função disso *que ele não pode haver relação sexual*, apenas aquilo que pode chamar de linguagem ocasionalmente, se assim posso dizer, compensaria isso. É um fato que o *bla-bla* fornece, fornece o que se distingue do fato de que não há relação. Sim, neste caso seria necessário que *o Real...*

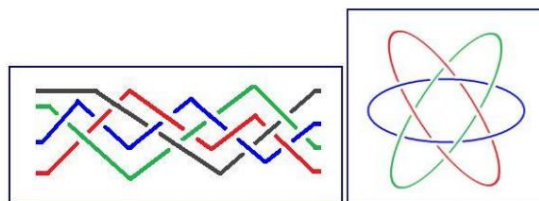
sem que possamos saber onde ele pára

...que *o Real*, nós o colocamos em continuidade com *o Imaginário*. Em outras palavras, ele começa em algum lugar bem no meio do *Symbolic* :



Isso explicaria que o *Imaginário*, aqui desenhado em vermelho, efetivamente se retrai no *Simbólico*, mas que, por outro lado, lhe é estranho, como atesta o fato de que só há homem para falar. Está expresso aqui: que o *Real* está desenhado em verde.

Sim... gostaria que alguém me desafiasse sobre o que tenho hoje, para você, dolorosamente tentei formular dessa forma que torna o simbólico algo que não é fácil de expressar. Acho que, quanto a essa trança de quatro, me parece reproduzir, reproduzir muito bem o que está aqui:



Ou seja, é uma forma de representá-lo como a *trança* em questão.

Se eu realmente não consegui de imediato, é porque você não deve acreditar que é fácil fazer uma trança aos 4: é necessário partir de um ponto que *corta as interseções*, por assim dizer, de maneira adequada, e pode ser que as coisas sejam tais que de um desses pontos não se encontre uma maneira de trançar .

Isso é o que eu demorei tanto, tanto tempo que me prejudicou mais do que o que eu tinha para te dizer hoje. Resposta, ou seja, para me questionar sobre o que eu queria dizer hoje, eu ficaria grato a ele.

Perguntas

X

Permita-me fazer-lhe uma pergunta. Eu queria perguntar-lhe, porque você disse: "o pressuposto do espaço", e eu nunca entendi muito bem - e humildemente admito diante desta nobre assembléia - se você diz "ek-siste" ou "existe". . Eu tenho o direito de ter minhas fraquezas. Mas por que você não poderia dizer: o "pai do espaço"?

LACAN - Sim

X

...Eu me pergunto. E aí você disse: a "pressuposição do tetraedro que é três no espaço forma uma trança". Não sou do circo, mas lembro que já que estamos falando de uma esfera, com essas bolas que você mandou que são tão diferentes, podemos tecer.

LACAN - Podemos...?

X - *Pode ser trançado na Ilha Borromeo. Podemos fazer a trança no espaço como o malabarista.*

LACAN - É...

X - *É o que você disse que é difícil de dizer, você mesmo admitiu. Ninguém te disse?*

LACAN - sim é verdade. Bom. Alguém mais tem uma pergunta?

X

A abertura do [Real](#) e do [Imaginário](#) com o [Simbólico](#) dobrado sobre si supõe que você passa do domínio do "homem" no domínio da "vida e dos vivos"?

LACAN - Certamente não é o único a viver.

X

Você não pode me ouvir precisamente porque eu não tenho um microfone. A técnica é feita assim como há microfones. Por que você não usa? É para dar mais valor ao que você diz?

LACAN - Certamente não! Peço desculpas por ter tido que ir ao conselho mais de uma vez.

X

Então, se a função falante isola o homem, que tal uma manifestação pré-verbal, ou seja, a possível abertura do [Real](#)...

Releio: o [Real](#) em continuidade com o [Imaginário](#)

...como você vê, por exemplo, manifestações pré-verbais que são as da arte, por exemplo.

LACAN - Os de...?

X

...arte, música, "arte" entre aspas, pintura, música, enfim, todas as artes que são, que não passam pela fala-cura, que não passam pela fala? Então, se você colocar o [Real](#) em continuidade com o [Imaginário](#) por uma abertura aqui, eu acredito...

de uma experiência que é minha de pintar

...que a continuidade aqui desenhada por você no quadro por uma abertura está em ação...

Digo em ato - desta vez pelo corpo, que é como você definiu e como FREUD o define pelo germe, como o corpo estando lá por apêndice

...acho que ali, ao nível da pintura, está a acontecer um jogo de apêndice pré-verbal, quer dizer e aí, peço-vos que acompanhem com precisão, não que eu não saiba o que vem a seguir, mas que aguardo sua resposta.

LACAN - Sim...

X

Vejo neste gráfico, que é, portanto, a representação de um corte, mas onde há a possibilidade de uma abertura em ação que é o ato de pintar, que está ali justamente o fato de uma abertura, mas por uma continuidade que seria, com licença, uma espécie de... um pouco como quando você pega caramelo, faz fios. Então desta vez não há o corte entre o sujeito e o lugar do Outro, não há essa alienação que nos foi descrita na música, da última vez, onde o [pequeno\(a\)](#) s desaparece, digamos que entre o [Sujeito](#) e [lugar do Outro](#) são fios. É como fazer caramelo.

Da compulsividade do Sujeito ao lugar do Outro, vejo uma curiosa possibilidade da linguagem da pintura...

que é minha, e que é uma língua onde ao nível do denotado, isto é, ao nível do que é o dicionário e do que é precisamente colocado no abismo e que é de acordo com a hora em seu estudo sobre a linguagem da cura

...aqui no fato pictórico há uma espécie de insistência...

e como LACAN diz que o sentido não consiste no que significa no momento, efetivamente há sempre esse slide e esse jogo de significantes como no Seminário de La Lettre roubado

...aqui haveria um processo de continuidade, de curiosa insistência, num primeiro nível que seria um nível do denotado...

que existiria na poesia, que existe no que me diz respeito, numa experiência pictórica onde naquele momento há um primeiro cenário, no palco

...os signos são cenográficos e vão insistir em um nível onde o primário passa para o secundário e - se você quiser - faz uma primeira formatação de signos que eles mesmos serão então postos na condição de abismo pelo jogo de uma espécie de jogo cênico. engrenagem.

LACAN

Pessoalmente, acredito que seu *pré-verbal* na ocasião é totalmente modelado pelo verbal. Eu quase diria que é *um hiper verbal*.

O que você chama de vez em quando esses filamentos, por exemplo, é algo profundamente motivado pelo símbolo e pelo significante.

X

Sim, eu também acredito. Mas, digamos que o caminho é diferente e não passa por todo o processo do [Simbólico](#) e não é de forma alguma questionar ou criticar o seu ensino, embora eu não esteja aqui para...

LACAN - Não há razão para não culpar meu professor.

X - Não, mas digamos que ao nível do que já não é...

LACAN

Estou tentando dizer que a arte na ocasião está além do simbolismo. A arte é um saber fazer e o [Simbólico](#) é o princípio do fazer.

Acredito que há mais verdade no dizer da arte do que em qualquer *blá-blá*.

Mas isso não significa que vai de qualquer jeito.

X - *Sim, eu só queria dizer que as coisas...*

LACAN - Não é um pré-verbal. É um verbal à segunda potência. Então !

08 de fevereiro de 1977

[Tabela de sessões](#)DIDIER-WEILL

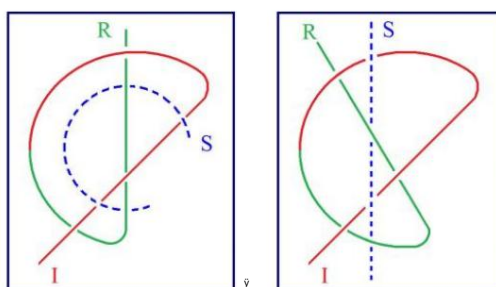
LACAN

Ah! Eu quebro minha cabeça contra o que eu chamaria - às vezes - de uma parede. Uma parede, claro, de minha invenção, é isso que me incomoda. Não inventamos nada. E o que eu inventei é feito em resumo para explicar - Eu digo "explicar", eu realmente não sei o que isso significa - explica FREUD. O que chama a atenção é que em Freud não há vestígios desse tédio ou, mais exatamente, desses problemas, desses problemas que tenho e que comunico a vocês desta forma: bato a cabeça nas paredes. »

Isso não quer dizer que FREUD não se preocupasse muito, mas o que ele deu ao público aparentemente foi ordem, eu disse "ordem" de uma *filosofia*, ou seja- ou seja, não havia... eu ia dizer que não havia ossos, mas precisamente, havia ossos e o que é necessário para andar sozinho, ou seja, um esqueleto, é isso.

Acho que aí se reconhece a figura - se no entanto eu a desenhei corretamente - a figura na qual eu imaginei, em uma única linha, o engendramento do *Real*, e que esse *Real* é prolongado em suma pelo *Imaginário*, pois este é do que se trata, sem que saibamos muito bem onde param o *Real* e o *Imaginário*.

Aqui está, esta figura, que se transforma nesta figura:



Só estou dando a vocês porque é o primeiro desenho em que não me confundo, o que é notável, porque sempre me confundo, claro.

Bem, gostaria ainda de passar a palavra a alguém a quem pedi a gentileza de vir aqui para expor um certo número de coisas que me pareceram dignas - bastante dignas - de serem ditas.

Em outras palavras, não acho o Alain DIDIER-WEILL mal engajado em seus negócios.

O que posso dizer é que, para mim, eu estava muito apegado em colocar algo plano. O achatamento sempre participa do sistema, só *participa dele*, o que não quer dizer muito. Um achatamento, por exemplo o que fiz para você com o *nó borromeano*, é um sistema.

Eu tento, é claro, romper esse *nó borromeano*, e é isso que você vê nessas duas imagens.

O ideal, o *Ideal do Ego*, em suma, seria acabar com o *Simbólico*, ou seja, não dizer nada. O que é essa força demoníaca que impele a dizer algo, ou seja, a ensinar, é sobre o que venho dizer a mim mesmo que é isso, o *Superego*. Isso é o que Freud designou por *superego* que, claro, nada tem a ver com qualquer condição que possa ser designada como natural.

A propósito desta naturalidade, devo, ao mesmo tempo, assinalar-vos uma coisa, é que me esforcei por ler algo que apareceu na *Royal Society de Londres* e que é um "Ensaio sobre o orvalho". Tinha a grande estima de um certo HERSCHEL que escreveu algo chamado *Discurso Preliminar sobre o Estudo da Filosofia Natural*.

O que mais me impressiona neste *ensaio sobre o orvalho* é que ele não tem interesse...

Eu consegui, é claro, na *Biblioteca Nacional*, onde de vez em quando tenho alguém que faz um esforço por mim, alguém que é musicólogo lá e que basicamente não está muito mal posicionado para me pegar. Na ocasião, como não tinha como obter o texto original que pudesse ler, solicitei a tradução.

... de fato foi traduzido, este *Ensaio sobre o Orvalho* foi traduzido ...
por seu autor William Charles WELLS

...foi traduzido pelo chamado TORDEUX, mestre em farmácia e você realmente tem que se esforçar muito para encontrar o menor interesse nele.

Prova que todos os fenômenos naturais não nos interessam tanto, e o *orvalho* em particular, ele desliza para a superfície. Não deixa de ser curioso que o orvalho, por exemplo, não tenha o interesse que DESCARTES conseguiu dar ao *arco-íris*.

O orvalho é um fenômeno tão natural quanto o *arco-íris*. Por que não nos torna quentes ou frios?

É muito estranho, e certamente é por causa de sua relação com o corpo que não estamos tão interessados no orvalho quanto no *arco-íris*, porque o *arco-íris*, temos a sensação de que ele leva à *teoria da luz*, pelo menos temos esse sentimento desde que DESCARTES o demonstrou. Sim. Finalmente, estou intrigado com esse pouco interesse que temos pelo orvalho. Certamente há algo centrado nas funções do corpo, que é o que torna certas coisas significativas para nós. O orvalho não tem um pouco de significado.

Isso, pelo menos , é o que *testemunho depois de ler este Ensaio sobre o orvalho* com a maior atenção que pude .

E agora vou passar a palavra para Alain DIDIER-WEILL, pedindo desculpas por tê-lo atrasado um pouco.

Ele só terá uma hora e quinze minutos para falar com você, em vez do que eu achava que poderia garantir a ele, ou seja, uma hora e meia.

Alain DIDIER-WEILL vai falar com você sobre algo que tem a ver com Conhecimento, ou seja, o “ *eu sei* ” ou o “ *ele sabe* ”. É nessa relação entre o “ *eu sei* ” e o “ *ele sabe* ” que ele vai jogar.

Alain DIDIER-WEILL

Podemos dizer que vou falar *do Passe* ?

LACAN

Você pode falar sobre o *Passe* também.

Alain DIDIER-WEILL

O ponto de onde cheguei a propor ao Dr. LACAN as elucubrações que vou lhe apresentar, me vem do que representa para mim o que se chama na *Escola Freudiana*, o *Passe*. De fato, um boato já circulava na *Escola há algum tempo*, é que os resultados do *Passe*, que funcionariam por um certo número de anos, não corresponderiam às esperanças ali depositadas. Dado que essa ideia assim que haveria a ideia de um fracasso do *Passe*, é algo que pessoalmente acho difícil de suportar, no *Passe* onde para mim parece garantir o que pode preservar do essencial e vivo para o futuro da psicanálise.

Refleti um pouco sobre a questão, e me parece que possivelmente encontrei o que poderia explicar uma montagem topológica que não existe e que explicaria o fato de que o júri de aprovação pode não chegar a não usar, e usar o que lhe é transmitido para avançar nos problemas cruciais da psicanálise.

O circuito que vou colocar diante de vocês pretende metaforizar por um longo circuito em que os movimentos fundamentais seriam representáveis...

você verá que eu designo três deles com muita precisão

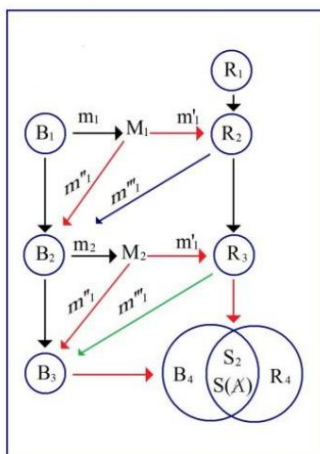
...ao fim do qual um sujeito e seu Outro podem chegar a um ponto preciso, muito identificável...

que chamarei de B4-R4 - você verá por que

... e a partir do qual articularei o que me parece poder ser, e o problema do *Passe*, e o de - talvez -

a natureza do curto-circuito, *do que poderia curto-circuitar topologicamente o que aconteceria ao nível do júri de aprovação*.

Tudo bem, então eu vou começar.



Os temas que escolhi para vos apresentar os nossos dois parceiros analíticos, podem ser-vos familiares porque corresponderiam de certa forma aos dois protagonistas mais ausentes da *história de A carta roubada* que conheceis, aqueles -o um dos quais, do começo ao fim, não há dúvida, a saber, o emissário...

aquele que seria o emissário da carta que é tão excluído que nem mesmo POE, creio eu, o nomeia

...e o destinatário da carta, que - sabemos, LACAN nos mostrou - é o rei.

Se você permitir, batizarei para a conveniência de minha apresentação, o assunto do nome de Bozef e mantereí ao destinatário seu nome, o do rei. Toda a minha edição consistirá em substituir o *curto-circuito*...

pelo qual o conto de POE mantém seus dois temas fora da jornada da carta

...para um *longo circuito de chicane* pelo qual a letra que começa na posição B1 termina na posição B4.

As numerações 1 e 4 que vos indico, já vos indicam que serei levado a distinguir 4 lugares que diferenciarão 4 posições sucessivas do sujeito e do Outro. Então eu começo com B1.

Você vê que B, a série de B, corresponde ao sujeito *Bozef*, a série de R1, R2, R3 corresponde à progressão do conhecimento do *Rei*: R1, R2, R3. Por B1, se quiser, qualifico o estado, diria *de inocência* do sujeito, até *de estupidez* do sujeito, quando se sustenta apenas nessa posição subjetiva que é aquela: "o *Outro* não sabe, o *rei* não sei".

Não sei o quê? Bem, apenas...

independentemente do conteúdo da carta

...simplesmente *não sabe* que o sujeito sabe algo sobre ele.

R1 representa, portanto, a ignorância radical do Rei. Então poderíamos dizer que na posição B1, seria a posição *boba* do *cogito* que se poderia escrever: " *Não sabe, logo existo* ".

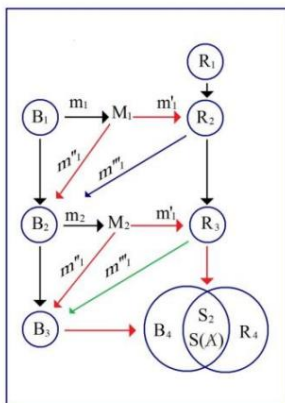
A história, se você quiser, essa posição é familiar para você, na medida em que sabemos que é uma posição que conhecemos através da análise: o analisando muitas vezes - nós sabemos - escolhe seu analista inconscientemente dizendo a si mesmo, dizendo a si mesmo: "*Escolho este, porque vou vencê-lo*" e sabemos que o que ele mais teme ao mesmo tempo é chegar lá. Assim, desta assembléia elementar, continuo. Antes de configurar o gráfico LACAN, veja como as coisas acontecem.

Estou fazendo agora – começa a história – agora estou trazendo alguém para quem estou ligando – você vê o que eu chamei de M – M, vou chamá-lo de “ *o mensageiro* ”. Quer dizer que em B1 um dia, Bozef que está em B1, vai confiar ao mensageiro na posição de M1, a mensagem que chamei de m1, e em m1 ele lhe diz: “ *o Outro não não sabe, o rei não sabe* ”.

O mensageiro é feito para isso, é claro que é um traidor, ele transmite ao rei a mensagem m1 que se transforma em m'1, ou seja, o rei passa da posição de ignorância do R1, na posição R2 de um saber elementar que é: “ o outro sabe – isto é, o sujeito sabe – algo sobre mim ”.

A partir daí, a mensagem retornará a Bozef, nosso assunto, de forma inversa. Ele vai voltar de duas maneiras, digamos, ele vai voltar porque vai ter um movimento de vai e vem, o mensageiro vai falar pra ele, vai vir procurá-lo, se quiser, vá e diga a ele: "*Eu disse ao rei o que você me disse*". Chamei essa mensagem de m"1, é um retorno no plano do eixo - no gráfico - no eixo *i(a)*: se você quiser, é a *relação especular*.

Outra mensagem chega a Bozef que se colocará na trajetória da subjetivação - que desenhei em verde - que chegaria, portanto, diretamente ao plano, via *plano simbólico*.



Então você vê que o ponto importante aqui é o fato de que Bozef...

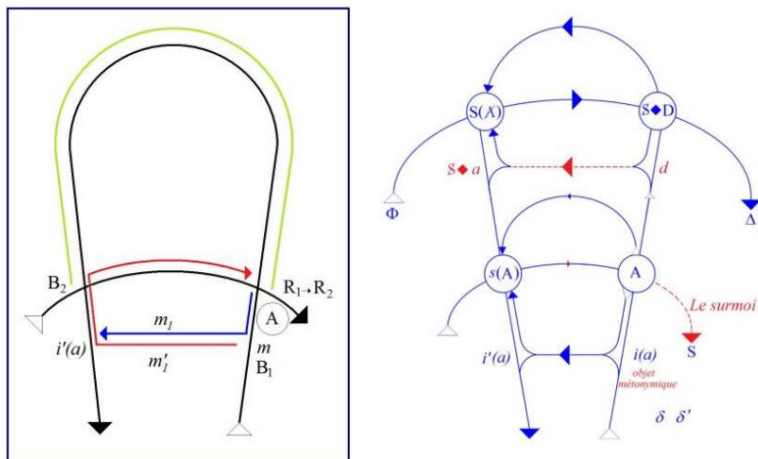
que estava na posição de nonsense, nonsense em B1, por causa da

inversão da mensagem que volta para ele, ou seja, desta vez: o *Outro sabe*

...é movido. Ele não pode mais ficar em B1, ele se encontra em B2. E em B2, direi que está lá na posição de *semblante*, ainda pode ser sustentado pela posição que direi é a de duplicidade, pois em B2 ainda pode dizer a si mesmo:

“ Sim, ele sabe, mas não sabe que eu sei que ele sabe ”.

Assim, escreverei agora, antes de prosseguir, o primeiro episódio sobre o gráfico de Lacan:



Ali, a posição do Outro, a mensagem parte do Outro. Lá, é a posição do "ego" de Bozef *que* escrevo B1. A mensagem parte de Bozef que confia ao mensageiro - que seria o pequeno $i'(a)$ - a *mensagem* que chamei de m_1 , ou seja, este circuito diz: "*ele não sabe*".

O mensageiro faz o seu trabalho, transmite esta mensagem desta forma que faz o rei passar de R1 para R2.

O efeito daí, da nova posição do Outro vai carregar Bozef que estava lá B1...

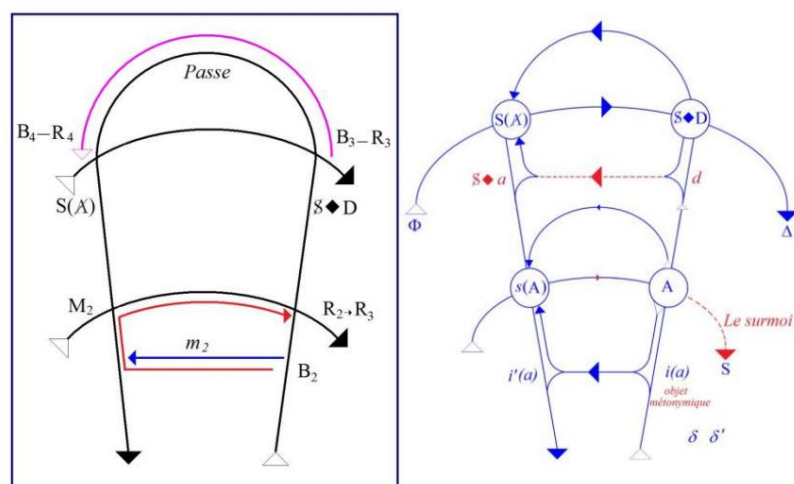
aqui um efeito de sujeito elementar onde ocorrerá, o que LACAN chamaria de significado do Outro ...no nível B2, ou seja, também podemos desenhar esta seta.

Bozef também recebe uma mensagem, pode-se dizer, no nível, no eixo petit a - petit a' do mensageiro.

Então você vê que nosso assunto Bozef está em B2.

Apresento agora outro gráfico LACAN. Então eu continuo.

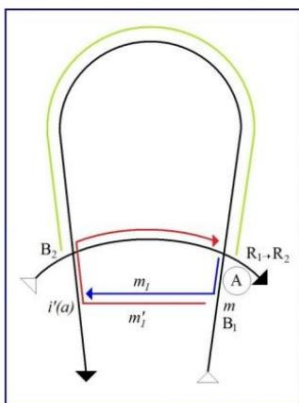
Sai - veja bem - Bozef em B2, sustentando-se da posição de duplicidade que lhe descrevi, pois ele está em condições de manter a ideia de ignorância do Outro. Agora as coisas... é aqui que as coisas começam a ficar realmente interessantes para nós e definitivamente mais complicadas.



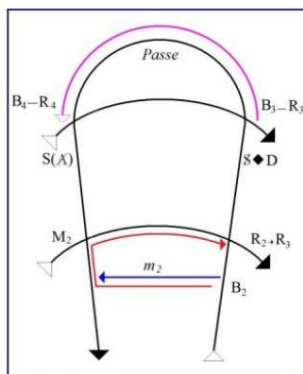
A partir desta posição B2 de Bozef, eis o que acontecerá: Bozef continua o jogo de transmitir seu conhecimento, ou seja, ao *mensageiro* que desenho na posição M2, ele transmitirá uma segunda mensagem que chamo de m_2 e neste mensagem ele lhe diz: "*Sim, ele sabe, mas não sabe que eu sei.*" »

O mensageiro em M2 faz o mesmo trabalho, retransmite esta mensagem para o rei, o rei, portanto, passa para um novo conhecimento, passa de R2 em R3, o conhecimento do rei neste momento é: "*Ele sabe que eu sei que ele sabe que eu sei*". Mas Bozef ainda não sabe disso, só saberá quando o mensageiro fizer uma última lançadeira, voltar a Bozef e lhe confidenciar: "*Eu disse ao rei que você sabe que ele sabe que você sabe que ele sabe*", que é dizer que, neste ponto Bozef que tínhamos deixado em B2 é impulsionado para uma nova posição que chamo de B3, da qual vamos interrogar o gráfico de LACAN - o segundo - d de uma maneira muito particular e da qual começará a poder apresentar o que está envolvido no *Passe*.

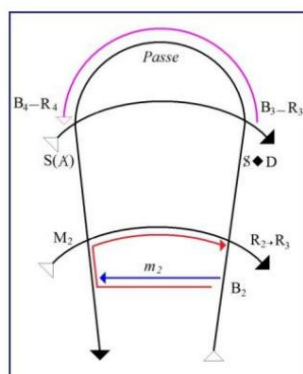
Vou, portanto, terminar o diagrama antes de continuar. Aqui está M2, m'_1 , m''_1 . Bozef que eu tinha deixado em B2 aqui:



Coloquei de volta aqui no B2 :



quer dizer que aqui ele transmite para M_2 , ele transmite m_2 para ele, ele lhe diz: " *Ele sabe, mas não sabe que eu sei que ele sabe* ".
Como antes, esta mensagem também chega ao Outro assim:



e o retorno dessa mensagem a Bozef o coloca nessa posição muito especial de estar diante de um Outro de quem não pode mais esconder nada: o Rei. Bem, espero que me siga, seja lá o que for um pouco de briga.

Então, o que acontece quando o rei está em R_3 , ou seja, quando ele está na posição do conhecimento que eu indiquei a você, e que esse conhecimento é conhecido pelo retorno do mensageiro a Bozef, ou seja, Bozef pode pensar:

" *O rei sabe que eu sei que ele sabe que eu sei* ".

O que acontecerá então e o que nos apresentará à sequência é que:

- enquanto no B_2 Bozef, no semblante, ainda poderia reivindicar um pouco de ser dizendo para si mesmo: " *Ele sabe, mas ele não sabe e eu ainda posso fazer parte disso* "
- em B_3 , por causa do saber, que se poderia dizer entre aspas "absoluto" do Outro, Bozef, a posição do *cogito* de Bozef seria ser completamente desapropriado de seu pensamento.

A este nível, se o Outro sabe tudo... não é que o Outro sabe tudo, é que já não podia esconder nada do Outro, mas o problema é esconder o quê? Pois, o que se revela ao Outro naquele momento, não é tanto a mentira em que Bozef o prendeu, é o que emerge para Bozef naquele momento o fato de que sua mentira lhe revela que de fato, por trás dessa mentira, estava escondendo uma mentira de natureza totalmente diferente e de uma dimensão totalmente diferente.

Se o rei está em uma posição - nesta posição R_3 - onde ele saberia tudo, isso tudo, ou seja, a incógnita mais radical de Bozef, que desaparece, Bozef está em uma posição, a posição em que ele se encontra e o que eu vou demonstrar para vocês, corresponde ao que LACAN chama de posição de eclipse do sujeito, de esmaecimento diante do significante da demanda, que está escrito no gráfico - isso também designa a pulsão, mas não vou falar sobre isso agora - S soco de demanda tachado, $S \diamond D$.

Antes de continuar, eu gostaria que você sentisse que, como em R_3 nada mais pode ser escondido, então o último esconderijo se abre para o sujeito B_3 , ou seja, aquele que ele não pode não conhecer escondido. E o que ele descobre é que ao esconder deliberadamente, ao ter uma mentira que ele poderia designar, *estava na verdade fugindo de uma mentira da qual nada sabia, que o habitava e que o constituía como sujeito*.

Portanto, esse conhecimento do qual nada sabia surgirá em R_3 em relação ao Outro que doravante sabe tudo.

Quando digo "surgir no olhar do Outro", é verdadeiramente no sentido literal que esta expressão deve ser entendida, porque o que surge através do olhar desse Outro é precisamente o que foi subtraído durante a criação originária do Sujeito, o que foi subtraído do sujeito, o significante S2, e que o constituiu como tal, como sujeito que sustenta a fala, como sujeito que acede à fala na demanda, pela subtração desse sentido S2.

Agora, o que está acontecendo? Aqui é que esse significante S2 reaparece no *Real*, porque é isso que deve ser dito.

Efetivamente o problema do *recalque original*, não se pode dizer que o retorno do *recalcado original* ocorra dentro do *Simbólico* como *faria o recalque secundário*, já que ele próprio é o autor. Se volta, só poderia estar no *Real* e é como tal que se manifesta, eu diria, por um olhar, um olhar do *Real*, diante do qual o Sujeito está absolutamente sem recurso.

Não vou me alongar sobre isso, mas se você refletir sobre isso, verá que a posição de conhecimento implicada por R3, pelo Outro em R3, poderia corresponder ao que acontece, se você quiser, no que seria o *Juízo Final*, nesse ponto em que o sujeito acabaria por não ser tão acusado de mentir no presente, pois justamente no ponto B3-R3 ele não mente mais, pois se revela em seu *não-ser*, mas pelo depois- De repente, o que lhe é revelado é que no imperfeito ele continuou mentindo, mesmo quando disse uma palavra.

Essa posição também pode indicar para você, Conhecimento em R3 também pode abrir perspectivas, se você quiser refletir, sobre o que seria um conhecimento racista ou segregacionista, mas seria uma posição de conhecimento que o sujeito gozaria, *ser, para encarnar este S2 no Real*.

Veja bem, essas são as faixas que lanço lá, já que não é nosso assunto e não voltarei a ele. Também seria necessário articular o retorno desse *S2 no Real* com o que está envolvido no delírio, articular seriamente a *afanise* com a posição delirante na medida em que em ambos os casos o significante retorna ao *Real*, mas, no entanto, poder-se-ia dizer que no caso do *não psicótico* que perde a fala como o *psicótico*, no entanto, pode-se comparar sua posição com a daqueles povos invadidos por estrangeiros que fazem *uma política de terra arrasada*, que queimam tudo, queimam tudo para manter alguma coisa, ou seja, para que a invasão não seja total.

E o que se mantém efetivamente, o que resta quando o sujeito desaparece.

Porque, se você pensar bem, o que acontece em R3 é que o significante da *Urverdrängung* retornando ao *Real* é nada menos que a *repressão originária*, o sujeito do inconsciente, que desaparece: se você quiser, a barra do inconsciente, esta barra que separa (*a*) e S2, barrando-se faz o S2 aparecer no *Real* e o (*a*) no *Real*, e é isso que resta, e essa é uma posição de total dessubjetivação.

Chego agora ao ponto mais enigmático do caso, é o dessa posição onde o sujeito se encontra *estupefato* sob o olhar do S2 no *Real*, posição estupefata, sem fala diante desse olhar monstruoso. A palavra monstruoso não vem aí por acaso, pois trata-se do fato que se mostra - esse próprio "monstro" - que é justamente o incógnito mais radical e que se esse S2 se mostra, que sustenta o próprio discurso, esse quer dizer, seu apagamento, não pode mais ocorrer, e se um monstro é monstruoso, isso não é nada mais do que cortar a fala.

O ponto do enigma a que chegamos é tentar interpretar de que maneira Bozef está em B3, se postularmos que ele não permanecerá lá toda a vida, na eternidade como o sujeito estupefato e congelado em pedra sob o olhar da Medusa, o que fará com que o sujeito em B3 consiga sair dele, e como ele vai sair dele?

Então o primeiro passo que eu dou é que você veja que naquele momento ele não tem mais o apoio do mensageiro.

O mensageiro estava no fim de sua carreira e no fim do recurso de Bozef e pela primeira vez Bozef se confronta diretamente com o Outro e ele não pode fazer esse Outro...

ou seja, aquele a quem a carta se destinava verdadeiramente e cujo encontro ele evitou ao máximo, nesse momento ele se depara com esse Outro

...e ele não pode fazer nada além *de dizer uma palavra* enquanto reconhece esse Outro, *uma palavra e apenas uma*.

O importante é ver a ligação que existe entre o fato de que ele só pode dizer uma palavra, com o fato, no momento em que ele renuncia ao mensageiro, ou seja, ao momento em que eles não se unem para transmitir a mensagem ao Outro.

É, portanto, também o momento em que o Outro receberá uma mensagem que não virá de dois, não será mais duplicidade, podemos dizer que a posição de duplicidade naquele momento, internalizada por Bozef, o metamorfoseia dividindo-a, que é a divisão e o preço de "*uma palavra*".

Você vê aí, aliás, que a duplicidade é sem dúvida a melhor defesa contra a divisão.

O fato de haver uma ligação entre *uma única palavra possível*, Bozef será confrontado com o Rei em R3, ele tem *apenas uma palavra possível* à qual voltarei mais tarde, qual é a única coisa que ele pode dizer?

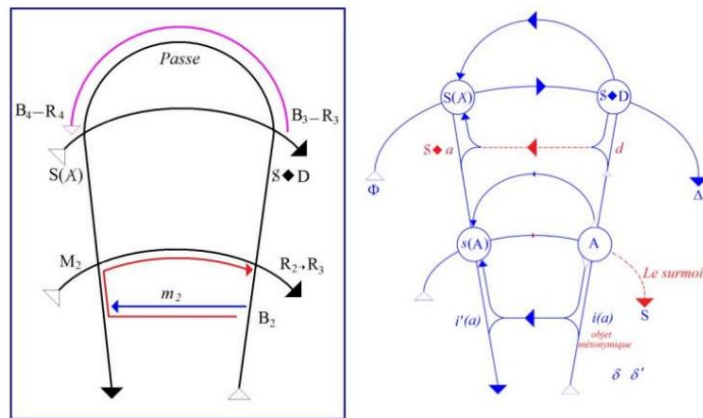
Ele lhe dirá: "É você. Um "é você" que se prolonga em outro lugar, voltarei a isso mais tarde - em um "é nós".

E esta única palavra que ele pode dizer a ele, ele lhe diz ao mesmo tempo: "Só há um a quem eu posso dizer", e já é topologia ver que "uma palavra" só pode ir para um lugar e a própria linguagem lhe demonstra que conhece essa topologia, pois lhe diz que alguém que "está falando" tem apenas uma e não pode ter apenas uma.

Alguém que *não fala*, que *não tem fala*, precisamente tem mais de um ou não tem apenas um, e ao mesmo tempo há a noção na língua do destino, pois, para dar a palavra, é só concebível se alguém puder mantê-lo, isto é, de fato, estar vinculado a ele.

Então, o ponto a que estou chegando é que a mensagem entregue é "é você", e vou escrever para você de uma maneira que a leve ao nível... Vou escrever uma carta que é indo de B3 para R3, B3 e R3 vão se encontrar no nível desta mensagem que vou explicar mais adiante como sendo este enigmático S de A barrado, $S(A)$.

Vou dar-lhe um primeiro write-up.



O que desenhei no diagrama da esquerda é que, desta vez, quando Bozef está de costas contra a parede, ele só pode dizer uma palavra ao rei, pelo próprio fato de estar dirigindo essa palavra ao rei, o rei pela última vez se comove, emigra, emigra do lugar onde estava, ou seja do *Real*, emigra novamente no lugar *simbólico* e se encontra na posição R4, Bozef dizendo "é você" está na posição B4, o $S(A)$ Escrevo do encontro, da comunhão entre B4 e R4, ambos pondo a barra em comum naquele momento e por isso escrevi na lúnula S2 e $S(A)$, espero poder explicar isto com mais rigor no que se segue.

O ponto do enigma sobre o qual gostaria de reter-vos é que, na mensagem entregue em $S(A)$, no "És tu", é que o sujeito que cumpre a sua palavra - um viu - está ali numa posição muito mais do que segurá-la, mas apoiá-la, o que é outra coisa.

O que significa apoiar uma palavra? É muito mais fácil antes de tudo dizer o que não é, por exemplo, alguém que lhe diz: "Acho que quando Lacan diz que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, acho que ele está certo, concordo com ele", ainda que o sujeito possa certificar-se de seu pensamento de boa-fé pensando que pensa que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, eu lhe pergunto: o que é? o que prova? Nada mesmo!

Em outras palavras: é porque um sujeito pensa que pensa algo que ele realmente pensa, isto é, é porque ele pensa que pensa que a enunciação - o sujeito do inconsciente que está nele - responde pelo que ele diz, em outras palavras: ele é responsável pelo que diz? Isso é respaldar sua palavra, entre outras coisas. Esta é uma primeira abordagem.

Dito isso, que nossa declaração responde, apoia nossa declaração, eu ia dizer, Deus seja louvado, não há provas. Não há provas, mas o que há *possivelmente* é um teste e é assim que eu acho que podemos entender o *passe*: o *passe* como uma montagem topológica que permitiria fazer contas se efetivamente quando um sujeito pronuncia algo, ele é capaz de testemunhar, ou seja, transmitir a articulação de sua enunciação ao seu enunciado. Em outras palavras, não se trata de dizer, mas de mostrar como é possível não recuar.

A questão, portanto, para onde vou mais longe é que se esse $S(A)$ que Bozef acessa em R4, se ele acessa de acordo com o que mostro, é que é de um determinado lugar...

não importa a palavra que ele use, é banal: "é você", é besteira, não é nada...o *peso da verdade* nesta mensagem é que é um lugar.

A pergunta que vou fazer agora e desenvolver é: esse lugar de onde o sujeito fala é transmissível?

Pode acontecer - por exemplo no caso de " *La Passe* " - pode acontecer ao júri de aprovação? Bom.

O enigma do momento em que um sujeito é capaz, mais do que de manter sua palavra, de sustentá-la, isto é, de estar em um ponto em que acessa algo que deve ser reconhecido da ordem de uma certeza e de um certo desejo, vamos tentar dar conta, não é fácil. Não é fácil porque precisamente em *S(A)* , o *objeto do desejo* ou o objeto da certeza é algo sobre o qual nada pode ser dito.

Mas, note já - finalmente para definir melhor o que quero dizer - é que em geral as pessoas que na vida lhe inspiram confiança, como se costuma dizer, são precisamente pessoas que você sente desejando, mas de um desejo que para elas permanece, Eu diria, *enigmático, velado*, e você sente que o objeto de seu desejo é enigmático para eles.

E ao contrário, aqueles que vão te inspirar, eu diria um julgamento ético possivelmente de desconfiança, que te fará dizer: " *ele é um hipócrita* ", " *ele é um falso símbolo* " ou " *ele é ambicioso* ", enfim palavras *como* essa não importa são precisamente as pessoas cujo objeto de desejo você sente não lhes é desconhecido, que elas podem designá-lo com muita precisão, eu diria até que o que te preocupa talvez nelas é que *a voz da fantasia* está com eles tão forte que não haveria esperança para *a voz de S(A)*.

Já que falo de confiança, você pode ver claramente que isso coloca o problema das condições pelas quais um analista deve ser confiável. Como é?

Resumidamente, eu diria, por ora, justamente que seu *desejo* não deve ser colocado como aquele que acabo de descrever, mas que seu *desejo* não deve ter a voz de tapar a barra fazendo emergir o objeto, mas que seu *desejo* é mantê-la - esta barra - e trazê-la à incandescência como acontece no ponto B4-R4 onde a barra é levada a este ponto de extrema incandescência, eu diria sumariamente.

Tudo isso ainda não nos explica por que em *S(A)*, quando o sujeito não tem garantias, o que o faz acessar o fato de poder sustentar o que diz?

E como é preciso dar conta do fato de que, se ele chega lá, é pelo caminho em B3-R3, - você lembra - quando o Outro está em posição de *Conhecimento absoluto*, o sujeito pode chegar em *S(A)* depois de ter *experimentado* a desapropriação de seu pensamento, *a desapropriação total de seu pensamento*.

Suponha, se você quiser ir um pouco mais longe, um analista que não tenha passado por essa *desapropriação do pensamento* e que mantenha com *a teoria psicanalítica* relações de posse, relações de posse comparáveis, se você quiser, às do Averno e seu caixão. Tal analista, em sua relação com a teoria, naturalmente só pode ver o ganho da operação. O ganho da operação é óbvio, a coisa está próxima e por definição o que ele não vê é *o que ele perde* na operação. O que ele está perdendo? Precisamente o que ele perde é a dimensão da topologia que há nele, ou seja, a dimensão do lugar da enunciação, ou seja, a dimensão da presença que nele pode responder " *presente !* », responda ao que ele diz.

O que eu diria então é que, nessa posição, está o sujeito, o analista em questão, não em uma posição que psicanaliticamente corresponde à negação, ou seja, é- que é possível por um lado dizer sim ao saber e, por outro, dizer não ao lugar de onde esse saber é emitido.

Se essa cisão foi operada, pode-se pensar que a verdade que está no sujeito que operou essa cisão, de ter permanecido fora do circuito da fala, curto-circuitado do circuito da fala, vai como, se você quiser, lembrá-lo de uma nostalgia absolutamente dolorosa que nunca terá que ser despertada.

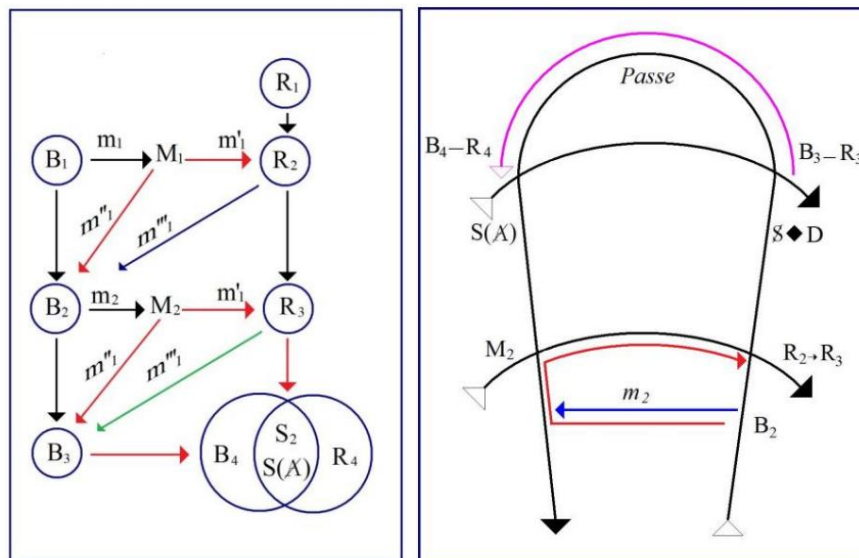
E é por isso que eu diria, se um " *ser falante* " começar a trazê-lo de volta para aquele momento e fazer outra história - LACAN por exemplo - como nos tempos heróicos, o analista em questão...
pense no IP A. ou mesmo, sem ir tão longe, no que estava acontecendo em casa
...literalmente não pode suportar, pelo eco que envia de volta para ele.

Essa cisão de que vos falo, que é tentador operar, pois evita a divisão, implica para o analista, se ele está cindido, implica que seu Outro também está cindido e seu Outro está cindido. , eu diria. , entre um Outro que nunca mentiria e um Outro que mentiria sempre, se quiserem: *o Maligno*, aquele que engana, e de quem basta desafiar a si mesmo, *não errar*, basta *não ser enganado* .

Você sabe muito bem que *Les non-dupes errent*, e você vê que é a partir da renúncia dessa duplicidade do Outro que o sujeito está necessariamente na posição de transeunte, isto é, de herege. E lhes direi que LACAN, mais de uma vez, se designou pelo nome de herege, e pelo nome de transeunte.

Minha hipótese de transição é dizer que na seta vermelha que leva a B4-R4, que traz comunhão

S2 e $S(A)$, seta que escrevi na parte superior roxa, que vai de $S \rightarrow D$ para $S(A)$



está aí, o *Passe*, o movimento pelo qual algo do *Passe* pode ser dito.

Agora aprofundemos ainda mais, se quiserem, o caráter *escandaloso* - essa é a palavra - da mensagem transmitida em $S(A)$, a mensagem do herege. Eu lhe disse primeiro, *não existem mais essas duas divindades*, então não há mais a garantia da fita.

O sujeito fala com *ele* um respondente do que ele diz.

É muito interessante, quando lemos - estou divagando rapidamente - *O Manual do Inquisidor...*

e são interessantes porque correspondem à letra do que aconteceu no passado recente para nós

...é que o Inquisidor identifica perfeitamente o que está em causa neste $S(A)$, identifica-o na sua forma de definir o herege: o herege não é aquele que vagueia, que está no erro, "*errare humanum est*", é aquele que persevera, isto é, aquele que se desvia, isto é, aquele que repete, isto é, aquele que diz "eu digo e repito", isto é, aquele que postula uma "Eu" ao qual outro "eu" diabólico - "*errare diabolicum*" - responde diabólico, e efetivamente esse "eu" da enunciação, é diabólico porque, como o diabo, é diabolicamente evasivo: o diabo nem sempre mente. Se ele ainda estivesse mentindo, estaria dizendo a verdade.

Você vê que o Inquisidor, ele identifica bem o que é, ou seja, uma articulação entre os dois "eus", no nível deste $S(A)$. E é por isso que, diga o que disser, não pede ao herege a sua confissão, mas o seu desmentido.

Você sente a nuance que existe entre os dois, desde que falei com você antes, de desmentido dentro do próprio coração do Inquisidor nesta clivagem dos dois Outros.

Além disso, essa negação - observe que não estou culpando ninguém - essa negação nos espera o tempo todo.

Não é tão incomum ver, por exemplo, um analista no controle que, em algum momento de sua carreira, prefere deitar no sofá a continuar o controle, e o que vemos muitas vezes é que, se ele prefere mentir para baixo, é como se estivesse deitado - a regra é poder dizer qualquer coisa - como se, naquele momento, estivesse liberado do fato de ter que responder pelo que disse, poderia falar sem responsabilidade.

Esse analisando pode acreditar que por um certo tempo até o dia em que descobrir - deitado - aqueles significantes pelos quais ele achava não ter que responder - no sentido de responsabilidade - ele tem que responder por eles, e nisso dia talvez, o analisando, para ele o *passe* é perfilado porque naquele momento, pode-se dizer que ele não é mais *discípulo* só de LACAN ou de FREUD, mas que ele se torna *discípulo de seu sintoma*, ou seja que ele se deixa ensinar e que se, por exemplo, o analisando em questão fosse Bozef, por mais complicada que seja a trajetória de Bozef, ele só poderia descobrir que escrevendo essa linha, que essa linha de certa forma já havia sido traçada, talvez antes mesmo de saber ler, nos gráficos de um certo médico LACAN.

Podemos dizer naquele momento que o analisando não tem mais que ser o porta-voz do mestre, porque ele não tem mais que fazer parte dele, ele não tem mais que ser, eu diria, levado pelo saber do mestre, pois ele se torna o portador disso, e é isso que ele entrega em $S(A)$.

Ando em círculos para me aproximar pouco a pouco, cada vez mais perto, do coração desse $S(A)$.

Ou seja, no ponto em que estamos, eu poderia dizer que Bozef, seria no final deste curso que ele seria responsável pelos gráficos que ele escreve e somente naquele momento.

Agora o problema é dar conta efetivamente da natureza dessa certeza e desse gozo do Outro de que LACAN nos fala. Eu tenho que ir rápido porque o tempo realmente passa.

Em [S\(A\)](#), ocorre um fenômeno contraditório, que é o de uma " *comunhão* "...
a palavra é de LACAN em *As Formações do Inconsciente* [6](#), você vai encontrar
...que é a de uma " *comunhão* " que coincide com uma separação entre o sujeito e o Outro.

O paradoxo é entender por que é no momento da dissolução da transferência A que uma certeza pode surgir para o sujeito, e talvez apenas nesse momento. Para isso, tenho que dar um passo atrás rápido, que é o ponto em que estávamos no B3-R3 : sem perdas.

Nesse momento eu diria...

Estou obrigado porque para entender o que é que a natureza da emergência do sujeito em estado puro
...em B3-R3, rapidamente, o sujeito estava numa posição em que a *repressão originária* teria desaparecido, fixada pelo olhar do [Real](#).

O que permitirá que o assunto se desfaça...

lembre-se, aliás, que no tema da fixação de Freud a articulação com o recalque originário
...o que permitirá ao sujeito se desprender, o que permitirá ao Outro que está no [Real](#) reintegrar seu *lugar simbólico* ? É aqui, aliás, que a arte do analista deve saber fazer-se ouvir.

Um exemplo: um analisando nesta posição, onde para ele o saber do Outro vagueia assim no [Real](#), pressiona seu analista - para ver de que maneira o analista vai se manifestar, de onde fala - lhe telefona um dia apressar uma consulta para ver a reação.

O analista responde: " *Se necessário, nos veríamos* ." A mensagem - o significado - não tem nada de original, mas essa mensagem tem o efeito de uma interpretação radical para o analisando, o efeito é conseguir retransmitir o Outro em seu *lugar simbólico*, simplesmente por causa da articulação sintática, o que fez com que o analista encontrasse a fórmula " *Se necessário* ", pela introdução do " *ele* ", submetendo-se como analisando à *dominância*, à predominância do *significante*.

No ponto B3-R3 onde o sujeito está sem recurso, ele está " *sem recurso* ": para compreender a noção deste " *sem recurso* ", evocar quais são os terrores noturnos da criança. Por que a criança está efetivamente no escuro nesta posição? Eu diria que justamente, no escuro, o que acontece para a criança é que ela não tem para onde ir de onde não está *sob o olhar do Outro*, porque no escuro não há canto.

E é justamente em resposta ao fato de que, sob o olhar do [Real](#), não há, para o sujeito, em B3-R3, recurso ao menor canto, que a ajuda pedida pelo significante do *Nome do Pai* vai ser criar um recanto, isto é, um recanto que vai subtraí-lo do Outro, mas que também vai subtraí-lo de si mesmo constituindo-o como *não saber*, pois é precisamente este canto de si, o canto no que é mais em *si*, mais *simbólico de si* que será evaporado.

Eu diria que naquele momento – as Escrituras nos dizem: " *Faça-se a luz* " – o que se trata naquele momento é " *buraco Fiat* ", é uma expressão de LACAN. E talvez seja isso que aconteceu na fórmula sintática que mencionei anteriormente. Dito isso, o que faz o assunto - eu circulo em torno dele o tempo todo, você vê - quem perdeu a fala, vai achar de novo e vai poder dizer isso " *é você* "?

Bem, eu diria que por causa da operação da intervenção do significante do *Nome do Pai*...

que recriou a *repressão original*, que fez o S2 desaparecer e recolocou o *objeto (a)* em seu lugar
...por causa da operação desse significante do *Nome do Pai*, o Sujeito acessa outro ponto de vista, um ponto de vista onde não faz a equivalência entre o conhecimento do Outro e a chave que - nele - falta. Descobre que não é porque o Outro reconhece que lhe falta, que não há nele a chave, que lhe falta a chave essencial do seu ser, não é porque o Outro a reconhece, que a conhece.

Diria mesmo que quando descobre que o Outro pode *reconhecer a existência desta chave, sem a conhecer*, isto é, não podendo devolvê-la, se a princípio pode cair em desespero, na verdade é esperar que possa introduzi-la, porque se o Outro está em condições de reconhecer o que não sabe, introduz a dimensão do fato de que o Outro – mesmo perdeu essa mesma chave, que sabe muito bem o que lhe falta é, e a esperança que então se abre é apresentar a ausência dessa coisa perdida, o inscritível, e a esperança é justamente que o *inscritível possa deixar de não ser escrito*. E é isso que é entregue em [S\(A\)](#).

6 Jacques Lacan, Seminário 1957-58: " *As formações do inconsciente* " , limite de 1998.

O paradoxo implausível ao qual chegamos, se assim podemos dizer, é como um significante - este significante de S(A)

- pode ele assumir *essa contradição impensável, de ser ao mesmo tempo o que mantém aberta a brecha de "o que não deixa de ser escrito"...*

quando você lê, quando você ouve uma música que te incomoda ou um poema que te incomoda, a palavra que bate em você, podemos dizer que ela *reabre ao máximo essa dimensão da repressão original*

...como pode então este significante assumir esta contradição de *manter esta lacuna* e ao mesmo tempo de ser "o que deixa de não ser escrito", por exemplo uma nota muito banal da escala diacrônica, um "A" enquanto estúpido?

Você vê que esse desafio, no entanto, é o que se realiza em nosso terceiro tempo do S(A), do qual se poderia dizer que a produção deste S(A), é o resultado de uma dialética última entre o sujeito e o Outro pelo qual um e outro, juntando-se, se assim posso dizer, *ressuscitam literalmente num movimento de encontro...*

pelo qual, repito, LACAN não hesitou em usar a palavra "*comunhão*" na produção do chiste

...esta mesma barra, esta mesma barra cujo paradoxo é associar e dissociar ao mesmo tempo.

Disso... se quiser - desse *encontro* entre o sujeito e o Outro, alguns detalhes, três detalhes:

– antes de tudo é uma questão de *comunhão*, não é uma questão de colaboração. Sabemos do que o sujeito é capaz quando se torna um colaborador.

– Outro ponto: este modo de *comunhão* que ocorre em S(A) é um modo em que – naquele momento – o sujeito não recebe *sua mensagem de forma invertida*, pois seria o único tempo improvável, *fora do tempo*, verdadeiramente *fora do tempo*, em que o sujeito e o Outro se comunicariam no *mesmo saber ao mesmo tempo*.

– Quando me refiro ao conhecimento, é justamente o conhecimento dessa barra, desse não-ser.

Você vê que a experiência *dessa falta de ser* em S(A)...

é preciso saber distingui-la da *aphanisis* que - ela - é, poder-se-ia dizer uma excomunhão do sujeito - ali não se trata de ser, ali se pode dizer que se trata efetivamente de uma *comunhão em não-ser*

...que é nesse *agrupamento* do significante S2 e do significante que falta ao Outro que esse significante é entregue que eu articulo, que agora vou articular mais de perto ao *Passe*.

Pode-se dizer, se quiser, que a barra do sujeito e o Outro, em *comunhão*, carregam o sujeito...

na incandescência desta falta compartilhada

...para as próprias fontes da existência, muito além do objeto, muito além da fantasia. O próprio fato de assim o sujeito renunciar à fantasia, curto-circuitá-la, demonstra, naquele momento, que o que se acentua por ele é a busca dessa experiência da falta em seu estado puro. Finalmente você vê que o próprio desta resposta...

o "é você", como eu defino no momento

...que a essência desta resposta é que é uma metáfora pura.

Se quiser, se o sujeito tivesse respondido: "é você" ao Outro que lhe teria perguntado: "Então, sim ou não, sou eu?" e que então ele teria respondido a ele, sua fala, *seu enunciado* teria sido o mesmo, mas não teria esse efeito de *mensagem* de S(A) situar-se em um contexto, eu diria, puramente *metonímico*, como esse afásico descrito por JAKOBSON que, por afasia metafórica, não conseguia pronunciar o advérbio "não" (n,o,n) a menos que lhe dissessem: "diga não" naquele momento ele poderia responder: "Não, já que eu te digo que não posso dizer..." demonstrando, se você quiser, que a própria palavra, se ela caiu de seu lugar de enunciação, ela mesma cai como um simples resto metonímico e perde seu valor como mensagem metafórica, tanto que você vê que - voltarei a isso - esse S(A) só tem sentido articulado em seu local de emissão.

Bom ! Como já é tarde, terminarei com o problema do *Passe*, pulando um certo número de coisas.

Vamos voltar à nossa história de Bozef.

Podemos dizer que Bozef, como as coisas aconteceram lá, passou o *Passe* ?

Ou seja, vemos que Bozef - chegou entregando sua mensagem "É você" - corresponde ao que avistei, ou seja, ter conseguido passar sem intermediário - não somos mais *dois*, somos apenas um - para abordar um lugar.

Bozef, portanto, chegou ao ponto, o ponto topológico da enunciação articulada à sua mensagem enunciada.

Mas estando Bozef neste ponto, será por tudo isso - se ele está, como se diria, "de *passagem*" - ele é capaz de testemunhar, de perceber que está no *Passe* com quem fala? Ele é capaz disso?

O próprio rei - que estaria - em R4 - na posição de analista - é capaz de *reconhecer o lugar* de onde fala Bozef.

Ele ouve. Mas o rei... não é por acaso que o rei é o analista – o rei não é o júri de aprovação.

Volto à minha pergunta: se todo o valor da mensagem S(A) é que ela seja emitida de um determinado lugar, como esse lugar pode ser transmitido, chegar ao júri?

Porque, em S(A) Bozef pode sustentar o que diz, mas em nome de uma verdade que ele se encontra experimentando, mas da qual nada sabe: nada sabe deste lugar. Em outras palavras: se Bozef está, de certa forma, no *Passe*, eu não diria que ele ocupa a *posição de transeunte*, na medida em que está colocado no *lugar da verdade*, naquele momento, ele não está colocado para dizer qualquer coisa sobre isso. Podemos ao mesmo tempo falar *deste* lugar: B4-R4, e *dizer* este lugar?

Já o dissemos: se a característica deste **S(A)** é que não pode ser escondido em nenhum cassete...

retornar à nossa metáfora do analista que possui

... agora estamos dando um passo adiante e agora estamos dizendo que, como um lugar, este lugar não pode ser dito como é, não pode chegar como está no júri.

Bem, vou ilustrar isso da seguinte maneira: quando você ouve um analista lacaniano, um discípulo lacaniano, falar do transeunte LACAN - já que o LACAN se definiu como não deixando de passar o *Passe* - quando você ouve esse transeunte, você pode dizer que ouvindo este barqueiro você ouve de onde LACAN está falando?

Você não pode dizer! De onde fala LACAN, o **S(A)** de LACAN, você pode *localizá-lo* possivelmente ao *ouvi-lo* ou ao *lê-lo*. Mas, quando você ouvir, vou apontar para você - e dar um passo adiante aqui - que é sempre sustentado por uma *escrita*.

Outro exemplo: você acha que o que aconteceu com a psicanálise, antes de a LACAN colocar as mãos nela, se deve apenas ao fato de que os analistas da época eram maus *passantes*, ou que o *júri de aprovação* eles representavam, *agradavam*- no de uma forma que não era isso. Ambas as suposições podem ser *verdadeiras*, mas não *suficientes*.

Se LACAN, em determinado momento, lembrou aos analistas que eles fariam melhor em *ler* FREUD do que em FENICHEL, o que ele lhes disse lembrando disso, senão que se eles realmente quisessem concordar com FREUD, eles precisavam de um barqueiro, eu ia dizer digno desta definição, ou seja, o *dispositivo topológico*, a escrita de FREUD que testemunha que FREUD não separa *o que diz do lugar de onde disse*, e que se queremos operar - como em certas sociedades psicanalíticas - um nivelamento na obra de FREUD...

você ouve que no *"nivelamento"* a palavra *"vel"* é riscada, ou seja, não ouvimos mais a *dimensão do ser falante* FREUD ... o que acabamos fazendo é efetivamente tomar posse da teoria que podemos gravar.

O que está acontecendo: não há *perigo* se o *analista* não se tornar um *transeunte* ?

Ou seja, se - eu poderia dizer - a própria leitura de FREUD...

do barqueiro FREUD, ao manifestar sua decisão, ... esse lugar

indivisível do que ele diz e que o torna o *respondente herético de seu discurso*.

Porque a característica de uma *escrita*, não é - vou dar este último exemplo antes de concluir - a característica de uma *escrita*, seja ela qual for, é que na *escrita* o *sujeito do enunciado* e o *sujeito do enunciado* podem muito bem estar presente, mas isso não significa que a escrita será um conduto, a escrita só será um conduto se os dois *"eus"* forem, de forma transmissível, articulados.

Tome-se o exemplo um tanto característico do intérprete, o ator: um intérprete rasgado, ao interpretar um texto, uma *escrita*, será de partir o coração para esse júri que é o espectador, suas lágrimas o farão chorar e o que ele disser que é agindo, podemos dizer que se ele chora, se está transtornado, em algum lugar, é sua enunciação que é posta em movimento pelos significantes do autor. Então, o que estou lhe dizendo é que não é o performer que é o transmissor do texto, é o texto que é o transmissor da enunciação do ator.

Até ouvi dizer na *Escola Freudiana* - são coisas que se dizem - que alguns dos transeuntes que teriam sido aprovados pelo júri, se o transeunte for aprovado, é porque ele teria podido despertar em seu transeunte uma enunciação do barqueiro que, por sua vez, passa pelo júri e que, passando, faz passar o resto, ou seja, o transeunte.

Volto ao meu ponto de partida para mostrar que é ainda mais complicado do que isso.

Se o próprio autor - de quem estou falando - desempenhou seu próprio papel na ficção de que lhe falei, isso não prova...

se ele interpretou seu próprio personagem, que ele o interpretou com perfeição, clamando pela verdade, como dizem, - aconteceu com grandes autores como MOLIÈRE

... não prova isso...

se o acaso aceitasse essa ficção, se o acaso da vida o fizesse encontrar a mesma situação que havia descrito ao seu personagem

...isso não prova que, naquela época, ele não seria desajeitado, emprestado.

E, no entanto, os significantes em questão não são, quanto ao ator, significantes emprestados, seriam em princípio seus próprios. Então, chego à ideia de que o autor não é de forma alguma sobreponível ao que ele dirige e volto a Bozef. E eu termino com isso.

Bozef, portanto, em **S(A)** está na posição de estar *passando*, mas não está na posição de testemunhar de onde está passando.

O que pode explicar a posição - eu lhe pergunto - de onde ele fala, senão essa sequência de gráficos que desenhei para você - infelizmente não os terminei - que desenhei para você no quadro-negro.

Se essa suposição for verdadeira...

isto é, se o passador, essa escrita, esses gráficos funcionaram como passadores na medida em que testemunham o lugar da enunciação estritamente articulada ao enunciado.

...quem é o transeunte, já que não é Bozef? Vou responder com bastante simplicidade e direi que, basicamente, o transeunte é o "escritor" de quem montou, de quem escreveu, de quem escreveu essa escrita, esses gráficos. Eu diria até que, por exemplo, se a LACAN diz que não deixa de passar o *Passe*, talvez seja por isso.

Ele não pára - e podemos pensar que nunca irá parar - não pára porque, seminário após seminário, cria, ressuscita o transmissor, o que é a sua escrita, ou seja, cria as condições para a sua divisão. Ele criou...

como Bozef em determinado momento de sua carreira, encostado na parede, se coloca no lugar do transmissor para se tornar transmissor e transmissor ao mesmo tempo, na seta roxa, quando renuncia ao intermediário... LACAN, seminário após seminário, criando e recriando seu passador, não pode efetivamente deixar de passar o *Passe*, tanto mais que o Outro a quem se dirige certamente não é um júri do qual espera algum tipo de *amém*.

Se... posso imaginar as reações negativas que me dizem para dizer que um texto poderia servir de intermediário para um júri. Aliás, soube também por Jean CLAVREUL que era uma proposta que ele havia feito há alguns anos, de pensar essa noção de uma escrita como transmissora. A *objeção* que me será feita de imediato é dizer: fazer de um escritor um contrabandista, efetivamente então é uma questão de fazer um relatório, um relatório, por que não um mestrado universitário? Naturalmente, a resposta que darei de imediato a este contraditor será dizer:

- se a pessoa que escreve, se o Outro a quem se dirige é identificável por um júri, efetivamente o que produzirá acabará por ser de fato um relatório, talvez excelente, mas acadêmico.
- Mas se neste escrito ele dá testemunho, como acho que tentei fazer, do lugar, do modo como um *enunciado* e um *enunciado* se articulam *topologicamente* de forma fundamentada e articulável, e que - além do que é articulada nas entrelinhas - passa a presença que responde à escrita, a presença respondente, herética, que - ela - é a garantia de que não se trata de uma *escrita acadêmica*, mas sim de uma escrita que cria as disposições topológicas onde ao mesmo tempo que um " *parl'être* " finalmente assume... vive ao mesmo tempo sua divisão de passador-transmissor.

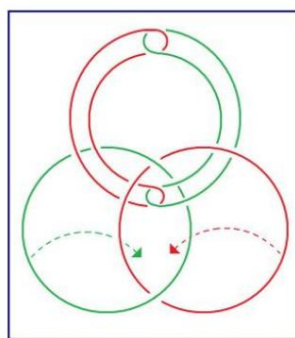
Bem, para concluir, o que vos direi é que não é por nada mais do que as próprias consequências desta hipótese de trabalho que não me autorizou a fazer o *Passe* como topologicamente funciona neste momento. na *Escola Freudiana*, que fez eu produzo o que me parece ser este passador que é esta *escrita*, que pelo seu dispositivo topológico posto, me permitiu dar conta de uma *articulação transmissível possível entre os dois "eus"*.

A quem se destinava esta escrita quando a fiz, não sabia absolutamente nada sobre isso antes do Dr LACAN me pediu para falar sobre isso.

15 de fevereiro de 1977

[Tabela de sessões](#)

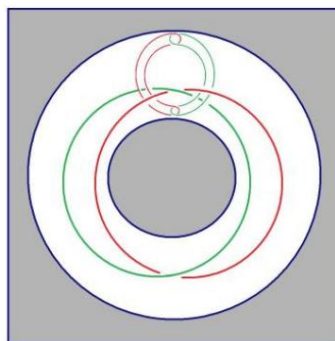
Para se ter uma ideia do porquê, da última vez que o fiz falar - pedi-lhe para falar - Alain DIDIER-WEILL, obviamente porque me preocupo com as histórias em *cadeia borromeana*. Esta é uma *cadeia Borromeu*. Como você vê:



esse elemento pode ser *dobrado* de tal forma que esses dois círculos se enrolem, como os que você vê aqui, o que cria *um nó borromeano*.

Não é absolutamente simples e o fato de eu ter incomodado Pierre SOURY várias vezes... quem é alguém que me atrevo a acreditar que tenho algo a ver com o fato de ele ter dado muito no *nó borromeano*

... Mais recentemente, perguntei-lhe a questão de saber como *quatro tetraedros podem ser ligados de uma maneira borromeana*. Ele imediatamente me deu a solução, uma solução que verifiquei ser válida. É algo que implica o que você vê lá:



Ou seja, não *uma relação* entre esses termos que é *esférica*, mas *uma relação* que chamarei *tórica*.

Suponha que... Pareceu-me que o modo como - mas só o recebi ontem à noite - o modo como Pierre SOURY me enviou o *nó borromeano dos quatro tetraedros* era tão *tórico*.

Isto simplesmente para vos explicar que me preocupa, é claro, saber se, *para um espaço esfericamente representável*, a aplicação do *nó borromeano* também gera um *espaço tórico* e isto para vos explicar que em suma, como eu estava no meio de tudo isso muito confuso, foi a Alain DIDIER-WEILL que recorri, o apelo para me substituir nesta declaração, pois esperava grandes promessas do que ele havia proposto o nome por Bozef.

Esse nome de Bozef que para ele... que ele apresenta como um intruso em *A carta roubada*, esse nome de Bozef, eu o desafiei por esse nome de Bozef e esse famoso " *eu sei que ele sabe...* " - " *isso ele sabe* ": o Rei - " *...porque eu o avisei* ". Informado do que é o que não é dito. Em princípio, Alain DIDIER-WEILL, ao introduzir Bozef na história de *A carta roubada*, não sabe formalmente o que está dizendo.

Testemunha, a pergunta que lhe fiz e à qual ele respondeu. Ele respondeu: se Bozef poderia ser substituído por um personagem do conto POE, só poderia ser a Rainha, possivelmente o ministro quando ele está - como sublinho - em uma posição feminizada.

É um facto que o facto de se apresentar pelo que sabe, nomeadamente o rapto da carta, disse para que fosse roubada, ao passo que o que afirmo, restituindo o texto da POE, *A carta roubada*, ou seja, *a carta que não não alcançasse*, a carta se estendia em seu circuito. Fiz algumas considerações sobre isso que vocês encontrarão no meu texto, um texto que está no início do que se chama meus *Escritos*.

Mostro como é impressionante ver que o fato de ser, em suma, dependente dessa carta, feminiza uma personagem que - digamos de outra forma - não é exatamente *tímida*, quanto mais não seja por esse rapto da carta da qual a Rainha sabe que ele é o possuidor e, portanto, está feminizado, não que seja pela provação que tem de esconder do Outro - que é o Rei - a carta ultrajante.

Diz a si mesmo: "o *Outro não sabe*". Mas isso é simplesmente o equivalente ao fato de ele ter a carta: ele sabe. Daí a extrapolação que Alain DIDIER-WEILL faz, extrapolação que se deve ao fato da *detenção desta carta*. O fato de ele esconder isso do Outro não faz com que o Rei saiba nada sobre isso.

Alain DIDIER-WEILL continua: o que torna a história da Rainha dos Contos *diferente* de BOZEF é que se a Rainha fizer bem o teste aberto com o Ministro desses *4 tempos de conhecimento* que ele mesmo descreveu e dos quais encontra vestígios em POE pela ascendência que o ministro assumiu em detrimento do conhecimento que o sequestrador tem...

o conhecimento da vítima de seu sequestrador
...e em que os *4 tempos* estão nas suas palavras: — o
ministro sabe — que a Rainha sabe — que o
ministro sabe — que ela sabe.

É verdade que isso pode ser *identificado* e que, na sequência, Alain DIDIER-WEILL, em sua carta, me apontou que a rainha não via essa desapropriação objetiva pelo ministro como a desapropriação *subjativa* que BOZEF atinge no nível que ele disse da última vez, como B3-R3.

É verdade que há uma deficiência na declaração que Alain DIDIER-WEILL nos fez na última sessão. Mas eu discordo disso. BOZEF, seja lá como ele deu um nome...

e é aqui que está a falha onde encontro Alain DIDIER-WEILL
...BOZEF, embora lhe tenha dado um nome, não é algo que mereça ser nomeado, quero dizer que não é algo que se parece com algo que, digamos, se vê. Não é nomeável.

BOZEF é, eu diria, a encarnação do *Conhecimento Absoluto*, e o que Alain DIDIER-WEILL extrapola, bem fora do conto de POE, é a jornada desta hipótese...

ou seja, que BOZEF é a personificação do que especificarei mais tarde, do que significa *Conhecimento Absoluto*
...mostra a progressão a partir desta hipótese - que ele é ele mesmo, BOZEF, esta encarnação - mostra a progressão de uma *verdade* que de fato não estoura em lugar nenhum.

Em nenhum momento o ministro - que guardou esta carta basicamente como prova da boa vontade da rainha - em momento algum o Ministro pensa em *comunicar* esta carta, por exemplo ao Rei, que aliás é o único que se encontra em condições de dela tirar conclusões.

A *verdade*, pode-se dizer, "exige" ser *dita*. Não tem voz, para "pedir" para ser *dito*, pois em suma é possível, como dizem - e isso é de fato o extraordinário da linguagem - é possível...

como os franceses, que devem ser considerados como indivíduos, colocaram em uso esta forma?
pode ser, digo depois dele - o francês concreto em questão - pode ser, digo depois dele, que ninguém *o diga*, nem mesmo Bozef.

E é de fato o que está acontecendo. Ou seja, esse Bozef mítico - já que ele não está no conto POE - não *diz* absolutamente nada. O *Conhecimento Absoluto* - direi - não fala a todo custo. Ele fica em silêncio se quiser ficar em silêncio.

O que eu chamei de *Conhecimento Absoluto de vez em quando* é isto: é simplesmente que existe conhecimento em algum lugar - em nenhum lugar - no *Real*, e isso graças à *aparente existência*...

ou seja, chue de uma forma em que é uma questão de contabilidade
...a *existência aparente* de uma espécie para a qual, como disse, *não há relação sexual*.

É uma *existência puramente accidental*, mas sobre a qual se raciocina pelo fato, se assim posso dizer, pelo fato de ser capaz de afirmar *alguma coisa*, pela *aparência*, claro, desde que sublinhei a *existência aparente*. A grafia que dou ao nome "aparecer", que escrevo "parêtre", há apenas o "parêtre" de que temos que *saber*, sendo na ocasião apenas uma parte do "falar de ser", como eu disse, ou seja, do que é feito unicamente *do que fala*.

O que significa *Conhecimento* como tal ? É *Conhecimento* como é no *Real*.

Este *Real* é uma noção que elaborei ao tê-lo colocado em um *nó borromeano* com os do *Imaginário* e do *Simbólico*.

O *Real* como aparece, o *Real fala a Verdade*, mas *não fala* e é preciso falar para *dizer* qualquer coisa.

O *Simbólico*, apoiado no significante, só conta mentira quando fala – fala – e fala muito.

Geralmente é expresso por *Verneinung*, mas o oposto de *Verneinung*...

como alguém⁷ que teve a gentileza de falar no meu primeiro seminário colocou

...o oposto de *Verneinung* - em outras palavras, o que é acompanhado de negação - o oposto de *Verneinung* não diz *a verdade*.

Existe... quando se fala do contrário, fala-se sempre de algo que existe, e que é verdade de um *particular* entre outros, mas não há um *universal* que responda por isso neste caso. E o que é tipicamente reconhecido *por Verneinung* é que é necessário dizer uma coisa falsa, para conseguir transmitir uma *verdade*. Uma coisa falsa não é mentira, só é mentira se assim for pretendida, o que muitas vezes acontece, se de alguma forma pretende fazer uma mentira passar por uma verdade.

Mas é preciso dizer que, fora a *psicanálise*, o caso é raro. É na *psicanálise* que esta promoção da *Verneinung*, nomeadamente da mentira que se pretende como tal transmitir uma verdade, é exemplar.

Tudo isso, é claro, é amarrado apenas por intermédio do *Imaginário* que está sempre errado.

Ele está sempre errado, mas é dele que *depende o que se chama consciência*. A *consciência* está muito longe de ser conhecimento, pois o que ela se presta é precisamente a falsidade.

"*Eu sei*" nunca significa nada, e podemos apostar facilmente que o que sabemos está errado. É falso, mas é sustentado pela consciência, cuja característica é justamente sustentar esse falso com sua consistência. É ao ponto que se pode dizer que é preciso olhar duas vezes antes de admitir a *evidência*, que ela deve ser peneirada como tal, que nada é certo em termos *de evidência*, e por isso afirmei que era necessário *esvaziar o óbvio*, que é do *esvaziamento* que surge o *óbvio*.

É muito marcante que...

Eu também posso passar para a ordem das confidências com que sou esmagado por minhas análises diárias

...um "*eu sei*" que está consciente...

ou seja, não só saber, mas a vontade de não mudar

...é algo que eu - posso confiar em você - vivenciei muito cedo, vivenciei por causa de alguém

- como todos os outros - que eram próximos de mim, nomeadamente aquele a quem eu chamava nessa altura - eu era 2 anos mais velha que ela, 2 anos e meio - "minha irmãzinha", ela chamou Madeleine e disse-me um dia, não "*eu sei*" porque o "*eu*" teria sido muito, mas "*Manène sabe*".

O inconsciente é uma entidade...

que tentei definir pelo *Simbólico*, mas que é em suma apenas mais uma entidade

...uma entidade com a qual se trata de "*saber fazer*". *Saber fazer* não é a mesma coisa que um *Conhecimento*, do que o *Conhecimento Absoluto* de que falei anteriormente.

O inconsciente é justamente o que faz com que algo mude, o que reduz o que chamo de *sinthoma*, o *sinthoma* que escrevo com a grafia que você conhece.

Sempre lidei com a *consciência*, mas de uma forma que fazia parte do inconsciente...

uma vez que é uma pessoa, uma "ela" na ocasião, uma "ela" pois, a pessoa em questão

colocou-se na terceira pessoa nomeando-se "Manène"

...de uma forma que fazia parte do inconsciente, digo, já que é uma "ela" que, como no meu título deste ano, uma "ela" que *se alçou à morte*, que se deu como portadora do *Conhecimento*.

Ele ou ela é a terceira pessoa, é o Outro, como eu o defino, é o inconsciente. Ele definitivamente sabe

- e só no absoluto - ele sabe que eu sei o que estava na carta, mas que sei tudo sozinho.

Na realidade, portanto, ele não sabe nada, exceto que eu sei, mas isso não é motivo para eu dizer a ele.

Na verdade, esse *Conhecimento Absoluto*, eu fiz mais do que uma alusão a ele em algum lugar, eu realmente insisti nele com meus tamancos pesados, ou seja, todo o apêndice que adicionei ao meu escrito sobre *A carta roubada*, ou seja, o que vai da página 52 à página 60, e que intitulei em parte de "*Parênteses de parênteses*", é precisamente esse algo que – ali – substituí Bozef.

Alain DIDIER-WEILL, ele não se *substitui* : ele se *identifica* com Bozef... Ele sente, ele sente no *Passe*.

⁷ Apresentação de Jean Hyppolite sobre a *verneinung* no seminário de 1953-54: Os escritos técnicos de Freud, Seuil 1975, cujo texto pode ser encontrado em *Escritos*, Seuil, 1966, pp. 879-887, (ou Points Seuil, t.1 pp. 527-537).

É muito curioso que ele tenha conseguido, de alguma forma neste escrito, encontrar, se assim posso dizer, o chamado que atendeu por mim, me fez atender pelo *Passe*.

O *Real* em questão é o *nó* inteiro . Já que estamos falando do *Simbólico*, ele deve *situar-se no Real*.

Existe, para este *nó*, corda. A corda também é o *corpo-de*. Esse *corpo-de*, é parasitado pelo significante.

Porque o significante, se faz parte do *Real*, se é mesmo aí que tenho razão para situar o *Simbólico*, devemos pensar nisso, é que esse *corpo-de*, bem não poderíamos ter negócios só no escuro .

Como reconheceríamos, no escuro, que é um *nó borromeano* ?

É disso que trata o *Passe*. “ *Eu sei que ele sabe* ”, o que isso pode significar senão objetivar o inconsciente, a não ser que a objetivação do inconsciente requer um *redobramento*, a saber, que “ *eu sei que 'ele sabe que eu sei que ele sabe* ’. É somente com essa condição que a análise deriva seu status.

É isso que impede esse algo que, limitando-se ao “ *sei que ele sabe* ”, abre a porta ao ocultismo, à telepatia. É por não ter compreendido suficientemente, bem, o estatuto do *anti-saber*, nomeadamente do *anti-consciente*...

em outras palavras deste pólo, deste pólo que é a consciência

...que FREUD se deixou tocar de vez em quando pelo que desde então tem sido chamado de “ *fenômenos psi* ”, ou seja, que ele começou a escorregar muito lentamente para o delírio, sobre o fato de que JONES lhe passou seu cartão de visita logo após um paciente mencionar incidentalmente o nome de JONES para ele.

O *passe* em questão, só o vislumbrei de forma provisória, como algo que não significa nada além de “ *reconhecer-se entre as noites* ”, se assim posso me expressar, com a condição de inserirmos um “ *av* ” após a primeira letra:

“ *reconhecer um ao outro entre s(av) oir* ”.

Existem linguagens que impedem o reconhecimento do inconsciente?

Isso é algo que me foi sugerido como uma pergunta pelo fato deste “ *é você* ”, onde Alain DIDIER-WEILL

quer que Bozef se comunique com o rei neste momento, o que ele me imputou - muito erroneamente - pelo fato de ter anotado o termo “ *comunhão* ” em algum lugar dos meus *Escritos*.

“É você”, existem línguas em que poderia ser um “ *você sabe* ” do verbo saber, ou seja, algo que colocaria o “ *você* ”, o que o faria deslizar para a terceira pessoa. Tudo isso para seguir em frente, para dizer que é verdadeiramente divinatório que Alain DIDIER-WEILL tenha conseguido vincular o que chamo de *Passe* com A Carta Roubada.

Há certamente algo que se sustenta, algo que *consiste* na introdução de Bozef.

Bozef anda por ali, como bem indiquei no próprio texto da *Carta Roubada*...

como realmente indiquei: falo o tempo todo, em todas as páginas, sobre isso que está prestes a acontecer, é mesmo a ponto de ser nisso que termino

...que uma carta sempre chega ao seu destino, ou seja, que é de fato endereçada ao Rei, e é por isso que deve chegar até ele.

Que em todo este texto só fale disso, nomeadamente da iminência do facto de o Rei ter conhecimento da carta, isso não quer dizer, nomeadamente para adiantar, que já a conhece? Não só que ele já a conhece, mas eu diria que ele a “ *reconhece* ”. Não é este “ *reconhecimento* ”, muito precisamente, o que por si só pode garantir a posse do casal Rainha e Rei?

É isso que eu queria te dizer hoje.

08 de março de 1977

[Tabela de sessões](#)

Escrevemos... digo " nós " porque qualquer um pode escrever, digo " nós " porque me incomoda dizer " eu ". Incomoda-me... não sem razão: em nome do que o " eu " *ocorreria* na ocasião?

Acontece, pois, que eu *disse*, e por esse fato está *escrito*, eu *disse* que *não há metalinguagem*, ou seja, que não se fala de linguagem. Acontece que reli algo - que está em *Scilicet 4* - que chamei, enfim, que *intitulei*...

é por isso que é uma coisa assim que traz sua marca

...bem, eu *chamei de "L'étourdit"*, e em " *L'étourdit*" percebi, reconheci algo: em *L'étourdit* - essa metalinguagem - eu diria que quase a faço nascer.

Claro que seria um encontro. Seria uma data, mas não há data, porque não há mudança.

Este " *quase* " que acrescentei à minha frase, este " *quase* " sublinha que não aconteceu. É um *semblante* de metalinguagem e como uso no texto, uso essa escrita: *semblante*, *semblante* para a metalinguagem. Fazer disso um verbo reflexivo desse *parecer*, desvincula-o da aflição que está *sendo*, e enquanto *o escrevo*, ele *aparece*. *Parest* significa uma *aparência de ser*.

Então !

E então, sobre esse assunto, percebo que foi para um prefácio que abri este escrito, para um prefácio que tive que fazer para uma edição italiana que havia prometido...

ele não tem certeza de que estou dando, ele não tem certeza de que estou dando porque estou entediado

...mas percebi sobre isso que... consultei alguém que é italiano...

para quem esta língua que não entendo é sua língua materna

...Consultei alguém que me indicou que existe uma coisa que se parece com , que se parece com , mas que não é, que não é fácil de introduzir com a distorção da escrita que dou.

Resumindo, não é fácil transcrever, por isso propus que meu prefácio não fosse traduzido afinal, especialmente porque não há nenhum tipo de inconveniente *em 'não traduzimos nada*, principalmente o prefácio.

Como todos os prefácios, eu estaria inclinado a...

como de costume é isso que acontece nos prefácios

... Eu estaria inclinado a me aprovar, até mesmo a me aplaudir. Isso é o que geralmente é feito.

É comédia. É sobre comédia e isso me fez, me induziu a... me empurrou para DANTE.

Essa comédia é divina, é claro, mas isso só significa uma coisa, que é uma palhaçada.

Falo do bobo da corte em *L'étourdit*, falo dele em não sei em que página, mas falo dele. Significa que se pode brincar com a chamada " *obra divina* ". Não existe a menor " *obra divina* " *a menos que se queira identificá-la com o que chamo de Real*.

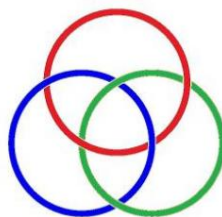
Mas quero *esclarecer* essa *noção* que tenho do *Real*. Eu gostaria que isso se espalhasse. tem um *lado*...

inédito de que nos atrevemos a apresentar termos como esse

...há um aspecto pelo qual esse *Real* se distingue daquilo que está - para dizer a palavra - *atado a ele*.

Algumas coisas devem ser esclarecidas aqui. Se podemos falar cara a *cara*, tem que ter peso, quer dizer, tem que fazer sentido. É bem claro que é na medida em que essa noção de *Real* que avanço, é algo *consistente*, que posso avançar.

E aqui eu gostaria de fazer uma observação: é que os *círculos de barbante* - como os chamei - nos quais faço essa *tríade* do *Real*, do *Imaginário* e do *Simbólico* consistem :



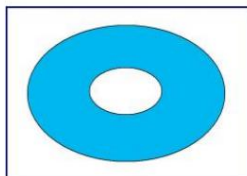
a que fui empurrado, não qualquer um, pelos históricos, de modo que parti do *mesmo material* que Freud, pois foi para dizer algo coerente sobre os históricos que Freud construiu toda a sua técnica, que é uma técnica, quer dizer algo bastante frágil nesta ocasião.

Mesmo assim, gostaria de salientar isso: *é que os anéis de barbante* de vez em quando *não se sustentam*. Leva um pouco mais.

Isto é o que, devo dizer, me foi sugerido por - outro dia - o curso de SOURY...

SOURY tem aula na quinta-feira à noite - não vejo por que não deveria contar a você - às sete e quinze em Jussieu, em um lugar que você perguntar a ele. Espero que muitas das pessoas que estão aqui vão para lá ... ele muito justamente me apontou que esses *anéis de corda* só se mantinham juntos se fossem algo que devesse ser chamado pelo seu nome próprio: *um toro*.

Em outras palavras, existem três *tori*. Há três *tori* que são necessários, porque se não os supomos, não se pode destacar o fato de que estes *tori* são necessários pela *inversão* dos ditos *tori*. Em outras palavras, um *toro*, geralmente o desenhamos assim:

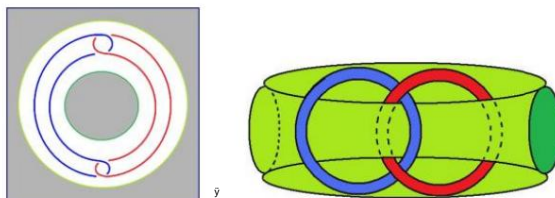


Claro, este é um desenho completamente insuficiente, pois não se vê - exceto indicando expressamente desta forma - que é uma superfície e não uma bolha em uma bola.



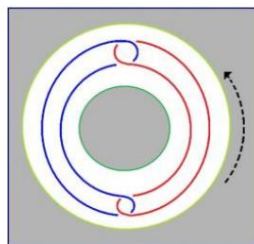
Que esta superfície vire, tem propriedades, das quais decorre...

Eu, no meu tempo, evoquei que o *toro* estava virado... do que resulta... é graças a isso que aparece, que virou, o *toro*... que por exemplo seria um dos três, este por exemplo [verde] :



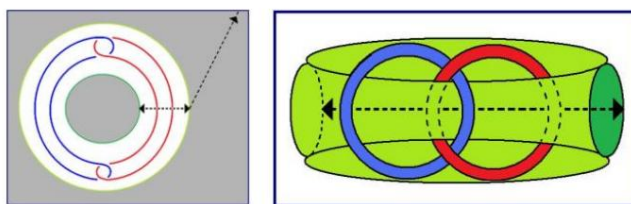
...que *girado em torno* do *toro* contém os outros dois *círculos de corda* que devem ser representados por um toro, ou seja, o que você vê aqui, que eu desenhei desta forma, não deve desenhar como eu comecei a desenhá-lo, mas desenha-se assim, ou seja, *mais dois tori*. E dois outros tori, *não são dois outros anéis de barbante*.

Isso significa que esses três *tori* são *nós borromeanos* ? Absolutamente não ! Porque se for assim que você corta o *toro* que é por exemplo esse aqui, que eu designei lá: se for assim que você corta, isso não vai soltar os outros dois toros.



Você tem que cortar...

se posso dizer isso para me expressar *metaforicamente* ...você tem que cortá-lo "no sentido do *comprimento*" para que ele fique livre:



A condição, portanto, de que o toro seja cortado apenas de uma maneira, enquanto pode ser cortado em dois, é algo que merece ser retido, retido no que chamarei, na ocasião, não *de metáfora*, mas de estrutura.

Pois a diferença entre *metáfora* e estrutura é que a *metáfora* é justificada pela estrutura.

Enquanto girava o que se trata no DANTE em questão, fui levado a reler um livro antigo que meu livreiro me trouxe, pois ele vem de vez em quando para me trazer coisas, é o nome DELÉCLUZE foi publicado em 1854, ele foi amigo de BAUDELAIRE, chama-se *Dante e adora poesia* e isso não é *tranquilizador*.

É tanto menos reconfortante quanto, como eu disse anteriormente, o DANTE começou nesta ocasião...

por ocasião da dita poesia de amor
...começou a soprar.

Ele criou...

não o que eu não criei, ou seja, uma metalinguagem
...ele criou o que podemos chamar de uma nova linguagem, o que poderíamos chamar de "uma metalinguagem", porque afinal, qualquer nova linguagem é uma *metalinguagem*, mas como todas as novas linguagens, ela é formada no modelo das antigas, ou seja, dizer que é um fracasso. Que fatalidade há que, seja qual for a genialidade de alguém, ele começa tudo de novo no mesmo trilho, nesse trilho que faz a linguagem falhar, que em suma é *uma palhaçada da linguagem* ?

A língua francesa não é menos que as outras, é só porque temos o gosto, a prática, que a consideramos superior. Não é nada superior a nada. Ela é exatamente como "o Algonquin" ou "o Coiote", ela não é melhor. Se fosse melhor, poderíamos dizer sobre isso o que DANTE diz em algum lugar, ele diz que em um escrito ele escreveu em latim e o chama de *Nomina sunt* - pronunciamos " *sente* " em francês -

a consequência das coisas ⁸.

O significado da consequência na ocasião o quê? Isso só pode significar consequência real, mas não há consequência real, pois o *Real*, como simbolizei pelo *nó borromeano*, o *Real* se desvanece em uma poeira de *tori* porque, claro, esses dois *tori*, dentro do outro, esses dois *tori* desvendar.

Eles se desamarram, e isso significa que o *Real* – pelo menos como acreditamos representá-lo – o *Real* está ligado apenas por uma estrutura... se postulamos essa estrutura, isso significa apenas um *nó borromeano*. O *Real* é, em suma, definido como incoerente na medida em que é *precisamente* estruturado, não um universo, exceto para ser vinculado a duas outras funções.

Não é reconfortante, não é reconfortante porque uma dessas funções é o corpo vivo. Não sabemos o que é um corpo vivo. É um assunto pelo qual nos submetemos a Deus. Eu quero dizer que...

" *Quero dizer* ": *se o que eu digo faz sentido*
... o que quero dizer é que li uma tese, que, curiosamente, foi publicada em 1943.

Não o procure, porque você nunca vai colocar as mãos nele, você nunca vai colocar as mãos nele, porque você está aqui muito mais do que o número que saiu dessas cópias da tese, é a tese de uma tal Madeleine CAVET que nasceu em 1908 - a tese específica - quer dizer cerca de sete anos mais tarde do que eu, e o que ela diz não é estúpido.

Ela percebe perfeitamente que FREUD, é algo absolutamente confuso, que como dizemos:

" *um gato não a encontraria jovem* ". E ela dá um passo, evoca nesta ocasião o trabalho de PASTEUR.

PASTEUR, é um negócio engraçado. Quero dizer que, até ele - porque afinal é dele que vem - até ele acreditávamos no que podemos chamar de "geração espontânea", ou seja, que acreditávamos que, ao abandonar - essa era a base aparente - ... abandonar um corpo vivo, naturalmente ele começa a ferver sobre ele, quero dizer, ele ferve com o que chamamos de *micro-organismos*, pelo que se imagina que esses *micro-organismos* poderiam crescer em *qualquer coisa*. É bem certo que se você deixar uma xícara no ar, há coisas que se instalam ali e que até, de vez em quando, criam o que se chama de " *cultura* ".

⁸ O nome como expressão da essência da pessoa nomeada, o poder do nome sobre a pessoa nomeada.

Mas o que FREUD demonstrou... que PASTEUR! tem demonstrado...

este lapso tem todo o seu valor, dado o sentido da tese da dita Madeleine CAVET

...o que o PASTEUR demonstrou é que, com a condição apenas de colocar uma pequena bola de algodão na entrada de um vaso, não começa a abundar dentro e esta é claramente uma das gerações não espontâneas mais simples. Mas então, isso supõe coisas estranhas. De onde vêm esses microrganismos?

Estamos reduzidos hoje a pensar que eles vêm do *nada*. Em outras palavras, foi Deus quem os fez.

É muito, muito chato que tenhamos abandonado essa abertura de " *geração espontânea* " que era, em suma, um baluarte contra a existência de Deus. Nós, nosso querido PASTOR, também éramos considerados pelos médicos da época um sacerdote formidável, e também é completamente verdade: ele tinha convicções religiosas.

Esquecemos completamente esta aventura, esta aventura do dito PASTEUR, esquecemo-la. Esquecemo-lo e o fato de ficarmos reduzidos a pensar que há vida, mais ou menos abundante, nos meteoritos não *resolve* a questão.

O fato de não encontrarmos o menor vestígio de vida na *Lua*, nem em *Marte*, não ajuda em nada.

Porque por que, em nome de quê, senão em nome de um ser que deve estar localizado em algum lugar, de um ser que o teria feito expressamente à maneira do homem, como se o homem...

quem - ele - manipula e mexe com as coisas

...como se o homem de repente visse que ele tinha um macaco, um macaco-Deus - quero dizer que Deus o macaco - como se tudo começasse a partir daí, o que em suma fecha o ciclo. Todos sabem que o deus-macaco é mais ou menos a ideia que podemos ter da ideia de como nasce o homem, e isso não é algo totalmente satisfatório.

Pois por que o homem tem o que chamo *de falar do ser*, ou seja, esse modo de falar de tal maneira que *nomina non sunt consequentia rerum*, em outras palavras, que há algo de errado *em algum lugar* ? na *estrutura*, na *estrutura* ? como eu o concebo, ou seja, o chamado *nó borromeano*.

Este é realmente o caso. Tudo o que vale a pena evocar por este nome: BORROMÉE, uma data histórica, nomeadamente a forma como a própria ideia, enfim, da *estrutura foi elucubrada*. É bastante impressionante ver que isso significava na época, que se uma família se retirasse de um grupo de três, os outros dois eram ao mesmo tempo livres, livres para não se dar mais bem. Claro, vale a pena lembrar a sordidez desta história dos BORROMAE.

Não só os *nomes não são consequência das coisas*, como podemos afirmar expressamente o contrário.

Eu tenho um neto cujo nome é Luc...

é uma ideia engraçada, mas foram os pais dele que o batizaram

... seu nome é Luc e ele diz coisas que são bastante apropriadas: ele diz que, em suma, as palavras que ele não entendeu, ele tentou *dizê-las*, e deduz disso que foi isso que fez sua cabeça inchar, porque ele tem como eu...

não é surpreendente, já que ele é *meu neto*

... ele tem uma cabeça grande como eu.

Chama-se - não sou hidrocefálico propriamente dito - mas ainda tenho uma cabeça...

e uma cabeça, é caracterizada pela média, eu tenho uma cabeça bastante grande. Meu neto também e obviamente ele está errado em pensar que assim ele tem de definir tão bem o inconsciente - porque é isso que é - assim ele tem de definir tão bem o inconsciente - ou seja, que as palavras entraram em sua cabeça - ele deduziu que ao mesmo tempo é por isso que ele tem uma cabeça grande.

É uma teoria, em suma, não muito inteligente, mas relevante no sentido de que é motivada.

Há algo que ainda lhe dá a sensação de que *falar é parasitário*.

Então ele vai um pouco mais longe até achar que é por isso que ele tem uma cabeça grande.

É muito difícil não escorregar, nesta ocasião, para a imaginação do corpo, nomeadamente do cabeçudo. O terrível é que é lógico e a lógica na ocasião, não é pouca coisa, saber que é o parasita do homem.

Eu disse anteriormente que o universo não existe, mas isso é verdade?

É verdade que *Aquele* que está no princípio da noção do universo, que *o Um* é capaz de se transformar em pó, que *o Um* do universo não é *um* ou seja apenas um entre outros. Que haja *um*, por si só implica *o universal* ?

Isso implica dizer que, por mais excluído que seja o universal, *a forclusão desse universal implica a manutenção da particularidade*.

' *Há um* ' nunca é avançado em lógica, exceto coerentemente com uma sequência: ' *há um que satisfaça a função* '. A lógica da função é, em suma, o que repousa sobre a lógica do *Uno*.

Mas isso significa ao mesmo tempo, e é isso que tentei esboçar em algum lugar do meu *gráfico*...

neste *gráfico* que fiz antigamente sobre o qual, assim, algumas pessoas especulam

...escrevi esse algo que é o significante, o significante daquilo que o Outro não existe, que escrevi assim:

S(A).

Mas o Outro, o Outro em questão, temos que chamá-lo pelo nome: o Outro é *sentido*, é “ *o Outro que não o real* ”.

É muito difícil não flutuar de vez em quando. Há uma escolha a ser feita entre o infinito real...

que pode ser circular, desde que não haja origem designável

...e contáveis, ou seja, nós finitos.

Há muitas *possibilidades* aí, o que significa que interrompemos a escrita...

esta é a minha definição de *possível*

...só continuamos se quisermos. Na verdade, desiste-se, porque é sempre possível desistir, porque é mesmo impossível não desistir realmente.

O que chamo de “ *o impossível é o real* ” limita-se à não-contradição.

O *Real* é *o impossível* apenas *de ser escrito*, ou seja: *não deixa de ser escrito*.

O *Real* é o possível enquanto se espera que seja escrito.

E devo dizer que tive a confirmação disso, porque não sei... *uma mosca me picou*, fui a Saclay, mais precisamente pedi a alguém que me levasse até lá.

É um homem chamado GOLDZAHL...

é engraçado que ele tenha *esse nome que significa proporção áurea, sim!*

... ele me apresentou em uma pequena sala onde havia um *rastro* ...

porque é enorme Saclay, é absolutamente enorme, você não pode imaginar o número de pessoas que riscam

papel lá dentro, são 7.000, eles só riscam papel, exceto as poucas pessoas que estão lá nesta pequena sala e graças a quem vê

-se o que atesta o funcionamento da maioria dos dispositivos

...por meio do qual, vemos *o traço ondulatório do que representa*...

claro que tivemos que montar os dispositivos para que *funcionasse*, que *fosse representado*

...do que *representa o magnetismo* dos ímãs principais.

Vemos em outros aparelhos em movimento, porque podemos qualificar como mover o que vai da esquerda para a direita e que é sustentado por um ponto, um ponto no final de uma linha, faz um *traço*, e nesta sala só vemos esses *traços*, do qual é de fato concebível simbolizar a estrutura por algo que circunda em forma de círculo cada um desses pontos, cada um desses pontos que representa uma *partícula*. Uma *partícula*, portanto, *articula* -se com todos esses aparatos dos quais é bem certo que o conjunto desses aparelhos é o que se chama Ψ [psy], ou seja, o que FREUD não pôde deixar de dizer: marque como a inicial do *psiquismo*.

Se não existissem esses cientistas que lidam com partículas, também não haveria *ppartículas*, e isso nos obriga a pensar que não só existe o *ser falante*, mas que também existe o *psarl'être*, ou seja, que tudo isso não existiria se não fosse o funcionamento dessa *coisa* grotesca *chamada* pensamento.

Tudo o que estou dizendo aqui, acho que não tem mais valor do que o que meu neto diz.

É lamentável que o *Real* só possa ser concebido como impróprio. Não é bem como a linguagem.

A linguagem só é inadequada para dizer qualquer coisa. O *Real* só é impróprio para ser realizado.

De acordo com o uso da palavra *realizar*, ela não significa nada além de *imaginar como significado*.

Há uma coisa que em todo caso é certa - se é que uma coisa pode ser - é que *a própria ideia de Real envolve a exclusão de todo significado*.

É somente na medida em que o *Real* é esvaziado de sentido que podemos apreendê-lo um pouco.

O que obviamente me leva nem mesmo a dar-lhe o sentido do *Uno*, mas mesmo assim um tem que se segurar em algum lugar, e essa lógica do *Uno* é de fato o que resta, o que resta como existência. Então.

Lamento muito ter falado com você hoje sobre esse tipo de extremo. Ainda deve demorar

outra reviravolta, pretendo levar à ideia de que não há *Real* que o que exclui qualquer tipo de sentido, seja exatamente o contrário de nossa prática. Porque nossa prática nada nesse tipo de indicação precisa de que não apenas *nomes*, mas simplesmente *palavras, têm um significado*. Não vejo como explicar isso.

Se as *nominas* não se prendem de modo algum às *coisas*, como é possível a *psicanálise* ?

A *psicanálise* seria, de certa forma, o que se poderia chamar de “ *mastigação* ”, quero dizer, *aparência*.

Mesmo assim, localizei no enunciado de meus vários discursos a única maneira pensável de articular o que se chama de *discurso psicanalítico*.

Relembro que o lugar do *semblante* onde coloco *o objeto(a)*, que o lugar do *semblante* não é aquele que articulei da *Verdade*. Como pode um sujeito - já que é assim que eu designo o *S* com a barra: *S*, como pode um sujeito, um sujeito com toda sua fraqueza, sua debilidade, tomar o lugar da *Verdade* e até fazê-la ter resultados?

Ele se coloca ali dessa maneira, ou seja, um *Conhecimento...*

$$\frac{a}{S} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Ei? Não foi assim que escrevi naquela época?

Jacques-Alain MILLER - S em vez de S1, S1 em vez de S2, S2 em vez de S.

$$\uparrow \frac{a}{S_2} \diamond \frac{S}{S_1} \downarrow$$

Você vê que há o suficiente para ficar confuso! Sim. Com certeza é melhor assim. É definitivamente melhor assim, mas é ainda mais perturbador assim, quero dizer, a fenda entre S1 e S2 é mais impressionante, porque aqui há algo *interrompido* e resumindo o S1 é apenas o *começo do conhecimento*. Mas um conhecimento que se contenta em começar sempre, como dizem, não chega a nada.

Por isso, quando fui a Bruxelas, não falei da psicanálise nos melhores termos.

Há alguns que eu reconheço que estão lá. Porque começar a saber, para não chegar lá, é uma coisa que, em suma, vai muito bem com o que chamo de *minha "desesperança"*, mas afinal implica um nome, um termo que me resta deixar você adivinhar.

Os belgas que me ouviram falar sobre isso em Bruxelas são livres para falar ou não.

15 de março de 1977

[Tabela de sessões](#)

Existem pessoas bem intencionadas para mim...

e isso já levanta uma montanha de problemas: o que pode fazer as pessoas serem bem-intencionadas comigo? É porque eles não me conhecem!

Porque quanto a mim não estou cheio de *boas intenções*

...finalmente essas pessoas bem-intencionadas às vezes me escreviam cartas tendendo... bem, estava escrito...

estava escrito que minha última gagueira sobre o *discurso* que chamo de *analítico* foi um *lapso*.

Eles escreveram literalmente.

O que distingue a *derrapagem* do *erro* grosseiro? Tenho tanto mais tendência, quanto a mim, a classificar como *erro*

o que se qualifica como *lapso* que - mesmo assim - esse *discurso analítico*, eu tivesse falado dele " *só um pouquinho* "...

Quando falo, imagino que estou dizendo alguma coisa.

O irritante é que onde eu cometi um *deslize* - onde eu deveria ter cometido um *deslize* - é em questões, se assim posso dizer, em questões de *escrita*, que eu cometi um *deslize*. Ela assume particular importância quando se trata de *escrever*, por alguém - eu nesta ocasião - por alguém *encontrado*. Antigamente eu dizia, imitando um pintor famoso: " *Eu não procuro, eu encontro*". » [Picasso] No ponto em que estou, *não encontro tanto que não procuro, ou seja, ando em círculos*.

E foi isso que aconteceu com esse *lapso* : é que as cartas escritas não estavam no sentido certo.

- na direção em que giram - mas estavam confusos.

Mesmo assim, devo dizer que não cometi esse *deslize* inteiramente sem razão, quero dizer que a ordem em que as letras se viraram, certamente imaginei, mas acredito que pelo menos sei o que queria dizer.

Vou tentar hoje explicar para você o que.

Sinto-me encorajado nisso pela audiência que recebi ontem à noite na *Escola Freudiana* de uma Sra. KRESS-ROSEN.

Não vou pedir que ela se levante, embora possa vê-la muito bem. Fiquei até preocupado em saber se ela estava ali entre os chamados ouvintes, e não vejo porque eu colocaria esse termo no feminino, já que não faz sentido, não tem sentido válido.

Madame KRESS-ROSEN teve a gentileza de dizer ontem à noite, quase o que eu queria dizer a uma pessoa...

que, aliás, já não se trata de me encontrar com ela, pois é uma pessoa a quem pedi para telefonar

em minha casa e que não o fez

...é alguém que faz parte da rádio alemã, não conheço muito bem, não sei o nome dela para dizer a verdade, mas ela me pediu - parece a conselho de Roman JAKOBSON - para responder algo sobre ele .

Meu primeiro sentimento foi dizer que o que eu chamo de *linguística*...

Madame KRESS-ROSEN fez um feitiço com esta denominação

...que o que chamo de *linguística* requer que a psicanálise seja sustentada. Acrescento que não há outra linguística além do que chamo de *linguística*, o que não significa que a psicanálise seja toda linguística.

O acontecimento o prova, a saber, que fazemos linguística há muito tempo, desde *Crátilo*, desde DONAT, desde PRISCIAN, que sempre o fizemos, e isso também não ajuda em nada, pois tendia a dizer da última vez - Percebi isso em conexão com este *S1* e este *S2* que estão separados na correta notação do que chamei de *discurso psicanalítico*. Acho que, apesar de tudo, você conseguiu um pouco de informação com os belgas, e que o fato de eu ter falado da psicanálise como *uma farsa*, chegou aos seus ouvidos, eu diria até que *insisti* nisso.

falando desse *S1* que parece prometer um *S2*.

Você ainda tem que lembrar neste momento o que eu disse sobre o assunto...

que é saber a relação desse *S1* com esse *S2*

...Eu disse, na época dele, *que um significante era o que representa o sujeito em relação a outro significante*. Então o que podemos deduzir?

Vou dar-lhe uma pequena indicação, mesmo que apenas para iluminar meu caminho, porque,

não é auto-evidente.

A psicanálise pode ser uma farsa, mas não é uma farsa qualquer. É uma fraude que cai justamente em relação ao que é o significante. E o significante, deve-se notar mesmo assim que é algo muito especial: tem o que se chama de " *efeitos de sentido* ", e me bastaria conotar o *S2*, não ser o segundo no tempo, mas ter um " *duplo sentido* ", para que o *S1* tome seu lugar, e seu lugar corretamente.

Deve-se dizer ao mesmo tempo que o peso dessa duplicidade de sentido é comum a todos os significantes.

Acho que a Sra. KRESS-ROSEN não vai me contradizer...

se ela quiser opor-se de alguma forma, ela é totalmente livre para *me* informar porque, repito, estou feliz por ela estar aqui

...a psicanálise não é - eu diria - mais *uma fraude* do que a própria *poesia*, e a poesia se baseia justamente nessa ambiguidade de que falo e qualifico como "*duplo sentido*".

A poesia me parece mesmo assim surgir da relação do significante com o significado. Podemos dizer de certa forma que a poesia é *imaginativamente simbólica*. Quero dizer que, uma vez que Madame KRESS-ROSEN mencionou ontem SAUSSURE e sua distinção entre *linguagem* e *fala*, não sem notar, aliás, que quanto a essa distinção SAUSSURE vacilara.

Resta, no entanto, que sua partida...

a saber, *que a linguagem é fruto de um amadurecimento, um amadurecimento* de algo que se cristaliza no uso ...o fato é que a poesia vem de uma violência feita para esse uso e que - temos prova disso - se mencionei DANTE e amo a poesia da última vez, é para marcar *essa violência que a filosofia faz tudo para apagar*.

É assim que a filosofia é, de fato, o campo de provas da trapaça e como não se pode dizer que a poesia não joga ali, à sua maneira, inocentemente, o que chamei de instante, o que conotei de *imaginário simbólico*, que se chama *Verdade*. Chama-se *a Verdade*, especialmente no que diz respeito *ao relacionamento sexual*, ou seja, como eu digo...

talvez o primeiro, e não vejo por que vou fazer um título dele

...a relação sexual: não há, digo estritamente falando, no sentido de que haveria algo que faria um homem necessariamente reconhecer uma mulher. É certo que tenho essa fraqueza de reconhecer "o", mas estou, no entanto, suficientemente informado para ter assinalado que não existe "o", o que coincide com a minha experiência, nomeadamente que não reconheço todas as mulheres.

Não há nenhum...

mas mesmo assim deve ser dito que não é auto-evidente ... *Não há nenhum*, exceto incestuoso...

isso é exatamente o que Freud propôs

...Não há senão incestuoso ou assassino, quero dizer que o que FREUD disse é que o mito de Édipo designa isto: que a única pessoa com quem se quer dormir é sua mãe, e que pelo pai o matam.

É ainda mais provável que não saibamos quem são seu pai e sua mãe, é exatamente assim que o mito de Édipo tem um significado: ele matou alguém que não conhecia e dormiu com alguém que não tinha ideia de que era sua mãe. No entanto, foi assim que as coisas aconteceram de acordo com o mito, e o que isso significa é que, em suma, não há nada de verdadeiro exceto a castração.

Em todo o caso com a castração, temos a certeza de escapar dela, como toda essa mitologia dita grega a designa bem para nós, ou seja, que o pai não se trata tanto de assassinato quanto de sua castração, que a castração *passa* pelo assassinato e que, quanto à mãe, o melhor a fazer é cortá-la para ter certeza de não cometer incesto. Sim...

O que eu gostaria é de lhe dar a refração dessas verdades em significado. Seria necessário conseguir dar uma ideia de estrutura, que seria tal que encarnasse o sentido de forma correta.

Ao contrário do que se diz, não há verdade sobre o *Real*, pois o *Real* é desenhado como *sentido excludente*. Isso ainda seria dizer demais, que existe o *Real*, porque dizer isso é o mesmo que supor um sentido.

A própria palavra *Real* tem um significado, eu até, no meu tempo, brinquei um pouco com ela, quero dizer que, para invocar as coisas, fiz eco da palavra *reus* que, como você sabe, em latim significa *culpado*:
somos mais ou menos culpados do *Real*. É por isso mesmo que *a psicanálise é uma coisa séria*, quero dizer que não é absurdo dizer que ela pode cair na fraude.

Há uma coisa que deve ser notada de passagem, que é que, como apontei *a última vez* para Pierre SOURY...

a última vez, quero dizer, em suas próprias instalações, em Jussieu, aquela de que lhe falei *da última vez*

...Ressaltei-lhe que o *toro reversível* que ele faz na aproximação ao *nó borromeano* é algo que, para o *nó* em questão, supõe *que um único toro seja devolvido*.

Não, é claro, que não se possa devolver outros, mas então não é mais um *nó borromeano*. Eu te dei uma ideia disso com um pequeno desenho da última vez. Não é, portanto, surpreendente afirmar sobre este *toro*...

deste *toro* que parte de um nó tripló borromeano,

...deste *toro* se você o virar de cabeça para baixo, para qualificar o que está no toro - no *toro* do *Simbólico* - como *simbolicamente real*.

O *simbolicamente real* não é o *realmente simbólico*, porque o *realmente simbólico* é o *Simbólico* incluído no *Real*.

O *Simbólico* incluído no *Real* tem um nome, chama-se *mentira*. Em vez do *simbolicamente real*...

Quero dizer o que do *Real* é conotado dentro do *Simbólico*

...isso se chama *ansiedade*.

O *sinthoma* é *real*, é mesmo a única *coisa verdadeiramente real*, isto é, que tem um sentido, que conserva um sentido no *Real*.

É por isso que o psicanalista pode, se tiver sorte, intervir simbolicamente para *dissolvê-lo no Real*.

Então, vou anotar para vocês de passagem o que é *simbolicamente imaginário*. Bem, isso é *geometria*...

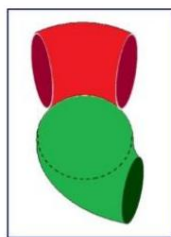
o famoso *mos geometricus* de que tanto se fala

...é a *geometria dos anjos*, ou seja, algo que, apesar da escrita, não existe.

Certa vez, brinquei muito com o reverendo padre TEILHARD DE CHARDIN, apontando-lhe que, se ele se importava tanto com as Escrituras, ele tinha que reconhecer que os anjos existiam. Paradoxalmente o Reverendo Padre TEILHARD DE CHARDIN não acreditava nisso, acreditava no homem, daí sua história de " *hominização* " do planeta.

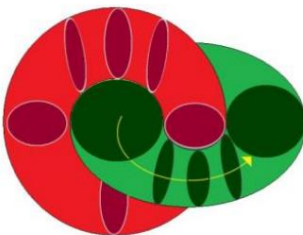
Não vejo por que acreditaríamos mais na *hominização* de qualquer coisa do que na geometria.

A geometria diz respeito expressamente aos anjos, e para o resto, isto é, para a *estrutura*, reina apenas uma coisa, e isso é o que chamo de *inibição*. É uma *inibição* com a qual eu luto, quer dizer, eu me importo, eu me preocupo com qualquer *estrutura que eu traga para você aqui*, uma preocupação que só está relacionada ao fato de que a *geometria* verdadeira não é aquela que nós acreditamos, aquela que vem de espíritos puros, do que aquele que tem corpo, é isso que queremos dizer quando falamos de *estrutura*. E para começar a colocar isso em preto no branco, vou mostrar a vocês do que se trata quando falamos de *estrutura*. É algo assim:



isso é saber de um toro com buracos - isso, devo isso a Pierre SOURY - quero dizer que é fácil completar esse toro.

Você pode ver claramente que aqui está, se assim se pode dizer, a borda - se assim se pode expressar assim, também impropriamente - a borda do buraco que está no toro e que tudo isso é o corpo do toro.



Este toro, não é suficiente desenhá-lo assim. Porque percebemos que perfurando esse toro, ao mesmo tempo fazemos um furo em outro toro. É próprio do toro, porque é igualmente legítimo desenhar o buraco aqui e fazer um toro que está, se assim posso dizer, *ligado a esse*. De fato, é assim que se pode dizer que, ao perfurar um toro, perfura-se simultaneamente outro toro, que é aquele que tem uma *relação em cadeia com ele*.

Então vou tentar descobrir para você o que podemos desenhar aqui de uma *estrutura* que você só pode ver desenhando-a em duas cores, acho que é bastante óbvio que isso, ou seja, o verde em questão, é o interior de o toro vermelho, mas por outro lado aqui você pode ver que o segundo toro está do lado de fora. Mas não se trata de um segundo toro, pois o que está em jogo é sempre a mesma figura, mas uma figura que demonstra que pode deslizar dentro do que chamarei de toro vermelho, que desliza ao girar e que realiza esse toro em cadeia com o primeiro.

Este verde...

este verde que está na superfície, exterior ao toro vermelho

...se o girarmos, ele se encontrará aqui representado por seu próprio slide, e o que podemos dizer de ambos é que esse toro verde é exatamente o que representa o que poderíamos chamar de complemento do outro toro, ou seja o toro acorrentado.

Mas suponha que seja o toro vermelho que estamos arrastando assim. O que obtemos é isso, é algo, que se encontrará inversamente percebendo que algo que está *vazio* está ligado a algo que está *vazio*, ou seja, saber que o que está lá aparecerá o. Em outras palavras, o que suponho com essa manipulação é que, longe de ter duas *coisas concêntricas*, teremos, ao contrário, duas coisas que se *jogam* uma na outra.

E o que quero dizer com isso é algo que me perguntaram quando falei sobre *Full Word* e *discurso vazio*. Esclareço agora:

- *discurso* completo é discurso cheio de *significado*.
- *discurso vazio* é aquele que tem apenas *significado*.

Espero que a senhora deputada KRESS-ROSEN - cujo sorriso inteligente ainda consigo ver - não considere isto um grande inconveniente.

Quero dizer com isso que uma palavra pode ser tanto cheia de sentido... é cheia de sentido porque parte dessa duplicidade desenhada aqui, é porque a palavra tem " *duplo sentido* ", que é S2, que a palavra de *significado* está cheio em si.

Quando falo de *Verdade*, é ao sentido que me refiro, mas a característica da poesia quando falha é justamente ter um só *sentido*, ser *puro nó de uma palavra com outra palavra*. O fato é que a vontade de sentido consiste em eliminar o duplo sentido, o que só é concebível realizando, se assim posso dizer, um corte, ou seja, fazendo com que haja apenas uma direção, o verde cobrindo o vermelho ocasião.

Como pode o poeta realizar essa façanha de tornar o sentido ausente?
É, claro, substituindo-o, esse sentido ausente, pelo que chamei de significação.
Significado não é o que um povo vaidoso acredita, se assim posso dizer.

Significado é uma palavra vazia, ou seja, é o que, em relação a DANTE, se expressa no *qualificador* colocado em sua poesia, a saber, que ela está apaixonada. O amor não é mais que um significado, ou seja, é vazio e podemos ver claramente como DANTE o encarna, esse significado.

O desejo tem um significado, mas o amor, como já o descrevi em meu seminário sobre *Ética*, como o amor cortês o sustenta, é apenas um significado.

Então. Contento-me em dizer-lhe o que lhe disse hoje, pois além disso não vejo por que insistir.

19 de abril de 1977

[Tabela de sessões](#)

Estou com um pequeno incômodo hoje, minhas costas doem, então não está me ajudando a ficar de pé.
E quando me sento, também sinto dor. Isso certamente não é uma razão, porque não sabemos o que é intencional,
para que possamos elucidar o que é suposto ser.

O *eu*, já que chamamos assim...

chamamos assim na segunda topografia de FREUD

... o *ego* deve ter *intenções*, isso porque atribuímos a ele o que ele fala, o que chamamos de *dizer*.

Ele *diz* - de fato - ele diz, e ele diz *imperativamente*. Pelo menos é assim que ele *começa* a se expressar.

O imperativo é o que apoiei, digamos do *significante índice 2* : S2.

Esse significante índice 2 do qual eu defini o sujeito, eu disse *que um significante era o que representava o sujeito para outro significante*.

No caso do *imperativo*, é aquele que escuta que, assim vem S, torna-se sujeito. Não é que aquele que pronuncia não se torne também sujeito, incidentalmente. Sim...

Gostaria de chamar a atenção para uma coisa: na psicanálise só há " *eu gostaria* ".

Sou obviamente um psicanalista que tem uma garrafa um pouco demais, mas é verdade que o psicanalista, no ponto em que cheguei, depende da leitura que faz de seu analisando, do que seu analisando lhe *diz* em termos literais. ...

Você ouve, porque afinal não tenho certeza se esse megafone funciona?

Funciona lá... no... Hein? Sim ? Bom !

...o que seu analisando pensa que está lhe dizendo, isso significa que tudo o que o analista ouve não pode ser tomado, como se expressa, *ao pé da letra*.

Aí eu tenho que fazer um parêntese, eu disse a tendência que essa carta...

do qual este pé indica o apego ao chão, que é uma metáfora, uma *metáfora pobre*, que combina bem com o *pé*

...a *tendência* que esta carta tem de juntar o *Real* é problema dela. *O Real na minha notação é o que é impossível de alcançar*.

O que seu analisando, para o analista em questão, acredita que está lhe contando, não tem nada a ver - e isso, percebeu FREUD - não tem nada a ver com *a verdade*.

No entanto, devemos lembrar que *acreditar* já é algo que existe: ele diz o que acredita ser verdade.

O que o analista sabe é que ele só fala próximo ao verdadeiro, porque desconhece o *Verdadeiro*. FREUD - aí - é delirante o suficiente, porque imagina que o *Verdadeiro* é o que ele chama - ele - de *núcleo traumático*.

É assim que se expressa *formalmente*, a saber, que, à medida que o sujeito profere algo mais próximo de seu *núcleo traumático* - esse assim chamado núcleo, e que não tem existência, ele só existe *o papel*, que o analisando é exatamente como seu analista, quer dizer...

como apontei ao invocar meu neto

...a aprendizagem que teve de uma língua entre outras, que para ele é *lalíngua*...

que escrevo - sabemos - em uma palavra

...na esperança de *calçar* - ela - a linguagem, que se *confunde* com o *fazer-real*.

Lalíngua seja lá o que for é uma *obscenidade*. O que FREUD designa - perdoe-me a ambiguidade aqui - *a obre-cena*, é também o que ele chama *a outra cena*, aquela que a *linguagem* ocupa com o que se chama *sua estrutura, estrutura elementar* que se resume ao *parentesco* ⁹.

Ressalto a você que há sociólogos que afirmaram sob o patrocínio de um homem chamado Robert NEEDHAM¹⁰...

quem não é o NEEDHAM que cuidou da ciência chinesa com tanto cuidado, quem é outro NEEDHAM: o

NEEDHAM da ciência chinesa não se chama Robert

... ele, o NEEDHAM em questão, acha que está se saindo melhor do que os outros ao fazer a observação - além disso, justa -

que o parentesco deve ser questionado, ou seja, envolve realmente outra coisa, uma variedade maior, uma diversidade maior do que aquilo que...

deve ser dito, é a isso que se refere

...do que dizem os analisandos.

9 Cf. Claude Lévi-Strauss: " *As estruturas elementares do parentesco* ", PUF 1949.

10 Rodney Needham: " *O parentesco em questão. Onze contribuições à teoria antropológica*. Limiar, 1977. Rodney Needham (1923-2006) é um antropólogo britânico que introduziu as teses estruturais de Claude Lévi-Strauss nas universidades anglo-saxônicas.

Mas o que chama a atenção é que os analisandos - eles - falam apenas disso, de modo que a observação, inevitavelmente, que o parentesco tenha valores diferentes em diferentes culturas, não impede que a reelaboração dos analisandos de sua relação com seus pais - aliás, é preciso dizer, parentes - seja um fato que o *analista* tem que sustentar.

Não há exemplo de que um analisando perceba a especificidade, a particularidade que diferencia - de outros analisandos - seu relacionamento com seus pais mais ou menos imediatos. O fato de ele falar apenas disso é de certa forma algo que obscurece todas as nuances de sua relação específica, de modo que *La parentesco em questão* - é um livro publicado por Seuil - que o *parentesco em questão* destaca o fato primordial de que é *lalíngua* que está em questão.

Não tem as mesmas consequências que o analisando só fala disso *porque* seus parentes próximos lhe ensinaram a *língua*, ele não diferencia o que especifica sua relação com ele, com seus *parentes próximos*.

Seria necessário perceber que o que chamarei nesta ocasião *de função da verdade*, é de certa forma *amortizado* por algo prevalente, e seria necessário dizer que a cultura está ali amortecida, *amortecida*, e que, nesta ocasião, seria melhor talvez evocar a metáfora - já que " *cultura* " é também uma metáfora - a metáfora do " *agricultor* " do mesmo nome. Seria necessário substituir o " *agri* " em questão pelos termos " *caldo de cultura* ", seria melhor chamar " *cultura* " um *caldo de linguagem*.

Associação livre, o que significa...

Estou tentando levar as coisas um pouco mais longe aqui.

O que significa associar-se livremente? Isso é uma garantia...

parece ser uma garantia

...que o sujeito que enuncia vai dizer coisas que têm um pouco mais de valor?

Mas finalmente todos sabem que o *raciocínio*...

como se chama assim na psicanálise

... o *raciocínio* tem mais peso do que o raciocínio.

O que as chamadas declarações têm a ver com uma proposição verdadeira?

Devemos tentar, como Freud coloca, ver em que esse algo se baseia...

que só funciona com desgaste

...da qual se supõe *a Verdade*. Seria preciso ver, abrir-se à dimensão da *verdade* como variável, ou seja, do que...

condensando as duas palavras assim

...Eu chamaria *variedade*, com um pequeno " *é* " engolido, *variedade*.

Por exemplo, vou dar algo que tem seu preço: *se um analisando introduz um neologismo em seu discurso*...

como acabei de fazer, por exemplo, em relação à " *variedade* "

...o que podemos dizer sobre esse neologismo?

Ainda há algo que se pode dizer sobre isso, é que o neologismo aparece quando *é escrito*.

E é justamente naquilo que não significa, assim, automaticamente, que é o *Real*.

Não é porque está *escrito*, que dá peso ao que mencionei anteriormente sobre *o literalmente*.

Em suma, devemos ainda levantar a questão de saber se a psicanálise...

Peço seu perdão, peço seu perdão pelo menos aos psicanalistas

...não é isso que podemos chamar de " *autismo a dois* "?

Ainda há uma coisa que torna possível forçar esse *autismo*, é precisamente que *lalíngua é um assunto comum* e que...

é precisamente onde estou, ou seja, capaz de me fazer ouvir por todos aqui

...é isso que é o fiador - é por isso mesmo que eu coloco na agenda *Transmissão da psicanálise* - esse é de fato o fiador de que a psicanálise não perderá irredutivelmente o que chamei anteriormente de " *autismo a dois* ".

Falamos sobre " *o ardil da Razão* ", é *uma ideia filosófica*. Foi HEGEL quem inventou isso.

Não há o menor *truque da Razão*. Não há nada constante, ao contrário do que Freud afirmou em algum lugar:

" *Que a voz da razão era baixa, mas sempre repete a mesma coisa* ".

Ela repete as coisas apenas para andar em círculos. Simplificando: a razão repete o *sinthoma*.

E o fato de que hoje eu tenho que comparecer diante de vocês com o que se chama de *sinthoma físico*, não impede que vocês se perguntem com razão se não é intencional, se por exemplo eu não abundava em tal *comportamento de merda que meu sintoma*, por mais físico pode ser, é tudo a mesma coisa que eu queria.

Não há razão para parar nesta extensão do *sinthoma*, pois é algo suspeito, gostemos ou não. Por que esse *sinthoma* não seria intencional? É um fato que a *língua* ...

Eu escrevo isso: *é.langue*

... essa *élangue se estende* para ser traduzida uma na outra, mas que o único saber permanece o saber das *élangues*, que o parentesco não se traduz em *fato*, mas só tem isso em comum: que os analisandos falam apenas disso. É até o ponto em que *o que eu chamo de vez em quando "um velho analista"* está cansado disso.

Por que Freud não introduz algo que ele chamaria de "*ele*".

Quando escrevi minha coisinha ali, pra tagarelar pra vocês, cometi um deslize, mais um: em vez de escrever "*como eu*"...

que *como eu* não era particularmente benevolente, era o que eu chamaria de *retardo mental*

...eu cometi um deslize, eu - em vez de "*como eu*" - escrevi "*assim*".

Escrever - já que tudo o que *está escrito*, é isso mesmo que constitui o *dizer* - escrever que o analisando consegue *comigo*, é também "*eu*" com "*ele*". Que a análise fale apenas do "*eu e do aquilo*", nunca do "*ele*", é mesmo assim muito marcante. "*Ele*", porém, é um termo que se imporia.

E se FREUD despreza mencioná-lo, é de fato - é preciso dizer - que ele é *egocêntrico* e até *superegocêntrico* !

É disso que ele está cansado. Ele tem todos os vícios do mestre: ele não entende nada. Porque o único mestre, deve-se dizer, é a consciência, e o que ele diz sobre o inconsciente não passa de confusão e confusão, ou seja, retorna a essa mistura de desenhos grosseiros e metafísica que não combinam um com o outro.

Qualquer pintor é antes de tudo um *metafísico*, um *metafísico* que faz desenhos grosseiros.

Ele é um dauber, daí os títulos que dá às suas pinturas. Até a arte abstrata é *securitizada* como as outras...

Eu não quis dizer posse porque isso não significaria nada

...até a arte abstrata tem títulos, títulos que tenta esvaziar ao máximo, mas ainda assim se torna *securitizado*.

Sem isso, Freud teria tirado as consequências do que ele mesmo diz que o analisando não conhece sua verdade, pois não pode dizê-la. O que defini como "*não deixar de ser escrito*", ou seja, o *sinthoma*, é aí um obstáculo. Eu volto a isso.

O que o analisando diz enquanto espera ser verificado não é a verdade, é *a variedade do sinthoma*.

Devemos aceitar as condições da mente, na vanguarda da qual está a debilidade, que significa a impossibilidade de sustentar um discurso contra o qual não há objeção, mental, precisamente. A mente é discurso.

Fazemos o possível para que o discurso deixe vestígios.

É a história do *Entwurf*, do projeto de Freud, mas a memória é incerta. O que sabemos é que há lesões do corpo que provocamos, do chamado corpo vivo, que suspendem a memória ou pelo menos não nos permitem contar com os traços que lhe são atribuídos quando morre. .

Essas objeções à prática da psicanálise devem ser levantadas. FREUD era retardado mental, como todo mundo...

e gosto de mim de vez em quando, especialmente

...também: neurótico. Um *maníaco da sexualidade*, como dissemos.

Não vemos por que a *obsessão pela sexualidade* não seria tão válida quanto qualquer outra, pois para a espécie humana a sexualidade é justamente obsessiva. É realmente anormal no sentido que defini: "*Não há relação sexual*".

FREUD - isto é, um caso - teve o mérito de notar que a neurose não era estruturalmente *obsessiva*, que era *fundamentalmente histérica*, ou seja, ligada ao fato de que *'não há relação sexual'*, que há pessoas que têm nojo por isso, que ainda é um sinal, um sinal positivo, que os faz vomitar.

A relação sexual deve ser reconstituída por um discurso, isto é, algo que tenha uma finalidade completamente diferente.

Para que serve o discurso antes de mais nada: serve para *ordenar*, quero dizer para carregar o comando que me permito chamar de "*intenção do discurso*", já que em qualquer intenção resta algum - imperativo -.

Todo discurso tem um efeito sugestivo. Ele é hipnótico. Vale destacar a contaminação do discurso pelo sono, antes de ser potencializada pelo que se denomina experiência intencional, ou tomada como comando imposto aos fatos.

Um discurso é sempre sonolento, exceto quando você não o entende: então ele te acorda.

Animais de laboratório são prejudicados não porque estão mais ou menos feridos, eles estão acordados, perfeitamente, porque não entendem o que se quer deles, mesmo que seu suposto instinto seja estimulado. Quando você move os ratos *em uma caixinha*, você está estimulando seu *instinto alimentar*, como chamamos, é apenas fome. Em suma, o despertar é o *Real* em seu aspecto de *impossível*.

Quer seja escrita apenas à força ou à força, a natureza, como qualquer noção que venha à mente, é uma noção excessivamente vaga.

Para dizer a verdade, o *não natural* é mais claro que o natural. Os pré-socráticos, como são chamados, tinham uma inclinação para o *não natural*. Tudo isso vale a pena atribuir *cultura a eles*.

Tinham que ser dotados para forçar um pouco o discurso, o *ditado imperativo* que vimos *adormece*.

A *verdade* acorda ou adormece? Depende do tom em que se diz. A poesia falada *coloca* você para dormir.

E aproveito para mostrar a coisa que François CHENG inventou, que na verdade se chama CHENG TSI CHEN.

Colocou "François" assim, só para se reabsorver em nossa cultura, o que não o impediu de manter muito firme o que diz. E o que ele diz é *Escrita Poética Chinesa*, foi publicado no Le Seuil e eu gostaria muito que " *você pegasse a semente* disso", que " *você pegasse a semente* disso", se você é *psicanalista*, o que não é o caso para todos aqui.

Se você é psicanalista, verá que esses forçamentos pelos quais um psicanalista pode fazer soar outra coisa, outra coisa que não o *sentido...*

porque o *sentido* é o que ressoa com a ajuda do significante, mas o que ressoa não vai longe, é bem suave
...o *sentido está* estampado, mas com a ajuda do que se chama de escrita poética pode-se ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica.

É certo que a *escrita* não é o que a poesia, a ressonância do corpo se expressa.

Ainda assim, é bastante impressionante que os poetas chineses se expressem através da *escrita* e que - para nós - o que é preciso é que tomemos a noção, na escrita chinesa, do que é aquela poesia, não que toda poesia...

Estou falando especificamente do nosso

...que toda a poesia seja tal como podemos imaginá-la *escrevendo*, pela *escrita* poética chinesa .

Mas talvez você sinta *algo lá*, *algo* diferente do que torna os poetas chineses incapazes de fazer qualquer coisa além de *escrever*. Há uma coisa que dá a sensação de que não se reduzem a isso, é que zumbem, é que modulam, é isso que François CHENG afirmou antes de mim, a saber:

um *contraponto tônico*, uma *modulação*, que o faz cantar, porque da *tonalidade* para a *modulação*, há um deslocamento.

Que você possa se inspirar em *algo* da ordem da poesia para intervir, é isso que eu diria, é a isso que você tem que recorrer, porque a *linguística* ainda é uma ciência eu diria *muito equivocada*.

Se a *linguística* surge, é na medida em que um romano JAKOBSON aborda francamente *questões de poética*.

A metáfora *e* a *metonímia* só têm significado para a interpretação na medida em que são capazes de *funcionar como outra coisa*. E essa outra coisa da qual eles funcionam é de fato aquilo pelo qual som e significado estão intimamente unidos.

É na medida em que a *interpretação correta extingue um sintoma* que a verdade se especifica como poética.

Não é do lado da *lógica articulada* - embora de vez em quando eu caia nela - não é do lado da *lógica articulada* que devemos sentir o alcance de nosso *dizer*, não é claro que em algum lugar haja *algo* que valha a pena fazer *dois lados* .

O que sempre afirmamos - porque é a lei do discurso - o que sempre afirmamos como *sistema de oposição*, é isso mesmo que teríamos que superar, e a primeira coisa seria extinguir a *noção de Belo*.

Não temos nada de bom para dizer. Trata-se de outra ressonância, a ser fundada no *chiste*.

Um *chiste* não é belo, vem apenas de um equívoco, ou – como diz FREUD – de uma " *economia* ".

Nada é mais ambíguo do que essa noção *de economia*. Mas mesmo assim, a *economia* estabelece o valor.

Uma *prática sem valor* : eis o que se trata de instituir para nós.

10 de maio de 1977

[Tabela de sessões](#)

Estou quebrando a cabeça, o que já é chato, porque estou quebrando seriamente, mas o mais *chato* é que não sei por que estou quebrando a cabeça. Há alguém que - um homem chamado GÖDEL [1906-78] - que vive na América e que pronunciou o nome " *indecidível* ". O que é sólido nessa afirmação é que ela demonstra que há algo indecível.

E ele demonstra isso em que terreno? Em algo que eu chamaria, assim, o mais mental de todos os mentais...

Refiro-me a tudo o que é mais mental, o mental por excelência, o ponto do mental

...saber o que conta: *o que conta é aritmética*. Quero dizer, *é a aritmética que desenvolve o contador*.

A questão é saber se existem *Uns* que são *incontáveis*, pelo menos é o que o CANTOR tem promovido.

Mas isso permanece duvidoso mesmo assim, dado que só conhecemos o finito, e que o finito é sempre contado.

Isso significa *a fraqueza da mente*? É simplesmente *a fraqueza do* que chamo *de Imaginário*.

O inconsciente foi identificado por FREUD - não sabemos porque - o inconsciente foi identificado por FREUD com o mental.

Isso é pelo menos o que resulta do fato de que a mente é tecida de palavras, entre as quais...

está expressamente - me parece - a definição dada por FREUD

...entre os quais sempre há *erros* possíveis. Daí a minha afirmação de que do *Real* só existe *o impossível*.

É aqui que tropeço: o *Real* é impossível de se pensar?

Se ele não parar...

mas há aqui uma nuance: não estou afirmando

que não deixa de não ser dito, nem que seja porque nomeio o

Real como tal, mas estou dizendo:

...que ele nunca deixa de não escrever ele mesmo.

Tudo o que é mental, afinal, é o que escrevo sob o nome de " *sinthome* " (*sinthome*), ou seja, *signo*.

O que significa ser *um signo*? É aqui que estou quebrando a cabeça.

Podemos dizer que a negação é um signo? Uma vez tentei colocar o que está envolvido na *instância da carta*.

Diz tudo para dizer que o sinal da negação, que se escreve assim: ÿ não precisa ser escrito?

O que é negar? O que podemos negar?

Isso nos coloca no banho da *Verneinung* cuja essência FREUD promoveu. O que ele afirma é que a negação pressupõe um *Bejahung*: é a partir de algo que se afirma como positivo que se escreve a negação.

Em outras palavras, o signo deve ser buscado – e isso é realmente o que, neste *exemplo da carta*, eu coloquei – deve ser buscado como a *congruência* do signo com o *Real*.

O que é um sinal que não pode ser escrito? Porque este sinal, nós realmente o escrevemos.

Destaco assim, por um tempo, a relevância do que *lalíngua* – francês – afeta como advérbio.

Podemos dizer que o *Real* mente?

Em análise, pode-se dizer com certeza que o *Verdadeiro* mente. A análise é um processo longo - nós a encontramos em todos os lugares - que o *chemine-ne-mente* é algo que só ocasionalmente pode nos sinalizar que - como na linha telefônica - estamos tropeçando uns nos outros. E então, o fato de podermos apresentar tais coisas levanta a questão de qual é o significado.

Haveria sentido apenas como mentiroso, já que a noção de *Real*, podemos dizer que *exclui* - que deve ser escrito no subjuntivo - que *exclui* o significado?

Isso indica que ela também *exclui a mentira*? De fato, é disso que estamos lidando quando apostamos em suma no fato de que o *Real* exclui...

no subjuntivo, mas *o subjuntivo é a indicação do modal*

...o que é modulado neste modal que excluiria a mentira?

Na verdade, há - sentimos bem - em todos esses paradoxos. Os paradoxos são representáveis? *ÿÿÿÿ* [*doxa*] é a opinião, a primeira coisa sobre a qual eu introduzi uma conferência, no momento do que se chama ou do que se poderia chamar de meus começos, é no *Menon* onde se afirma que o *ÿÿÿÿ* [*doxa*] é o verdadeiro opinião.

Não há a mínima opinião verdadeira, pois há paradoxos. Esta é a questão que coloco: sejam ou não os paradoxos representáveis, quero dizer, *desenháveis*. O princípio de dizer a verdade é a negação. E minha prática - já que há prática, prática sobre a qual me pergunto - é que eu entro, tenho que entrar - porque é assim que se estraga - tenho que escorregar entre a transferência, que se chama, não sei porquê, negativa - mas é fato que chamamos assim, chamamos de negativo porque sentimos que há algo... Ainda não sabemos o que é transferência positiva, transferência positiva, foi o que tentei definir sob o nome de *sujeito suposto saber*.

O que é *suposto saber*? Ele é o analista. É uma *atribuição*, como a palavra *suposto já indica*. Uma atribuição é apenas uma palavra: há um sujeito, algo que está *abaixo*, que *deveria saber*. O conhecimento é seu atributo. Há apenas uma coisa, é impossível dar o atributo de conhecimento a qualquer um.

Aquele que sabe é - na análise - o analisando, *o que ele desdobra, o que ele desenvolve, isso é o que ele sabe*, exceto que é um Outro - mas existe um Outro? - que é um Outro que segue o que tem a dizer, ou seja, o que sabe. Essa noção do Outro, eu a marquei em certo gráfico com uma barra que a quebra, A. Isso significa que a quebra é *negada*? A análise propriamente dita afirma que o Outro nada mais é que essa duplicidade.

Há Um, mas não há mais nada. O *Um* - eu disse - o *Um* dialoga sozinho, pois *recebe sua própria mensagem de forma invertida*. É ele quem sabe, e não o *suposto conhecimento*. Apresento também esse algo que é afirmado a partir *do universal*, e isso para negá-lo: eu disse que não há " *todos* ".

É por isso que as *mulheres* são mais homens do que homens. Eles *não são todos*, eu disse. Esses " *todos* ", portanto, *não possuem traço comum*. No entanto, eles têm isso, o *único traço comum* : o *traço* que chamei *unário*. Eles são reforçados pelo *Um. Há Um*, repeti antes para dizer que *há Um* e nada mais.

Há Um, mas isso significa que ainda há *sentimento*. Esse sentimento que chamei - segundo as unidades - a que chamei o apoio, o apoio do que devo reconhecer: o *ódio*, na medida em que esse ódio se relaciona com o *amor*.

A *morte* em que escrevo - mesmo assim devo terminar nisto - que escrevo no meu título deste ano: *L'insu que sais* - quói? - *de um erro*. Não há nada mais difícil de apreender do que esse traço do *une-bévue*. Este *erro* é o que eu traduzo *por Unbewußt*, ou seja, o Inconsciente. Em alemão, isso significa inconsciente, mas traduzido por *une-bévue*, significa algo bem diferente, significa uma pedra de *tropeço*, um *tropeço*, uma *passagem* de palavra em palavra, e é isso mesmo. chave errada para abrir uma porta que justamente essa chave não abre.

FREUD corre para dizer que pensamos que ela abriu essa porta, mas estávamos errados. *Bévue* é de fato o único significado que nos resta para essa consciência. A consciência não tem outro suporte senão permitir um *erro*. É muito preocupante porque essa consciência é muito parecida com o inconsciente, pois é ele que se diz ser o responsável, responsável por todos esses erros que nos fazem sonhar. Sonhando em nome de quê? Do que chamei *de objeto(a)*, a saber, aquele do qual o sujeito está dividido, que *em essência* é barrado, ou seja, ainda mais barrado que o Outro.

É por isso que estou quebrando a cabeça. Estou quebrando a cabeça e acho que no final é a psicanálise que *faz a verdade*. Mas *para ser verdade*, como devemos ouvi-lo? É um golpe de sentido, é um " *significado em branco* ".

Há toda a distância que designei do *índice S 2 [S2]*, até o que ele produz. Não há dúvida de que o *analisando produz o analista*. E é por isso que me pergunto sobre esse status do analista ao qual deixo seu lugar de *agir verdadeiro*, de *semblante* :

$$\begin{array}{c} \uparrow a \rightarrow S \\ S_2 \diamond S_1 \downarrow \end{array}$$

E que eu considero estar em outro lugar, lá onde - você já viu - não há nada mais fácil do que cair na *asneira*, quero dizer, em um efeito do inconsciente, já que foi de fato um efeito do meu inconsciente, o que significa que você teve a gentileza de considerar isso como um *lapso*, e não como o que eu queria qualificar-me, a saber - da próxima vez - como um erro grosseiro.

O que esse sujeito - sujeito dividido - tem de efeito se o *S1, S índice 1, o significante índice 1*, se encontra em nosso *tetraedro*, pois o que marquei é que, desse *tetraedro*, há sempre um de seus vínculos que está quebrado: ou seja, o *índice S 1 [S1]* não representa o sujeito em relação ao *índice S 2 [S2]*, ou seja, do Outro. O *índice S 1 [S1]* e o *índice S 2 [S2]* é exatamente o que designo pelo A dividido do qual me faço significante, *S(A)*.

É assim que o famoso inconsciente se apresenta. Esse inconsciente, em última análise, é impossível de compreender.

Não representa...

Falei anteriormente de paradoxos como sendo representáveis, ou seja, desenháveis ...não há desenho possível do inconsciente. O inconsciente limita-se a *uma atribuição*, a *uma substância*, a algo que se supõe estar “ *sob* ”. E o que a psicanálise afirma é precisamente isto: que é apenas uma – digo dedução – suposta dedução, nada mais. O que eu tentei dar substância com a criação do *Simbólico* tem precisamente este destino: que *não chegue ao seu destinatário*.

Mas como é que se afirma? Esse é o questionamento central da psicanálise.

Deixo assim por hoje. Espero poder em oito dias, pois haverá um 17 de maio - Deus sabe por quê - finalmente me disseram que haveria um 17 de maio, e que aqui não terei muitos examinados, senão você, que eu me examinarei e que talvez eu questione na esperança de que algo passe, passe do que eu dizer.

Adeus !

17 de maio de 1977

[Tabela de sessões](#)

*As pessoas não podiam ouvir no meio. Eu gostaria que alguém me dissesse desta vez se eles podem me ouvir.
Não é que o que eu tenho a dizer seja de extrema importância... Você pode me ouvir?
Alguém quer dizer se eles não podem me ouvir, por acaso?*

Bom. Então, para colocar as coisas *em ordem crescente de importância*, tive o prazer de perceber que meu ensino havia chegado a “*L'Écho des Savanes*”! *[Risos]*. Vou citar apenas duas linhas:

“ *Não é mais complicado que isso, psicanálise. Bem, essa é a teoria de Lacan* ”. Então !

L'Écho des Savanes n°30, onde você pode ler este texto, ainda é um pouco *pornográfico* *[risos]*.

Que eu consegui - bem, “consegui”... Não fiz de propósito! - que eu consegui ir tão longe quanto *pornô*, ainda é, ainda é o que chamamos de sucesso! Bom. Então ! Eu sempre coleciono cuidadosamente *L'Écho des Savanes*, como se estivesse apenas esperando por isso, mas obviamente não é o caso.

Assim, por ordem crescente de importância, vou contudo assinalar-vos a publicação em Le Seuil de um texto chamado *Polylogue*, que é de Julia KRISTEVA. Eu gosto muito deste texto. É uma coleção de vários artigos. Não é menos valioso. Eu ainda gostaria de saber, de Julia KRISTEVA, já que ela fez o esforço esta manhã, para ter a gentileza de se incomodar, como ela vê este *Polílogo*.

Gostaria que ela me dissesse se este *Polílogo*, como talvez por fim me apareça tanto quanto pude lê-lo...
porque eu não recebi há muito tempo

...se esse *Polílogo* é uma polilinguística , quero dizer: se a linguística está de alguma forma lá - o que eu acredito que esteja, no que me diz respeito - mais do que esparsa. É isso que ela quis dizer com *Polylogue* ? Ela balança a cabeça para cima e para baixo de um jeito que parece me aprovar, mas se ela ainda tivesse uma vozinha para gritar comigo, eu ainda não ficaria bravo. Isto é...

Julia KRISTEVA - É outra coisa que não a linguística. Passa pela linguística, mas não é isso.

LACAN

Sim. Só o que incomoda é que só passamos *pela* linguística. Quero dizer que *passamos*, e se eu disse algo válido, lamento que não possamos construir sobre isso.

Pra falar a verdade, não sei... eu tinha ouvido, de alguém que veio me puxar assim, pela manga, que JAKOBSON queria que eu participasse de uma *entrevista*. Estou muito aborrecido, sinto-me completamente *incapaz disso*.

Não é isso... e no entanto estou – como Julia KRISTEVA acabou de dizer – estive lá. Então !

Estive lá, mas não fiquei lá. Ainda estou *questionando a psicanálise sobre como ela funciona*.

Como é que ela se sustenta, que constitui uma prática às vezes até eficaz? Naturalmente, você ainda precisa passar por uma série de perguntas:

a psicanálise opera – já que de vez em quando ela opera – ela opera através do que se chama *efeito de sugestão* ? Para *que o efeito de sugestão* se mantenha, isso supõe que a linguagem – aqui estou me repetindo – essa linguagem se apegue ao que se chama homem.

Não é à toa que, em seu tempo, mostrei certa – assim – preferência por um certo livro de BENTHAM que fala da utilidade das *ficções*. As *ficções* são orientadas para o serviço, que é... enfim, justifica. Mas, por outro lado, há uma lacuna aí.

Que *tenha a ver com o homem* pressupõe que *saberíamos bem*, que *saberíamos suficientemente o que é o homem*.

Tudo o que sabemos do *homem* é que ele tem uma *estrutura*, mas não é fácil para nós dizer essa *estrutura* .

A psicanálise emitiu algumas *lamúrias sobre esse assunto*, a saber, que o homem se inclina para seu prazer, que tem um significado muito claro: o que a psicanálise chama de “ *prazer* ” é *sofrer*, sofrer, *o mínimo possível*. Aqui devemos, mesmo assim, lembrar a maneira como defini “ *o possível* ”, tem um curioso *efeito de inversão*, pois digo que:

“ *o possível é o que deixa de ser escrito* ”.

É pelo menos assim que o articulei claramente, no momento em que falava do *possível*, do *contingente*, do *necessário* e do *impossível*. Então, se transportarmos a palavra " *menos* ", assim, bem *desajeitado*, bem *brutal*, bem, isso dá:

" *o que deixa de ser escrito menos* ".

E, de fato, não para por um momento. É aqui que eu gostaria de fazer uma pergunta para esta querida Julia KRISTEVA: como ela chama...

isso, isso vai forçá-la a sair um pouco mais do que um fio de vozes como antes
... como ela chama a *metalinguagem*? O que significa " *metalinguagem* ", senão tradução?
Só se pode falar de uma *língua* em outra *língua* – *parece-me* ! - se de fato *o que eu disse no passado*, a saber: " *não há metalinguagem* ".

Há um *embrião de metalinguagem*, mas sempre erramos, por uma razão simples, que é que eu não conheço nenhuma *linguagem* do que uma série de *linguagens incorporadas*. Nós nos esforçamos para alcançar a linguagem através da *escrita*. E a *escrita* só dá alguma coisa na *matemática*, nomeadamente onde operamos pela *lógica formal*, nomeadamente *extraindo* um certo número de coisas que definimos principalmente como *axiomas*, e só operamos *extraindo brutalmente* essas *letras*, porque são *letras*.

Sim... Não há razão para acreditar que a psicanálise leva a " *escrever as memórias* ".
É precisamente porque *não há memória de uma psicanálise* que me embaraça tanto.

Não há memória, isso não significa que não haja memória interessada neste caso.
Mas " *escrever memórias* " é outra questão. Tudo repousa sobre uma *metáfora*, ou seja, *que imaginamos* que a *memória* é algo que *se imprime*, mas nada diz que essa metáfora seja válida.

Em seu *Projeto: Entwurf*, FREUD articula com muita precisão a *impressão* do que permanece na memória. Não é uma razão porque sabemos que os animais se lembram, para que seja o mesmo para o homem.

O que estou afirmando em todo caso é que a *invenção de um significante* é algo diferente da *memória*.
Não é que a criança *invente esse significante*: ela o recebe. E é mesmo aquilo que valeria a pena fazer mais.
Por que não *inventamos um novo significante*? Nossos *significantes* são sempre recebidos.
Um *significante*, por exemplo, que não teria - como o *Real* - nenhum tipo de significado...
Não sabemos, pode ser frutífero.

Pode ser frutífero, pode ser um meio, um meio de estupefação em qualquer caso. Não é que não tentemos. É mesmo nisso que consiste o *chiste*: consiste em usar uma palavra para um uso diferente daquele para o qual foi feita. No caso do " *millionaire* " esta palavra *está um pouco amassada*, mas é precisamente neste amassado que reside o seu efeito operacional.

Em todo caso, há uma coisa em que me aventurei a operar na direção da metalinguagem...
a metalinguagem sobre a qual antes questionei Julia KRISTEVA
...a metalinguagem em questão consiste em traduzir *Unbewußt*, por *une-bévue*.

Não tem o *mesmo significado*, mas é fato que assim que o homem dorme, ele " *une-bévue* " com todas as suas forças, e sem nenhum inconveniente, exceto no caso do sonambulismo. O sonambulismo tem uma desvantagem, é quando você acorda o sonâmbulo, enquanto ele anda nos telhados, pode acontecer que ele fique tonto.

Mas, na verdade, a *doença mental* que é o inconsciente não desperta. O que FREUD afirmou e o que quero dizer é o seguinte: que não há de modo algum um despertar. A ciência - ela - é apenas indiretamente evocável nesta ocasião: é um despertar, mas um despertar difícil e suspeito. É certo que só se está acordado se o que se apresenta e representa é - como disse - sem qualquer tipo de significado. Ora, *tudo o que se expressou até agora como ciência* depende da ideia de Deus. Ciência e religião combinam muito bem. É uma " *leitura de Deus* " ! Mas isso não pressupõe nenhum avivamento.

Felizmente, há um buraco. Entre o delírio social e a ideia de Deus, não há medida comum.
O sujeito se toma por Deus, mas é impotente para justificar que o significante seja produzido, do *significante S índice 1* [S1], e ainda mais impotente para justificar que esse *S índice 1* o represente com outro significante, e que seja por isso passam todos os efeitos de sentido, que são bloqueados imediatamente, ficam em um impasse. Então !

O *truque do homem* é *encher tudo isso* - eu lhe disse - *de poesia que é efeito de sentido*, mas também *efeito de buraco*.
É só a *poesia* - como eu lhe disse - que permite a *interpretação* e é nisso que não consigo mais, na minha técnica, segurar: não sou *burro o suficiente*, não sou " *bafado o suficiente* ". Então !

Isso é introduzir isto: sobre quais questões estão sendo feitas: a definição de neurose.
Você ainda precisa ser sensato e perceber que a neurose tem a ver com as relações sociais.
Você se livra um pouco da neurose, e não há certeza de que a curará dessa maneira.
A neurose obsessiva, por exemplo, é o princípio da consciência.

E também há coisas estranhas. Há um homem chamado CLERAMBAULT que percebeu um dia – *Deus sabe como o descobriu* – que havia *automatismo mental* em algum lugar. Não há nada mais natural do que *o automatismo mental*.

Que haja vozes...

 vozes, de onde elas vêm? eles necessariamente vêm do próprio sujeito
...que há vozes dizendo: " *Ela está limpando a bunda* "...
 espanta-nos que este escárnio, pois - parece - há escárnio
...não acontece com mais frequência.

Eu, eu vi recentemente, na minha " *apresentação dos doentes* ", como dizem - se eles estão doentes -
Eu vi um homem japonês que tinha algo que ele mesmo chamava de " *pensamento eco* ".
Qual seria o *eco do pensamento* se CLERAMBAULT não o tivesse fixado? Um " *processo serpiginoso* "
como ele chama isso! Não é nem mesmo certo que seja um *processo serpiginoso* onde se supõe estar o centro da linguagem.

Eu, no entanto, disse que esse japonês que tinha um gosto muito forte pela metalinguagem, ou seja,
que ele gostava de ter aprendido inglês e depois francês.

Não foi aí *que* o deslizamento foi? *Ele caiu no automatismo mental porque, em todas essas metalinguagens* -
que passou a ser manuseado com bastante facilidade - bem , *ele não conseguia encontrar o caminho de volta*. Aconselhei-me, a mim,
que lhe demos margem de *manobra* e que não parássemos no fato de que CLERAMBAULT um dia inventou algo chamado *automatismo mental*. Isso é *automatismo mental* normal .

Acontece que se eu não tenho um, é uma coincidência. Há tudo a mesma coisa, tudo a mesma coisa que pode ser chamada de
maus hábitos. Se você começar a dizer coisas para si mesmo...
 como ele se expressou, o japonês disse, textualmente,
... se começarmos a dizer coisas para nós mesmos, por que isso não cairia *no automatismo mental*, porque é tudo a mesma coisa muito
certa que ...
 de acordo com o que Edgar MORIN diz em um livro que apareceu
recentemente e onde ele se pergunta sobre *a natureza da natureza*
...é bem claro que a natureza não é tão natural, é mesmo nisso que consiste essa " *podridão* " que é o que geralmente se chama *cultura*,
a *cultura está borbulhando* como eu disse a vocês incidentalmente. Sim !

Os " *tipos* ", modelados pelas relações sociais, consistem em trocadilhos.

ARISTÓTELES ¹¹ atribui - não sabemos por quê - à mulher ser *histérica* : *é um trocadilho com yyyyyyy [hysteron]*.

Eu aponte algo para você sobre *parentesco* : *O parentesco em questão* é um livro que NEEDHAM, Rodney NEEDHAM, está
gerando, que não é o certo...

– *Por que* tudo é engolido no *parentesco mais plano* ?

– *Por que* as pessoas que vêm conversar conosco *sobre psicanálise* só nos falam sobre isso?

– *Por* que não diríamos que estamos totalmente relacionados com um " *pouate* " por exemplo...
 no sentido que eu articulei antes: o " *não pouate o suficiente* "
...um *pouate*, temos tanto *parentesco* com ele.

– *Por* que a psicanálise orienta as pessoas que nela se tornam mais flexíveis, orienta-as - em nome do quê - para
suas memórias de infância?

– *Por* que eles não deveriam se aproximar de um *pouate*, um *pouate* entre outros, qualquer um! Mesmo um *pouate*, é muito
comumente o que se chama de deficiente mental, não vemos por que um *pouate* seria uma exceção.

¹¹ Cf. Aristóteles, *A História dos Animais*, Livro IV.

Um *novo significante*, um que não teria nenhum tipo de sentido, que talvez fosse o que nos abriria para o que - com meus passos desajeitados - chamo de *Real*. Por que não tentaríamos formular um significante que tivesse, ao contrário do uso que costumamos fazer dele, que teria *um efeito* ?

É certo que tudo isso tem um *caráter extremo*. Se sou apresentado a ela pela psicanálise, não deixa de ser *significativo*. *Escopo* significa *significado*...

não tem absolutamente nenhum outro efeito

...o escopo significa *significado* e sempre permanecemos *colados ao significado*.

Como ainda não forçamos as coisas o suficiente, para testar o que daria, para forjar um significante que seria diferente? Bem, paro por aqui por hoje.

Se algum dia eu te chamar sobre esse significante, você o verá exibido e ainda será *um bom sinal*.

Como sou apenas relativamente deficiente mental - quero dizer que sou como todo mundo -

como sou apenas relativamente deficiente mentalmente, talvez um pouco de *luz* tenha acontecido comigo.

[Tabela de sessões](#)